

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

FACULDADE DE CIÊNCIAS– UNESP - BAURU

Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem

ÉRICA VIDAL DA CUNHA

**ANÁLISE COMPARATIVA QUANTO AO TRABALHO MATERNO REMUNERADO
OU NÃO: Interação com bebê, tempo de cuidado e crenças**

Bauru

2018

Érica Vidal Da Cunha

ANÁLISE COMPARATIVA QUANTO AO TRABALHO MATERNO REMUNERADO
OU NÃO: Interação com bebê, tempo de cuidado e crenças

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do título de Mestre à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem, área de concentração Comportamento e Saúde, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Lígia Ebner Melchiori.

Bauru
2018

Cunha, Érica Vidal da.

Análise comparativa quanto ao trabalho materno remunerado ou não: Interação com bebê, tempo de cuidado e crenças / Érica Vidal da Cunha, 2018
149 f. : il.

Orientadora: Lígia Ebner Melchiori

Dissertação (Mestrado)- Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2018

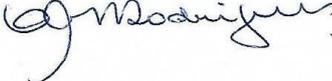
1. Trabalho. 2. Maternidade. 3. Interação. 4. Cuidado. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE ÉRICA VIDAL DA CUNHA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 29 dias do mês de agosto do ano de 2018, às 09:00 horas, no(a) Anfiteatro do prédio da pós-graduação da Faculdade de Ciências, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. LIGIA EBNER MELCHIORI - Orientador(a) do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências - UNESP/Bauru, Profa. Dra. SILVIA REGINA RICCO LUCATO SIGOLO do(a) Departamento de Psicologia da Educação / Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara, Profa. Dra. OLGA MARIA PIAZENTIM ROLIM RODRIGUES do(a) Departamento de Psicologia / UNESP, Faculdade de Ciências - Câmpus de Bauru, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de ÉRICA VIDAL DA CUNHA, intitulada **"INTERAÇÃO MÃE-BEBÊ, TEMPO DE CUIDADO E CRENÇAS: MÃES QUE TRABALHAM FORA E MÃES QUE NÃO TRABALHAM FORA DE CASA"**. Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADA _____. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. LIGIA EBNER MELCHIORI 

Profa. Dra. SILVIA REGINA RICCO LUCATO SIGOLO 

Profa. Dra. OLGA MARIA PIAZENTIM ROLIM RODRIGUES 

Dedico este trabalho à Deus, pela fé todos os dias fortalecida,
Ao meu pai, que me deixou precocemente,
mas que acreditava...

AGRADECIMENTOS

À Deus por aumentar a minha fé, mesmo quando os obstáculos encontrados durante a caminhada pareciam difíceis e intransponíveis.

À minha orientadora professora Doutora Lígia Ebner Melchiori, por toda a paciência, colaboração, atenção e disponibilidade que teve durante esses 30 meses.

À todas mães que aceitaram participar dessa pesquisa com paciência e dedicação, doando um pouco do seu tempo em prol da ciência. Sem vocês isso não seria possível.

À Maria, Coordenadora da Escola Infantil Xeretinha, pelo apoio e incentivo que deu à realização deste trabalho, mesmo enquanto eu não obtinha sucesso na formação da amostra.

Ao Centro de Psicologia Aplicada da UNESP Bauru por ceder espaço para que a coleta de dados fosse possível, especialmente aos membros da secretaria Carla, Mônica e Rafael, pelo atendimento zeloso.

Às professoras Doutoradas Gimol Benzaquen Perosa, Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues e Silvia Regina Ricco Lucato Sigolo pela atenção e colaboração por ocasião do exame geral de qualificação e defesa da dissertação.

À Ana Lúcia que permitiu e compreendeu minhas ausências no trabalho, quando necessárias à realização desse projeto.

Aos meus amigos, pela compreensão nos períodos em que não pude comparecer aos encontros, churrascos e outras confraternizações, em especial aos queridos Alexandra e Rafael.

Ao meu noivo João Carlos Pelicer Junior, pela oportunidade de me fazer sonhar quando também realizava seu sonho. Por sempre tentar ver as coisas por outras perspectivas. Pela parceria e compreensão quando muitas vezes eu dediquei longas horas na construção desse trabalho. Pelo amor, pelo carinho, pela bondade, pela dedicação, por ser você, por tudo, muito obrigada!! Te amo!

À minha mãe Pedrina, por todos os anos de trabalho árduo realizado para que eu e meus irmãos pudéssemos ter o mínimo de conforto e educação. Por acreditar em mim... Te amo!

Ao meu irmão Eduardo, pelo incentivo, pelo interesse, pelo apoio financeiro, não neste momento, mas em outros que me possibilitaram chegar até aqui. Por se expor, mesmo contra a sua vontade, mas para fazer a minha, muito obrigada!

A minha irmã Edileine pelo companheirismo. Por dar-me a oportunidade maravilhosa de ser tia, nada me faz mais feliz!

Ao meu sobrinho Miguel, por todas as vezes que veio até mim diante do computador e disse: "Tia Érica, brinca comigo". Brinco e brincarei sempre, meu amor!

E a todas as pessoas, da minha família ou não, que de alguma forma contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização desse trabalho, meu eterno agradecimento.

CUNHA, E. V. da. **Análise comparativa quanto ao trabalho materno remunerado ou não: interação com bebê, tempo de cuidado e crenças**. 2018. 149f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem), Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru, 2018.

RESUMO

Na sociedade atual, o trabalho se configura como um dos fatores que podem influenciar a relação entre mãe e criança. Deste modo, verificou-se a necessidade de realizar essa pesquisa com o objetivo de descrever, comparar e relacionar a interação mãe-bebê, tempo de cuidado, rede de apoio e crenças de mães que trabalhavam fora e mães que não trabalhavam fora. Para responder aos objetivos esse trabalho foi dividido em três estudos que contaram com a participação de 16 díades mãe-bebê, sendo oito mães que exerciam atividade remunerada fora de casa e oito mães que não a exerciam. Os instrumentos utilizados foram o Questionário de Caracterização do Sistema Familiar Versão – Pais ou Responsável, o Protocolo de Avaliação da Interação Diádica – Adaptado, o Protocolo de Atividade Diária e entrevista sobre Crenças Maternas. O estudo um, “Mães que exercem ou não atividade remunerada: qualidade da interação com o bebê”, apontou que as mães que trabalhavam fora estimulavam cognitivamente mais e realizavam maior diversidade de atividades com seus filhos do que as mães que não trabalhavam fora. No estudo dois, “Mães que exercem ou não atividade remunerada: tempo de cuidado com o bebê, divisão de tarefas domésticas e rede de apoio”, verificou-se que mães que não trabalhavam dedicavam mais tempo ao filho durante os dias da semana enquanto o grupo que trabalhava dedicava mais tempo aos finais de semana. Destaca-se que as mães que trabalhavam praticamente não realizavam atividade de lazer sem os filhos, o que ocorria no outro grupo. Os dados demonstraram que as atividades relacionadas ao bebê têm sido divididas com o parceiro, enquanto os afazeres domésticos ainda são predominantemente realizados pelas mulheres. Nesse contexto a avó foi apontada como importante fonte de apoio. Finalmente, no estudo três, “Crenças sobre a maternidade, o desenvolvimento do bebê e o trabalho”, verificou-se que o estímulo e a convivência foram relatados, respectivamente, pelas mães que não trabalhavam e mães que trabalhavam, como fator preponderante para o desenvolvimento do bebê. Sentimentos de competência foram relatados mais vezes por mães que estavam fora do mercado de trabalho. Em

relação ao trabalho, realização pessoal e profissional foram citadas por ambos os grupos como fatores que dão significado ao trabalho, sendo esse aspecto apontado mesmo por mães que no momento não estavam no mercado de trabalho. Essa pesquisa contribui com a literatura na medida em que indica a existência de benefícios na relação entre trabalho e maternidade, tanto para os bebês quanto para as mães, desmistificando a concepção de que este prejudica a relação das mães com seus filhos.

Palavras-chave: Trabalho. Maternidade. Interação. Cuidado. Crenças

CUNHA, E. V. **Comparative analysis regarding paid or unpaid maternal work: interaction with the baby, care time and beliefs.** 2018. 149f. (Master in Psychology of Development and Learning), São Paulo State University (Unesp), School of Sciences, Bauru, 2018.

ABSTRACT

Today, work is one of the factors that can influence the relationship between mother and child. Thus, it was necessary to carry out this research to describe, compare and relate the mother-baby interaction, care time, support network and beliefs of working mothers and mothers who did not work outside. To respond to the objectives, this study was divided in three studies that had the participation of 16 mother-infant dyads, of which eight mothers were engaged in paid work outside the home and eight mothers who did not exercise paid work. The instruments used were the Family - Based or Parent - Family Version Characterization Questionnaire, the Adapted - Diadical Interaction Assessment Protocol, the Daily Activity Protocol and the Maternal Beliefs interview. The study one: Mothers who exercise or not paid activity: quality of interaction with the baby, pointed out that working mothers stimulated more cognitively and performed more diversity of activities with their children than mothers who did not work outside. In study two: mothers with or without paid activity: baby care time, division of household tasks and support network, non-working mothers were found to spend more time on their child during the days of the week while the group that worked harder on weekends. It is noteworthy that working mothers practically did not perform leisure activities without their children, which occurred in the other group. The data demonstrated that baby-related activities have been split with the partner, while household chores are still predominantly performed by women. In this context the grandmother was pointed out as an important source of support. Finally, in study three: Beliefs about motherhood, baby development and work, it was verified that the stimulus and coexistence were reported, respectively, by mothers who did not work and mothers who worked, as a preponderant factor for the development of the child. Feelings of competence were reported more often by mothers who were out of the job market. Regarding work, personal and professional achievement were cited by both groups as factors that give meaning to work, this aspect was pointed out even by mothers who were not currently in the labor market. This research contributes to the literature insofar as it indicates the existence of

benefits in the relation between work and motherhood, both for the babies and for the mothers, demystifying the conception of this would harm the relation of the mothers with their children.

Keywords: Work. Motherhood. Interaction. Care. Beliefs.

LISTA DE QUADROS

ESTUDO 01

Quadro 1. Análise comparativa quanto mães que exercem ou não atividade remunerada: qualidade da interação com o bebê e atividades de lazer.

ESTUDO 02

Quadro 2. Mães que exercem ou não atividade remunerada: tempo de cuidado com o bebê, divisão de tarefas e rede de apoio.

ESTUDO 03

Quadro 3. Análise comparativa sobre crenças a respeito da maternidade, desenvolvimento do bebê e trabalho de mães que exercem ou não atividade remunerada.

LISTA DE TABELAS

Estudo 01

Tabela 1 - Caracterização das díades mãe-bebê.....	30
Tabela 2 - Caracterização ocupacional da família e tempo no trabalho (diário).....	31
Tabela 3 – Contexto e atividades da família	35
Tabela 4 – Frequência de atividades da família	36
Tabela 5 – Participantes, período e importância das atividades da família	37
Tabela 6 - Correlação dos comportamentos do bebê e da mãe na situação de interação livre	38
Tabela 7- Correlações significativas entre as subcategorias de comportamentos materno e infantil, na situação de interação livre, entre as díades do grupo de mães que exerce atividade remunerada.	39
Tabela 8 - Correlações significativas entre as subcategorias de comportamentos materno e infantil, na situação de interação livre, referente ao grupo que não trabalha fora.	40
Tabela 9 - Comparação da situação de interação livre nas categorias de comportamento infantil e materno.	42

ESTUDO 02

Tabela 01 - Caracterização das díades mãe-bebê.....	58
Tabela 02 - Caracterização ocupacional da família e tempo no trabalho (diário).....	59
Tabela 03 - Comparação do tempo de atividade exclusiva da mãe (em minutos) com a criança em um dia da semana e um dia do fim de semana	61
Tabela 04 - Responsabilidades com o bebê	63
Tabela 05 - Comparação da quantidade de minutos de atividades que as mães realizam durante a semana.	64
Tabela 06 - Responsabilidades com os afazeres domésticos.....	65
Tabela 07 - Rede de apoio familiar	66

ESTUDO 03

Tabela 01 - Caracterização das díades mãe-bebê.....	80
---	----

Tabela 02 - Caracterização ocupacional da família e tempo no trabalho (diário).....	81
Tabela 03 - Fatores que contribuem para o desenvolvimento saudável do bebê segundo as mães.....	83
Tabela 04 - Sentimento materno diante das dificuldades com o bebê.....	84
Tabela 05 - Sentimentos maternos sobre a situação da mãe que precisa deixar seu filho na creche ou com outras pessoas para trabalhar.....	86
Tabela 06 - Sentimentos maternos ao deixarem o bebê na creche ou com outras pessoas em dois momentos: no início da necessidade de volta ao trabalho e depois de um ou mais meses.	87
Tabela 07 - Influência da creche ou pessoa familiar externa à família nuclear no desenvolvimento do bebê quando a mãe precisa trabalhar ou se ausentar.	88
Tabela 08 - Status do bebê que fica na creche ou com outras pessoas quando a mãe se ausenta para trabalhar ou por outros motivos.	88
Tabela 09 - Status da importância da qualidade da interação x quantidade de tempo de convívio entre mãe e bebê.	89
Tabela 10 - Benefícios x Malefícios do trabalho materno para relação mãe-bebê....	90
Tabela 11 - Benefícios x malefícios para a mulher quando ela trabalha.	90
Tabela 12 - Benefícios x malefícios para a relação do casal quando a mulher trabalha fora.	92
Tabela 13 - Melhor arranjo para as participantes conciliarem maternidade e trabalho.	93
Tabela 14 - Significado do trabalho para as mães.	93

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO GERAL	17
Estudo 01: Análise comparativa quanto mães que exercem ou não atividade remunerada: qualidade da interação com o bebê e atividades de lazer	20
1. INTRODUÇÃO	20
2. OBJETIVO	29
3. MÉTODO	29
3.1 Aspectos éticos	29
3.2 Participantes	30
3.3 Local	31
3.4 Instrumentos	32
3.5 Procedimentos de coleta dos dados	32
3.5 Procedimento de análise dos dados	33
4. RESULTADOS	34
5. DISCUSSÃO	43
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
ESTUDO 02: Mães que exercem ou não atividade remunerada: tempo de cuidado com o bebê, divisão de tarefas e rede de apoio	49
1. INTRODUÇÃO	49
2. OBJETIVO	57
3. MÉTODO	57
3.1 Aspectos éticos	57
3.2 Participantes	57
3.3 Local	59
3.4 Instrumentos	59
3.5 Procedimento de coleta de dados	60
3.6 Procedimento de análise dos dados	60
4. RESULTADOS	61
5. DISCUSSÃO	66
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	70

ESTUDO 03: Análise comparativa sobre crenças a respeito da maternidade, desenvolvimento do bebê e trabalho de mães que exercem ou não atividade remunerada	72
1. INTRODUÇÃO	72
2. OBJETIVO	79
3. MÉTODO	79
3.1 Aspectos éticos	79
3.2 Participantes	80
3.3 Local	81
3.4 Instrumentos	82
3.5 Procedimento de coleta de dados	82
3.6 Procedimento de análise dos dados	82
4. RESULTADOS	83
5. DISCUSSÃO	94
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
CONSIDERAÇÕES GERAIS	101
REFERÊNCIAS	103
APÊNDICE A – Termo De Consentimento Livre e Esclarecido	115
APÊNDICE B – Entrevista Crenças Maternas - Categorização	116
APÊNDICE C - Protocolo De Atividades Diárias	139
ANEXO A - Questionário De Caracterização Do Sistema Familiar Versão – Pais Ou Responsável	140
ANEXO B - Protocolo De Avaliação Da Interação Diádica - Adaptado	145
ANEXO C – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa ..	147

INTRODUÇÃO GERAL

O nascimento de um bebê exige dos pais e, mais especificamente da mãe, um processo de adaptação físico, emocional, social e cultural (CONDE; FIGUEIREDO, 2007; RAPOPORT; PICCININI, 2011). Analisar o desenvolvimento infantil, principalmente no primeiro ano de vida, perpassa a necessidade de análise da interação entre a mãe e o bebê, considerando que esta tem papel importante na proteção e no desenvolvimento da criança. As habilidades das mães e dos bebês, tais como linguagem, locomoção, exploração do ambiente, sensibilidade/responsividade materna e intrusividade, têm sido alvo de diversas pesquisas que buscam compreender os benefícios da interação diádica (BRAZ AQUINO; SALOMÃO, 2011; LOPES; OLIVEIRA; VIVIAN; BOHMGHAREN; PICCININI; TUDGE, 2007; SCHWENGBER; PICCININI, 2004).

No final do primeiro ano de vida o bebê apresenta mudanças expressivas no desenvolvimento, neste período o afastamento e reaproximação da mãe pode ser notado com maior frequência quando se observa a interação da díade. Contudo, Brazelton (2002) destaca a importância de a mãe saber identificar a necessidade de autonomia do bebê como parte do desenvolvimento infantil, sem sentir-se rejeitada, visando proporcionar novas experiências a ele e confirmando a sua competência.

A literatura aponta que apesar da maternidade ser marcante na vida da mulher, também possui caráter conflituoso, novas exigências afetam muito a mãe no primeiro ano de vida do bebê, pois há necessidade de dedicar mais tempo a ele do que aos outros membros da família (LOPES et. al., 2007; WAGNER; PEDREBON; MOSMANN; VERZA, 2005). Este fator é sentido com maior intensidade pelas mães que estão no mercado de trabalho, pois após a licença maternidade, haverá a necessidade de conciliação entre ambas atividades.

Revisando estudos que abordavam a temática maternidade e trabalho verificaram-se diversas publicações em nível internacional, embora com resultados muito contraditórios. Deste modo, esse trabalho foi pensando para responder algumas questões, dentre elas: A qualidade da interação mãe-bebê e as atividades de lazer da família se alteram em função da mãe exercer trabalho remunerado fora de casa? O tempo de cuidado exclusivo com o bebê, a divisão de tarefas e a rede de apoio materna se modificam em função desse trabalho? Há diferenças nas crenças maternas em relação ao desenvolvimento infantil, ao trabalho e à

maternidade para mães que trabalham fora e mães que não trabalham fora? Essas diferenças, se existentes, podem influenciar a prática de cuidados da mãe para com o filho?

Verifica-se que quando se trata da divisão de papéis entre homem e mulher, ou seja, as responsabilidades da casa, a educação a mulher tem papel preponderante na nossa sociedade. Contudo, observa-se um aumento de casais que dividem as tarefas domésticas e educação dos filhos de igual para igual, desonerando a mulher da dupla carga de trabalho (DIAS JUNIOR; VERONA, 2016; WAGNER et. al., 2005).

A dificuldade encontrada pelas mães no exercício de conciliação entre a carreira profissional e a maternidade têm, de certo modo, a sobrecarregado com expectativas que acabam por ser internalizadas e, em alguns casos, conduz à culpa, por não corresponder ao ideal de maternidade sonhado (ROCHA-COUTINHO, 2005; 2011). Neste contexto, o apoio da família é fundamental para a saúde mental da mulher neste momento. Rapoport e Piccinini (2011) afirmam que poder contar com uma rede social de apoio, principalmente nos momentos de dificuldades, possibilita maior disponibilidade física e afetiva das mães para atender às necessidades do bebê.

O contrário também é verdadeiro, há mulheres que por não conseguirem conciliar o trabalho e a maternidade acabam por abdicar da possibilidade de trabalhar, ou exercem-no parcialmente, como sugerem os estudos de Dias Junior e Verona (2016) e Rocha-Coutinho (2011). Esses autores apontam que a mulher acaba considerando a possibilidade de ganhos menores, reduzindo a carga horária de trabalho, tornando-a mais flexível e deixando de lado oportunidades profissionais para que possa dedicar-se mais a maternidade. Entretanto, apesar das dificuldades encontradas há relatos de prazer e satisfação em relação a maternidade, mesmo com as dificuldades encontradas na adaptação (ROCHA-COUTINHO, 2011).

Como as classes sociais são muito distintas em nosso país, com mulheres que trabalham em todas elas, foi feita a opção de se trabalhar com mães de classe econômica favorecida e com nível de escolaridade alto, pressupondo que elas têm a opção de trabalhar fora de casa ou não. A idade das crianças também foi fixada em 12 a 23 meses, uma vez que é a fase em que as mães que voltam ao emprego já teriam retornado.

Para responder as questões apresentadas, essa pesquisa foi dividida em três estudos. O estudo 1 com o título: Mães que exercem e mães que não exercem atividade remunerada: qualidade da interação com o bebê, abordou além dos fatores relacionados a interação da díade, também conhecer as atividades de lazer realizadas pela família. O estudo 2 com o título: Mães que exercem ou não atividade remunerada: tempo de cuidado com o bebê, divisão de tarefas e rede de apoio materna, abordou tanto o cuidado exclusivo da mãe para com o bebê, a divisão de tarefas com o parceiro e a participação de uma rede de apoio nesses cuidados e tarefas domésticas. Por fim, o estudo 3: Crenças sobre a maternidade, o desenvolvimento do bebê e o trabalho, buscou conhecer as crenças dessas mães sobre esses três diferentes aspectos da vida. Os três estudos buscaram compreender essas questões a partir da comparação dos dados de dois grupos de mães, um que exercia atividade remunerada fora de casa (n=8) e outro que não exercia atividade remunerada (n=8). Os três estudos estão relatados nas páginas seguintes.

Estudo 01: Análise comparativa quanto mães que exercem ou não atividade remunerada: qualidade da interação com o bebê e atividades de lazer

1. INTRODUÇÃO

Apesar da diversidade de fatores que podem influenciar a interação mãe-bebê, vários autores têm destacado a importância de pesquisas que elucidem, em diferentes culturas, a influência do trabalho materno externo nessa interação (BENN, 1986; D’AFFONSECA; CIA; BARHAM, 2014; HUSTON; ARONSON, 2005; NOMAGUCHI, 2006; RIBEIRO, PEROSA; PADOVANI, 2014a);

Barbosa (2014), descrevendo as pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aponta para um crescimento considerável, na taxa de inserção da mulher brasileira no mercado de trabalho, nas últimas décadas. O censo demográfico realizado em 1992 indicava que 52,5% das brasileiras com idade entre 15-59 anos estavam inseridas no mercado de trabalho. Esse número saltou para 61% em 2012. Já em 2015, quase metade (43.7%) da força de trabalho no Brasil era feminina (BRASIL, 2016). Como esse fator pode influenciar a interação mãe-bebê uma vez que a mãe sai para trabalhar fora e deixa seu filho com outra/s pessoa/s no lar ou ambiente coletivo?

Segundo Fiorin, Oliveira e Dias (2014), a inserção qualificada da mulher no mercado de trabalho possibilita o acesso a uma posição mais gratificante tanto no sentido monetário quanto no sentido da realização pessoal e profissional. Os autores destacam que o valor atribuído ao trabalho faz com que as mulheres queiram investir nesse campo, mesmo que seja necessário adiar a maternidade ou ausentar-se parte do tempo do lar para dedicar-se ao trabalho.

Dados da literatura ainda não são conclusivos a respeito da influência do trabalho materno externo na qualidade da interação entre mãe-criança ou no desenvolvimento infantil. A relação entre maternidade e trabalho foi objeto da revisão de literatura realizada por Oliveira, Faria, Sarriera, Piccinini, Trentini (2011), enquanto Faria, Santos e Fuertes (2014) buscaram compreender as diferenças na relação mãe-filho e pai-filho. Os temas encontrados por Oliveira et. al. (2011) estiveram relacionados à jornada de trabalho de tempo integral como fator determinante para que os cuidados infantis fossem realizados por outros cuidadores e/ou creches infantis. Contudo ambos estudos constataram que a qualidade do

ambiente laboral, o estresse associado a sobrecarga de trabalho e a baixa valorização da mulher, foram apontados como fatores de impacto no desenvolvimento da criança, uma vez que mães inseridas em contextos estressores teriam maior dificuldade de se envolverem em relações positivas com seus filhos, enquanto mães satisfeitas profissionalmente se dedicariam mais, seriam mais alegres e descontraídas na relação com as crianças.

Os cuidados não parentais também foram analisados negativamente no estudo de Nazarov e Rendall (2014) que encontraram maior probabilidade de desenvolvimento de obesidade em crianças cujas mães tinha alto nível escolar, mas deixavam seus filhos sob cuidados de outras pessoas. O que não ocorria com mães com menor nível escolar, que apresentaram melhores resultados relacionados à saúde nutricional da criança quando frequentava creche.

Outros possíveis efeitos negativos do trabalho materno no desenvolvimento de crianças foram encontrados por Ruhm (2004). Segundo o autor, o trabalho materno no primeiro ano da criança foi associado com menor habilidade verbal em crianças com idade entre três e quatro anos e prejuízos nas habilidades de leitura e matemática aos cinco e seis anos. Complementarmente Servilha e Bussab (2015) verificaram melhor desempenho linguístico de crianças, filhos de mães depressivas, quando as mães não trabalhavam fora e tinham apoio social. Por outro lado, Hill, Waldfogel, Brooks-Gunn e Han (2005) e Ruhm (2004) encontraram custos cognitivos para a criança somente quando as mães trabalhavam fora por horas excessivas nos primeiros anos após o parto, o que não foi discutido no estudo de Servilha e Bussab (2015).

Com o objetivo de medir o tempo que as mães dedicam em atividades específicas relacionadas ao desenvolvimento cognitivo da criança, Cawley e Liu (2007) realizaram uma pesquisa nos Estados Unidos com 15.287 mulheres que exerciam trabalho remunerado fora de casa ou não e tinham ao menos um filho com idade pré-escolar até 17 anos. Dentre as participantes, 15% possuía nível fundamental, 30% o ensino médio completo, 28% nível superior completo e 25% pós-graduação/especialização. Dentre as participantes 66% estavam empregadas por tempo integral ou parcial, e o número médio de horas no trabalho era de 36 horas semanais. Os autores encontraram que mães que não trabalhavam tinham maior probabilidade de dedicar algum tempo lendo, realizando atividades educacionais, conversando, brincando e supervisionando as crianças do que as

mães que trabalhavam fora, sugerindo que o trabalho prejudica as atividades entre mães e filhos.

Em outro estudo, com metodologia transnacional e longitudinal, Huerta, Adema, Baxter, Corak, Deding, Gray, Han e Waldfogel (2011) realizaram pesquisa com crianças nascidas por volta do ano 2000 em cinco países: Austrália, Canadá, Dinamarca, Inglaterra e os Estados Unidos. O estudo demonstrou uma pequena correlação negativa entre o retorno precoce das mães ao trabalho em período integral, seis meses após o nascimento do filho, com o desenvolvimento cognitivo da criança. Crianças britânicas, cujas mães estavam de volta ao trabalho seis meses após o parto, também foram mais propensas a terem problemas de comportamento entre cinco e sete anos de idade. Contudo, os autores ressaltam que quando o emprego materno ocorre em tempo parcial, a probabilidade de apresentar problemas de comportamento foi menor do que em filhos de mães que não trabalhavam fora de casa. Associações negativas entre o retorno precoce ao trabalho e o desenvolvimento infantil foram amplamente observadas em famílias cujos pais possuíam altos níveis de educação. Foi encontrado maior prejuízo nessa relação pois esses pais têm maior probabilidade de se envolverem em atividades parentais estimulantes, mas por não o fazerem seus filhos têm maior prejuízo do que as crianças de famílias menos favorecidas financeiramente, cujos pais se envolvem em atividades menos estimulantes. Estes dados foram corroborados por Lombardi e Coley (2014), apesar de acrescentarem que, no geral, os movimentos maternos em direção ao emprego após o parto, podem não estar associados a riscos de desenvolvimento ou benefícios para a maioria das crianças americanas modernas, acrescentando que crianças de famílias com renda limitada podem alcançar alguns benefícios do emprego materno precoce.

O efeito da renda relacionada ao desempenho escolar de filhos de mães que trabalhavam foi verificado por Arouck (2015), em pesquisa realizada com objetivo de investigar a influência do trabalho sobre o desempenho escolar de crianças gaúchas. O autor encontrou que o desempenho escolar diminuía quando ocorria o ingresso materno no mercado de trabalho. Contudo, observou-se que a renda reduziu os efeitos negativos da ausência materna no lar, pois houve queda de 56,6% do impacto negativo do trabalho no desempenho escolar quando analisada ausência materna e renda. Deste modo, o autor concluiu que o aumento da renda reduz, em parte, os efeitos negativos da ausência materna no lar.

Dentre os dados apresentados a respeito dos pais com níveis educacionais mais altos, observa-se certa controvérsia na literatura. Huerta et. al. (2011) e Lombardi e Coley (2014) concluem que pais com alto nível educacional, quando trabalham, trazem maior prejuízo a seus filhos por passarem menos tempo com eles do que pais de famílias menos favorecidas. Adicionalmente, Amaral (2017) também verificou associações negativas relacionando horas de trabalho e sensibilidade materna, sugerindo que quanto mais horas as mães trabalhavam, menores eram os escores observados de sensibilidade materna. Por outro lado, pesquisa realizada por Hill et al. (2005) destacou que, no Canadá, as mães que voltam a trabalhar no primeiro ano de vida do bebê, no geral têm mais estudo, casamento estável, boa renda financeira e que esses fatores influem positivamente no desenvolvimento da criança, apesar de seu envolvimento no trabalho. Dados obtidos por e Hsin e Felfe (2014), citados mais adiante, e Arouck (2015) também vão nessa direção.

Outros resultados de pesquisas indicam que o emprego materno pode contribuir com alguns benefícios positivos para a interação e desenvolvimento do/a filho/a, para a qualidade do meio ambiente familiar, qualidade do relacionamento dos pais, além de elevar a autoestima da mãe, que se sente estimulada intelectual e socialmente (AUGUSTINE, 2014; BUEHLER; O'BRIEN; SWARTOUT; ZHOU, 2014; CAVALCANTE; LAMY FILHO; FRANÇA, 2017; HUSTON; ARONSON, 2005; KIM; WICKRAMA, 2014; SERRADAS, 2015). Estudos de Kim e Wickrama (2014) apontam que as mães que trabalham no primeiro ano de vida da criança apresentam maior autoestima que as mães que não trabalham. Segundo esses autores, e a autoestima elevada pode influenciar positivamente o estilo parental. Além do reconhecimento pessoal e profissional, Crowley (2014) aponta benefícios que o trabalho fornece aos filhos, na medida em que modela comportamentos de autossuficiência e contribui para aumentar o padrão de vida da família. A esse respeito, Cavalcante, Lamy Filho e França (2017) acrescentam que, além de prover recursos materiais, o trabalho materno também favorece o maior acesso a informação, que por sua vez influencia no cuidado parental e no atendimento às necessidades do desenvolvimento da criança.

Evidências da contribuição do trabalho para uma melhor interação mãe-bebê foram encontradas no estudo de Serradas (2015) que realizou pesquisa com 45 díades portuguesas com bebês de 12 meses de idade, com e sem risco ao desenvolvimento. Os resultados apontaram que mães empregadas apresentavam

melhor qualidade interativa com a criança numa média global, na expressão facial, expressão afetiva, na reciprocidade, entre outros aspectos. Contudo, a autora ressalta que não foi constatada melhora na comunicação entre mãe e a criança.

Nos Estados Unidos, os pesquisadores têm demonstrado interesse em estudar a interação mãe-bebê, bem como possíveis alterações na interação quando as mães trabalham. Hsin e Felpe (2014) e Huston e Aronson (2005), por exemplo, procuraram avaliar a influência do trabalho materno no tempo dedicado às crianças e no desenvolvimento infantil. Buehler et al. (2014) procuraram identificar as oportunidades de aprendizagem e a influência da jornada de trabalho na sensibilidade materna, e Augustine (2014) a relação entre educação materna, trabalho e qualidade da parentalidade de mães que trabalhavam fora de casa em meio período ou tempo integral e que não trabalhavam.

Os resultados de Hsin e Felfe (2014) e Huston e Aronson (2005) apontaram que o trabalho externo das mães reduzia o tempo com os bebês, mas estas compensavam algumas horas com a redução do tempo em outras atividades que não incluíam o bebê, além de trocar quantidade de tempo por qualidade de tempo. Os autores ainda apontaram que mães que trabalhavam fora de casa proviam um ambiente doméstico mais estimulador à criança do que as que não trabalhavam fora e apresentavam um comportamento materno positivo em relação à criança, dados que corroboram o estudo de Buehler et al. (2014) que encontraram maiores oportunidade de aprendizagem para as crianças quando as mães trabalhavam meio período em comparação com mães que não estavam empregadas durante a primeira infância. Com relação ao engajamento materno, não foram encontradas evidências por Huston e Aronson (2005) de que o tempo que a mãe dedica à criança aumenta o engajamento da criança com sua mãe ou contribui para o desenvolvimento social ou cognitivo da criança. Segundo os autores, possivelmente porque na pesquisa houve informações insuficientes sobre o conteúdo e a qualidade das interações mãe-criança.

Outro ponto que tem se configurado como um diferencial relacionado ao trabalho e a qualidade da interação é o nível escolar materno. Pesquisa realizada por Augustine (2014) apontou que para mulheres com menos escolaridade, o trabalho no meio período ou integral aumentava a qualidade parental quando comparadas com mães que não trabalhavam. No entanto, o mesmo não é observado para mães com alto nível escolar. Neste caso, os dados apontam para

uma ligeira queda na qualidade parental, mesmo quando o trabalho era exercido somente em meio período. O inverso ocorreu no estudo de Buehler et. al., (2014) que não encontraram diferenças na oportunidade de aprendizagem de filhos de mães com alto nível escolar que trabalhavam ou não, ao longo da infância, enquanto em mães com menores níveis escolares observaram menos oportunidades quando comparado ao outro grupo.

Outros autores encontraram risco aumentado para desenvolvimento de problemas de comportamento quando a escolaridade materna e as condições socioeconômicas eram menores (COSTA; SANTOS; FUERTES, 2014), principalmente nos países menos desenvolvidos (CASSIANO; PROVENZI; LINHARES; GASPARDO; MONTIROSSO, 2018). Por outro lado, estudo realizado por D'affonseca, Cia e Barham (2014) com mães que trabalhavam em funções que não exigiam qualificação (apenas 33% apresentavam o ensino médio completo), apontou que quanto maior a satisfação no trabalho, melhor era o relacionamento com o filho, além de apresentar maior participação nas atividades escolares, culturais e de lazer da criança. Contudo os dados não foram satisfatórios no que diz respeito à comunicação mãe-criança.

No Brasil, Ribeiro, Perosa e Padovani (2014a) realizaram um estudo com 65 díades mães-bebês que frequentavam duas Unidades de Saúde da Família de uma cidade no interior de São Paulo. Os bebês participantes tinham entre 11 e 12 meses, sem riscos biológicos. Das mães participantes 55% tinha oito ou mais anos de estudo e 80% de mães eram donas de casa. Os resultados demonstraram que 43% das crianças estavam em risco para o desenvolvimento, sendo a linguagem e o desenvolvimento motor fino as áreas mais afetadas. Contudo, a pesquisa demonstrou que o trabalho materno se constituiu como fator de proteção ao desenvolvimento, reduzindo a probabilidade de risco, ou seja, a díade em que a mãe estava empregada apresentou melhores escores relacionados ao desenvolvimento infantil, dados também encontrados por Lombardi e Coley (2014), no contexto cultural norte-americano mas contrários ao estudo longitudinal de Hsin e Felfe (2014), também no contexto norte-americano, a respeito de mães de nível sócio educacional de nível médio ou inferior que trabalham fora.

A escolaridade materna também foi citada no estudo de Seidl de Moura; Ribas Jr.; Piccinini; Bastos; Magalhães; Vieira; Salomão; Silva, A. M.; Silva, A. K.; (2004) que realizaram uma pesquisa com 405 mães com objetivo de analisar o

conhecimento do desenvolvimento infantil e variáveis da mãe e bebê. Os resultados demonstraram que a escolaridade materna parece ser uma variável relevante, indicando estar correlacionada às cognições parentais e conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil. Além disso, Becker (2014) verificou em seu estudo com 44 díades brasileiras com bebês entre 12 e 18 meses, correlação entre escolaridade/renda, qualidade da interação mãe-bebê e desenvolvimento cognitivo. Os resultados sugeriram que quanto maior a escolaridade e renda materna, mais as mães apresentavam sensibilidade, sincronia e eficácia na resposta durante a interação e maior era o desenvolvimento cognitivo dos bebês aos 18 meses.

Em pesquisa realizada com 154 crianças italianas e brasileiras entre 18 e 24 meses de idade, nascidas pré-termo e sem comorbidades graves, Cassiano et. al. (2018) examinaram se fatores sociodemográficos podem contribuir para diferenças nos problemas de comportamentos das crianças de ambos países. O estudo também apontou que a idade e o nível de escolaridade materno, quando maiores, estavam associados a resultados mais positivos. Os autores concluíram que as diferenças encontradas nos comportamentos de ambos os grupos estavam mais relacionadas aos fatores sociodemográficos do que as condições neonatais das crianças. Em resumo, Martins (2014) aponta que mães com maior idade, escolaridade e renda valorizam mais a estimulação e apresentam uma interação mais rica com o bebê do que as mães que não possuem essas características.

Outros fatores positivos têm sido apontados por pesquisadores correlacionando o desenvolvimento infantil e o trabalho materno. Menor incidência de hiperatividade infantil, baixa ansiedade e comportamentos pró-sociais foram encontrados em estudos com crianças de quatro anos de mães que trabalham fora (NOMAGUCHI, 2006). De acordo com esse autor, é possível que as crianças se beneficiem do trabalho materno, entretanto esses benefícios devem ser compensados por longas horas de cuidados não parentais e momentos de interações positivas mãe-criança, mesmo que curtos. Para Goux e Maurin (2010) os efeitos do emprego no desenvolvimento das crianças são muito mais significativos negativamente para famílias de mães solteiras do que para famílias com ambos os pais. Segundo o autor, famílias com ambos os pais possuem maior acesso a outros tipos de cuidados não parentais e alternativas para acolhimento das crianças, seja no cuidado familiar, em creches ou escolas pré-primárias.

Embora exista diversidade de interpretações teóricas a respeito da interação mãe-bebê, há um consenso a respeito da importância dessa ligação para o desenvolvimento integral da criança e que a qualidade dessa interação pode influir de forma positiva ou negativa no curso do desenvolvimento posterior do infante (ARPINI; ZANATTA; MARCHESAN; FARAJ; LEDUR; MOZZAQUATRO, 2015; BECKER, 2014; BOWLBY, 1984, 1988; MOZZAQUATRO; ARPINI; POLLI, 2015; PICCININI; SEIDL DE MOURA; RIBAS; BOSA; OLIVEIRA; PINTO; SCHERMANN; CHAHON, 2001; SILVA; PORTO, 2016)

Bowlby (1984) foi um dos pesquisadores a salientar a importância da interação para a criação de um vínculo de apego seguro entre a criança e a mãe. Este autor apontou que as trocas desenvolvidas durante a infância entre a criança e a mãe/cuidador repercutem no seu desenvolvimento social, emocional e cognitivo. Ele também destaca que, apesar da tendência inata do bebê em se ligar a mãe, é na interação diádica que esse vínculo se desenvolve (BOWLBY, 1988).

Piccinini et al. (2001) destacam que o conceito de interação não parece ser um consenso entre os pesquisadores, mas que há uma tendência a considerar a bidirecionalidade e ação recíproca entre mãe-bebê como inerentes ao conceito. A interação, para Tronick e Cohn (1989), caracteriza-se por movimentos que vão de coordenados a descoordenados e novamente coordenados entre a mãe e o bebê. A partir destes movimentos interativos, que ocorrem nos primeiros meses de vida, o bebê aprende que seu comportamento influencia o ambiente ao redor, principalmente o comportamento da mãe ou cuidador principal. Contudo, para que ocorra a interação entre mãe e bebê, faz-se necessário a presença de dois elementos: a reciprocidade, descrita acima, e a comunicação que pode ocorrer de diferentes formas: “no contato olho a olho, sorrisos, vocalizações, posturas, gestos, expressões faciais, tom de voz, aproximação e afastamento corporal, brincadeiras e do choro” (SEIDL DE MOURA; RIBAS, 1998; p. 296), demonstrando que a díade é sensível ao sinal do outro e responde a ele (ARPINI et. al, 2015). Deste modo, o aspecto comunicativo seria parte do desenvolvimento emocional infantil na medida em que indica afetividade, carinho e intimidade entre mãe-criança, muito presentes no contexto brasileiro (MENDES; PESSÔA, 2013).

Considerando a perspectiva de troca social entre mãe e bebê, a responsividade, sensibilidade ou sensibilidade materna tem sido fonte de pesquisa de diversos autores (AINSWORTH et. al, 1978; BOWLBY, 2001; 2002; DALBEM;

DELL'AGLIO, 2005; FIGUEIREDO; MATEUS; OSÓRIO; MARTINS, 2014) que a estudaram considerando as consequências desta sobre o desenvolvimento infantil. Embora não exista uma definição única para o termo, a sensibilidade ou responsividade, (RIBAS; SEIDL DE MOURA; RIBAS JUNIOR, 2003) foi definida como a capacidade de perceber e interpretar corretamente sinais e comportamentos emitidos pela criança, de modo que a resposta da mãe seja contingente e apropriada ao comportamento infantil (AINSWORTH, 1969). Ou seja, é uma característica da mãe/cuidador que favorece a ocorrência de interações sincronizadas e recompensadoras para díade mãe-bebê, o que por sua vez contribui para o estabelecimento de padrões saudáveis de vínculo, possibilitando ao bebê o conforto e a segurança para interagir com o ambiente (ALVARENGA; CEREZO, 2013).

Outros autores sugerem que a responsividade materna deve ser entendida dentro de um conceito um pouco mais amplo, que agrega também a empatia, a capacidade de previsão e a não intrusividade, a disponibilidade emocional e o envolvimento positivo (WAKSCHLAG; HANS, 1999). Assim sendo, a intrusividade corresponde a comportamentos imperativos, reprovações e ausência de *feedback*, falta de respeito ao ritmo e interesse da criança, por exemplo, não aguardar o tempo de resposta da criança quando lhe é apresentada uma atividade, não aguardar respostas a perguntas, etc., (CHORA, 2017).

Em estudos relacionados à interação mãe-bebê com um ano de idade, Alvarenga e Piccinini (2007), Becker (2014) e Sigolo (2000), afirmaram que, com o passar do tempo, o comportamento da mãe tende a ser menos intrusivo, ou seja, a mãe assume a execução da tarefa, mas, ao observar a resposta da criança, geralmente garante o término sem interferência, de modo que o desenvolvimento da criança seja estimulado visando a sua independência e a busca da satisfação das suas próprias necessidades. O mesmo não ocorre quando se trata de mães deprimidas, que apresentam comportamento mais intrusivo, menos empatia e sensibilidade na interação com o bebê e pouca disponibilidade para brincadeiras (RIBEIRO; PEROSA; PADOVANI, 2014b).

A contribuição da sensibilidade materna para o desenvolvimento cognitivo de crianças em idade pré-escolar foi objeto do estudo de Figueiredo, Mateus, Osório e Martins (2014). Participaram do estudo 70 díades mãe-criança em que 70% das mães participantes possuíam ao menos nível escolar superior. Os resultados

apontaram que as crianças com melhor desempenho nos testes de QI tinham mães que apresentaram níveis médios a elevados de sensibilidade durante a interação. Contudo, as autoras apontaram que o nível de escolaridade também pode ter contribuído para a emissão de comportamentos parentais mais positivos, sendo corroborado por Amaral (2017).

Maiores escores de sensibilidade materna também foram encontrados em mães que trabalhavam fora ao menos meio período quando comparadas com mães que não trabalhavam fora durante a primeira infância (BUEHLER et al., 2014). Os autores afirmam que os resultados de seus estudos confirmam a hipótese de que o trabalho beneficia a parentalidade emocional e cognitiva na medida em que melhora a maternagem, proporciona maior satisfação com a vida e melhora a capacidade de resolução de problemas.

Em função dessas considerações e da necessidade de ampliar a investigação a respeito da influência do trabalho remunerado ou não materno no contexto brasileiro e de sua influência na interação mãe-bebê é que essa pesquisa foi realizada, focalizando mães brasileiras de classe econômica favorável, adultas e com no mínimo oito anos de escolaridade.

2. OBJETIVO

O objetivo dessa pesquisa foi o de comparar a qualidade da interação mãe-bebê e atividades de lazer desenvolvidas em família, no segundo ano de vida da criança, de mães que exercem atividade remunerada fora de casa e as que não exercem atividade remunerada.

3 MÉTODO

3.1 Aspectos éticos

O projeto deste estudo foi submetido à Plataforma Brasil conforme as condições estabelecidas pela resolução 466/2012 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP, 2012), CAAE 61211616.9.0000.5398, obtendo o parecer favorável de número 1.817.775.

3.2 Participantes

Participaram 16 díades mães-bebês, selecionadas pelo critério de conjugalidade, idade dos bebês (segundo ano de vida) e renda familiar, sendo oito mães exerciam atividade remunerada fora de casa e oito não a exerciam. Todas eram mães biológicas, tinham no mínimo oito anos de escolaridade e habitavam com esposo ou companheiro adulto. A renda das famílias era no mínimo R\$ 1.020,00 *per capita*. Os bebês tinham entre 12 e 19 meses de idade sem risco de desenvolvimento relatado. A Tabela 1 apresenta mais informações a respeito das características das díades participantes.

Tabela 1 - Caracterização das díades mãe-bebê

	Mães que trabalham fora n=8	Mães que não trabalham fora n=8
Idade materna		
27 a 32 anos	4	5
33 a 36 anos	4	3
Escolaridade		
Técnico	0	1
Superior	8	5
Superior + Pós-Graduação	0	2
Tempo de relacionamento conjugal		
2 a 4 anos	3	2
5 a 7 anos	4	5
8 a 9 anos	1	1
Idade do companheiro		
30 a 34 anos	6	4
35 a 37 anos	2	4
Auxilia nos cuidados com o bebê		
Creche	3*	4
Avó	5*	0
Empregada	1	0
Sexo do bebê		
Masculino	5	7
Feminino	3	1
Idade do bebê		
12 a 15 meses	6	5
16 a 18 meses	2	3

*uma criança era cuidada pela avó e pela creche

Fonte: Próprio autor

Dentre as participantes que exerciam atividade remunerada, todas eram primíparas, estavam na primeira união e a avó era a principal cuidadora substituta. Dentre as mães que não trabalhavam fora, três tinham dois filhos, as demais eram primíparas, todas estavam na primeira união. Quatro bebês frequentavam berçário/creche em período parcial. Em todas as residências moravam apenas pai, mãe e filhos. Os dados ocupacionais da família bem como a renda podem ser visualizados na Tabela 2.

Tabela 2 - Caracterização ocupacional da família e tempo no trabalho (diário)

	Mães que trabalham fora n=8	Mães que não trabalham fora n=8
Profissão materna		
Profissional liberal	3	0
Setor administrativo	3	0
Saúde e Educação	2	0
Não trabalha fora	0	8
Jornada diária de trabalho materno		
6 horas	5	0
> 6 horas	3	0
Profissão paterna		
Profissional liberal	2	3
Serviço Público	3	1
Iniciativa privada	2	2
Administração e Educação	1	2
Jornada diária de trabalho paterno		
6 a 7 horas	2	0
8 a 10 horas	4	6
12 horas	2	2
Renda familiar		
5-6 salários	1	2
> 7 salários	7	6

Fonte: Próprio autor.

3.3 Local

Os dados foram coletados em uma sala de atendimento do Centro de Psicologia Aplicada (CPA) de uma universidade paulista. Apenas para duas díades, por indisponibilidade das mães deslocarem-se ao CPA, os dados foram coletados nas residências.

3.4 Instrumentos

Para caracterizar as famílias, foi utilizado o Questionário de Caracterização do Sistema Familiar Versão – Pais ou Responsável de Dessen (2009), que fornece dados sociodemográficos, atividades de lazer da família, entre outros aspectos.

Para caracterização da interação mãe-bebê foi utilizado o Protocolo de Avaliação da Interação Diádica (NUDIF, 2003). O objetivo do instrumento é o de avaliar, a partir de categorias pré-definidas, a interação entre mãe e bebê de aproximadamente um ano de idade. Quatro categorias de comportamento infantis compõe o instrumento: envolvimento, interação, afeto positivo e afeto negativo; e cinco categorias de comportamentos parentais: sensibilidade, estimulação cognitiva, afeto positivo, afeto negativo, desengajamento e intrusividade. Cada categoria apresenta diversas subcategorias.

3.5 Procedimentos de coleta dos dados

Inicialmente houve contato via telefone e/ou *e-mail* com as mães para compor a amostra. Após as devidas explicações e o aceite de participação, foi agendado um dia para a entrega dos instrumentos e assinatura do Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) (Apêndice A), 28 mães foram consultadas e 16 mães aceitaram participar.

No dia e horário agendados, após o aceite e redimidas todas as dúvidas, as participantes assinaram o TCLE, cabendo a ela uma via do termo para guarda. Além disso, as participantes foram informadas sobre o objetivo do projeto, sobre as atividades pertinentes a ele, o sigilo das informações pessoais fornecidas e sobre a possibilidade de desistência da participação. Em seguida foi entregue o Questionário de Caracterização do Sistema Familiar que ficou disponível para a participante responder por aproximadamente uma semana. Na sequência eram agendados data e horário, no CPA da universidade ou na residência dos participantes, para devolução do instrumento preenchido e para a realização da observação da situação de interação livre. Na data agendada mãe e criança ficaram a sós em sala de atendimento ou cômodo da residência. A observação consistiu em uma sessão livre de interação realizada em sala com câmera, cadeiras, puff, três almofadas, tapete de crochê retangular na cor branca e brinquedos dispostos no chão, tais como: dois

bichinhos de pelúcia, sendo um tigre e um porco espinho que também tinham a função de fantoche e emitiam som característico de cada espécie; um boneco palhaço de aproximadamente 20 cm; peças de encaixe coloridas do tipo Lego de tamanho médio; bola colorida com diâmetro aproximado de 20 cm. A mãe foi orientada a agir de modo natural com a criança, como habitualmente ocorria quando estavam brincando a sós. Cada sessão foi filmada e teve duração de nove minutos, sendo descartados para a análise o primeiro e o último minuto.

Em estudo piloto, esse procedimento foi realizado apenas com uma díade. Após a coleta os dados foram analisados, a fim de verificar possíveis dificuldades da participante em relação aos instrumentos ou a inadequação destes para atender aos objetivos da pesquisa. Considerando o sucesso na aplicação e na análise dos dados obtidos prosseguiu-se na composição da amostra e demais procedimentos da pesquisa. Ao final, a díade participante do estudo piloto foi incluída na amostra total da pesquisa.

3.5 Procedimento de análise dos dados

Os dados obtidos por meio do Questionário de Caracterização do Sistema Familiar Versão – Pais ou Responsável foram categorizados de acordo com as respostas obtidas e objetivos do estudo, seguindo a orientação fornecida (DESSEN, 2009).

A análise dos dados da filmagem da interação mãe-bebê foi realizada, conforme instrução dos autores, utilizando o Protocolo de Avaliação da Interação Diádica. Para o preenchimento desse protocolo foi utilizado um nível de análise mesoanalítico, ou seja, a filmagem foi dividida em episódios de um minuto cada, totalizando sete minutos de interação, durante os quais foram examinadas a ocorrência ou não das categorias de comportamento já explicitadas anteriormente. Conforme instrução de Dib (2016), que fez uso do mesmo instrumento, foram atribuídos 5 pontos quando a categoria era considerada característica; 4 pontos quando era moderadamente característica; 3 pontos quando era mais ou menos característica, 2 pontos quando era minimamente característica e 1 ponto quando não era característica. Para obter os escores totais de cada categoria e subcategoria foram somados os resultados das subcategorias e em seguida realizada a média aritmética das categorias. Na fase de análise dos dados optou-se

pela exclusão de duas subcategorias, Resistência e Esquiva, da Categoria Interação, relacionada aos comportamentos infantis. Os resultados destas subcategorias foram praticamente inexistentes e julgou-se que elas apresentavam um caráter negativo, destoando das demais subcategorias da Categoria Interação que caracterizavam uma interação positiva por parte do bebê.

Visando fornecer fidedignidade à análise da interação por meio dos vídeos, foram sorteados aleatoriamente por meio do *Microsoft Excel* 30% da amostra que foram analisadas e categorizadas por dois pesquisadores independentes, sendo um a autora deste trabalho e outro a orientadora. Para que fosse assegurado um nível de concordância, uma sessão da interação foi exaustivamente analisada pelas duas pesquisadoras. No caso de divergências, os episódios foram reavaliados afim de obter concordância mínima de 70%. Com base nas discussões e dirimidas as dúvidas e divergências entre os pesquisadores os demais vídeos foram analisados. Foi realizada a concordância simples entre as análises das pesquisadoras obtendo o mínimo de 0.71 de concordância para as subcategorias do instrumento. A análise individual dos vídeos sorteados apresentou concordância que variaram de 0.88 a 0.93. Foram realizadas análises estatísticas de comparação dos grupos (Teste Mann-Whitney) e correlação entre as categorias de comportamentos parentais e infantis (Teste de Spearman), sendo considerado, em razão do tamanho reduzido da amostra, $p < 0.09$ de significância.

4. RESULTADOS

Primeiramente, estão apresentados abaixo os resultados referentes às atividades de lazer desenvolvidas nos dois tipos de famílias, mães que trabalhavam fora remuneradamente ou não; a frequência com que as atividades foram realizadas e quem compartilhava essas atividades. Em seguida estão apresentados os dados da interação mãe-bebê, comparando os dois grupos de mães.

Na Tabela 3 pode-se observar que, nos dois grupos, o contexto em que ocorreu mais atividades foi “Dentro de Casa”. Nota-se também que, no grupo de mães que trabalhavam, foram citadas atividades mais diversificadas e com maior frequência do que no grupo das mães que não trabalham remuneradamente, em todos os contextos.

Tabela 3 – Contexto e atividades da família

		Mães que exercem atividade remunerada	Freq. geral por contexto	Mães que não exercem atividade remunerada	Freq. geral por contexto
		<i>f</i>	<i>f</i> (%)	<i>f</i>	<i>f</i> (%)
Dentro de casa	Brincadeiras	8		8	
	Leitura	4		3	
	Música/dança	3		1	
	Animal de estimação	2	21(26)	-	17(21)
	Assistir TV	2		4	
	Culinária	1		-	
	Reuniões	1		-	
	Vídeo game	-		1	
Na vizinhança	Passeio	1	02(2)	1	01(1)
	Conversas	1		-	
Residência de amigos/ parentes	Brincadeiras/Piscina	6		4	
	Jogos				
	Almoços/jantares com avós	4		1	
	Encontro com primos	1	12(15)	1	9(11)
	Reunião com amigos	1		1	
	Interação/Visitas	-		2	
Locais públicos	Passeios	4		2	
	Restaurantes	2		1	
	Parques/Zoo	2		4	
	Festas	2	12(15)	-	8(10)
	Bicicleta/futebol	1		1	
	Viagens	1		-	

Fonte: Próprio autor.

No contexto “Dentro de casa” todas as participantes citaram “Brincadeiras” como sendo a atividade que mais realizavam. Com relação ao grupo de mães que exercia atividade remunerada destacou-se também a maior frequência de atividade de “Leitura”, “Música e Dança” e “Brincar com animal de estimação”, enquanto “Assistir TV” foi mais citada por mães que não exerciam atividade remunerada.

No contexto “Residência de amigos/parentes”, “Brincadeiras/Piscina/Jogos” e “Almoços/jantares” com a avó foram mais citados pelas mães que exerciam trabalho remunerado.

Também para essas mães, as atividades em “Locais públicos”, como: “Passeios”, “Restaurantes”, “Festas” e “Viagens” receberam o dobro de citações em

comparação com as mães que não exerciam atividade. Por outro lado, essas citaram “Parques/Zoo” o dobro de vezes que as mães que trabalhavam.

Na Tabela 4 encontram-se os dados referentes a frequência de atividades Religiosas, Grupo de estudo/assistência à comunidade, Eventos sociais/Comemorações, Encontro/Visitas à amigos/familiares, Encontros em locais público/alimentação, Culturais, Cinema/teatro. Pode-se verificar que, das atividades investigadas, o “Nunca” e o de “1 a 3 vezes ao mês” foram citados com maior frequência pelos dois grupos de mães. No entanto, atividades realizadas “diariamente” foram citadas somente por algumas mães que não trabalhavam fora de casa.

Tabela 4 – Frequência de atividades da família

	Nunca	1 a 3 vezes ao mês	1 vez por semana	Menos de 1 vez por semana	Diaria- mente
Mães que exercem trabalho remunerado					
Religiosa	4		2	2	
Grupo estudos/assist. a comunidade	6	1		1	
Eventos /Comemorações	1	5	2	8	
Encontros/Visitas à amigos/familiares		4	9	3	
Encontros em locais públicos/alimentação		3	3	2	
Culturais	11	6	2	2	
Cinema/teatro	4	4			
<i>f</i>	26	23	18	21	0
Mães que não exercem trabalho remunerado					
Religiosa	1		2	3	2
Grupo de estudos/assist. a comunidade	6			1	1
Eventos /Comemorações	1	12	1	2	
Encontros/visitas à amigos/familiares	2	2	8		4
Encontros em locais públicos/alimentação		4	4		
Culturais	9	1	1	13	
Cinema/teatro	4	2		2	
<i>f</i>	23	21	16	21	07

Fonte: Próprio autor.

Com relação às pessoas que participam dessas atividades, os dados foram muito semelhantes para os dois grupos de mães, com destaque para a reunião da família com parentes e amigos. Quanto ao período em que são realizadas, observou-se que para as mães que trabalhavam fora havia predomínio de atividades nos finais de semana enquanto as mães que não trabalhavam realizavam mais atividades de segunda a sexta-feira. Quanto à importância das atividades de lazer para as famílias, a categoria “socialização e convívio” foi a mais citada por ambos os grupos. Esses dados são apresentados na Tabela 5.

Tabela 5 – Participantes, período e importância das atividades da família

	Mães que trabalham fora	Mães que não trabalham fora
Participantes das atividades		
Somente a família	2	2
Família (com parentes e amigos)	6	6
Mãe e filho		2
Período de realização		
Segunda a sexta	1	5
Fim de semana/feriados	6	3
Durante toda a semana	1	
Importância das atividades		
Socialização/convívio	4	4
Criação de vínculo/laços afetivos	3	-
Desenvolvimento da criança	-	3
Saúde/bem-estar	1	-
Sair da rotina/desestressar	2	1
Importante, sem especificação	-	3

Fonte: Próprio autor.

Em seguida procurou-se verificar se os resultados da situação interativa entre mães e bebês apontavam correlação entre as categorias de comportamentos maternos e infantis, independentemente se as mães trabalhavam fora ou não.

A Tabela 6 aponta que houve correlação positiva significativa entre as categorias Estimulação Cognitiva e Envolvimento do bebê, indicando que quanto mais as mães ensinavam, encorajavam as tentativas de domínio da criança, apresentavam objetos, demonstravam, descreviam atividades, estimulavam a linguagem e etc., mais as crianças respondiam, emitiam comportamento exploratório e mantinham contato visual com as mães.

Tabela 6 - Correlação dos comportamentos do bebê e da mãe na situação de interação livre

		Comportamento Infantil				
		Envolvimento	Interação	Afeto Positivo	Afeto Negativo	
Comportamento Materno	Sensibilidade	r	,313	,056	-,405	-,332
		p	,237	,837	,119	,209
	Estimulação Cognitiva	r	,534**	-,164	-,193	-,311
		p	,033	,543	,474	,241
	Afeto Positivo	r	,324	,174	-,295	-,168
		p	,220	,518	,267	,534
	Afeto Negativo	r	,266	-,331	,127	-,046
		p	,318	,211	,640	,866
	Desengajamento	r	,041	-,461*	,385	,302
		p	,880	,073	,141	,256
	Intrusividade	r	,221	-,107	,079	,246
		p	,411	,692	,770	,359

Fonte: Próprio autor.

Correlação de Spearman **p<0,05; *p<0,09.

Os resultados ainda apontaram correlação negativa entre Desengajamento e Interação. Embora o resultado seja de $p=0,07$, inferimos significância do resultado considerando o tamanho da amostra em questão. Deste modo, verificou-se que quanto maior era o desengajamento materno (não acompanhar visualmente o bebê, não responder, ignorar seus comportamentos, etc.), menor foi a interação (a busca e a manutenção de contato) do bebê com a mãe. Os demais resultados da tabela não demonstraram significância estatística.

Contudo, considerando a extensão dos dados obtidos e para complementar a análise dos dados, procurou-se verificar a existência de correlação entre as subcategorias do instrumento, tanto para o grupo de mães que exercia atividade remunerada, quanto para o grupo que não a exercia. Na Tabela 7 estão dispostos os dados que obtiveram nível de significância $p<0,05$ e $p<0,01$ para o grupo de mães que exercia atividade remunerada.

Tabela 7- Correlações significativas entre as subcategorias de comportamentos materno e infantil, na situação de interação livre, entre as díades do grupo de mães que exerce atividade remunerada.

		Comportamento Infantil						
Comportamento Materno			Mantém contato visual com o genitor	Responde a fala do genitor ou brincadeiras	Explora o ambiente	Busca contato e proximidade	Interação à distância	Movimenta o corpo para demonstrar entusiasmo
		Fornecer um nível de estimulação ou variedade de atividades	r p	,850** ,007				
	Descrever ou fazer perguntas sobre brinquedos/objetos	r p	,835** ,010					
	Mostrar a criança como utilizar brinquedo	r p	,724* ,042					
	Falar em tom de voz afetuoso	r p						,771* ,025
	Abracçar, beijar ou demonstrar expressões de afeto	r p					-,744* ,034	
	Insistir que a criança faça algo sem estar interessada	r p			-,810* ,015			

Fonte: Próprio autor.

Correlação de Spearman * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$.

Observou-se alta correlação positiva entre as subcategorias comportamentos maternos e infantis. Quanto mais essas mães forneceram estimulação/variedade de atividades, descreveram ou fizeram perguntas sobre os brinquedos, mostraram ao filho como utilizar um brinquedo, mais as bebês mantiveram contato visual com a mãe. Além disso, a fala em tom afetuoso por parte das mães aumentou o entusiasmo por parte do bebê. Por outro lado, verificou-se quanto mais a mãe expressou afeto, menos a criança interagiu à distância com ela, talvez porque a criança ficasse mais próxima à mãe. E quanto mais a mãe insistiu com a criança para fazer algo sem que estivesse interessada, menos a criança explorou o ambiente.

Os dados referentes às correlações das díades cujas mães não exercem trabalho remunerado encontram-se na Tabela 8.

Tabela 8 - Correlações significativas entre as subcategorias de comportamentos materno e infantil, na situação de interação livre, referente ao grupo que não trabalha fora.

		Comportamento Infantil									
		Responde a fala do genitor ou brincadeiras	Explora o brinquedo	Explora o ambiente	Busca contato e proximidade	Interação à distância	Apresenta vocalizações Positivas	Abraça, beija ou demonstra expressões de afeto	Apresenta vocalizações Negativas	Expressa descontentamento	
Comportamento Materno	<i>Fornecer disciplina adequada ao nível de entendimento da criança</i>	r		,840**		,869**					
		p		,009		,005					
	<i>Propõe atividade, mas respeita o interesse da criança</i>	r				,716*					
		p				,046					
	<i>Respeita interesse da criança por um brinquedo ou atividade</i>	r								-,897**	
		p								,003	
	<i>Descreve ou faz perguntas sobre brinquedos/objetos</i>	r							-,773*		
		p							,024		
	<i>Fala em tom de voz afetuoso</i>	r					,755*				
	p					,030					
<i>Abraça, beija ou demonstra expressões de afeto</i>	r				,801*		,979**				
	p				,017		,000				
<i>Reprime atitudes da criança</i>	r		-,745*								
	p		,034								
<i>Ignora coisas interessante que a criança faz</i>	r				-,752*	,871**					
	p				,031	,005					
<i>Não permite que a criança escolha a atividade</i>	r							,922**			
	p							,001			

Fonte: Próprio autor. Correlação de Spearman *p<0,05; **p<0,01

Os dados demonstraram diversas correlações entre as subcategorias de comportamento materno e infantil. Verificou-se que quanto mais a mãe fornecia disciplina adequada ao entendimento da criança, ou seja, orientava a criança quanto a uma situação de perigo iminente, mais a criança explorava o ambiente e interagia à distância. “Propor atividades, mas respeitar o interesse da criança” também se correlacionou a maior interação à distância. Além disso, “Falar em tom de voz afetuoso” relacionou-se positivamente com a apresentação de vocalização positiva por parte da criança; a subcategoria “Abraçar, beijar e demonstrar afeto” relacionou-se positivamente com as subcategorias “Busca de contato e proximidade pela criança” e a “Abraços, beijos e demonstração de afeto” por parte da criança. Contudo, também se verificou alta correlação entre a subcategoria “Não permitir que a criança escolha a atividade” e a subcategoria “Apresenta vocalizações negativas”, demonstrando que quanto mais a mãe impedia a escolha da atividade/brinquedo, mais a criança resmungava ou choramingava.

Correlações negativas também foram identificadas nesse grupo. Verificou-se que quanto mais a mãe respeitou o interesse da criança por um brinquedo ou atividade; mais descreveu ou fez perguntas sobre um brinquedo; mais falou em tom afetuoso, menos a criança expressou descontentamento e apresentou vocalizações negativas, respectivamente. Por outro lado, quanto mais a mãe reprimia as atitudes da criança ou ignorava coisas interessantes que ela fazia, respectivamente, menos a criança explorava o ambiente e emitia vocalizações positivas.

Em relação a interação da díade mãe-bebê, em situação livre de brincadeira, a Tabela 9 apresenta a comparação entre os dois grupos de comportamentos investigados: infantis e maternos, em relação aos dois grupos de mães. As medianas e médias mais altas indicam que o comportamento ocorreu mais vezes durante a interação da díade.

Tabela 9 - Comparação da situação de interação livre nas categorias de comportamento infantil e materno.

Categorias de Comportamento		Exerce atividade remunerada		Não exerce atividade remunerada		U	p
		Mediana	Média	Mediana	Média		
Infantil	Envolvimento	3,295	3,234	3,310	3,271	69,0	0,9581
	Interação	2,540	2,641	2,330	2,321	82,5	0,1415
	Afeto Positivo	1,710	1,739	1,870	1,994	61,5	0,5286
	Afeto negativo	1,035	1,046	1,050	1,046	71,0	0,7929
Materno	Sensibilidade	2,440	2,515	2,410	2,391	72,0	0,7132
	Estimulação Cognitiva	1,665	1,627	1,380	1,409	84,5	0,0929
	Afeto Positivo	2,235	2,211	2,220	2,136	73,5	0,5995
	Afeto Negativo	1,020	1,016	1,010	1,054	65,5	0,8336
	Desengajamento	1,000	1,004	1,015	1,086	55,5	0,2076
	Intrusividade	1,125	1,159	1,165	1,180	65,0	0,7929

Fonte: Próprio autor.

Teste Mann-Whitney * $p < 0,09$.

Em relação aos comportamentos maternos observou-se que comportamentos ditos positivos, sensibilidade, estimulação cognitiva e afeto positivo, apresentaram escore maior entre as mães que trabalhavam fora, e os escores ditos negativos, afeto negativo, desengajamento e intrusividade, foram menores para esse grupo em relação ao grupo de mães que não trabalhava fora, mesmo essas diferenças não sendo estatisticamente significativas. Além disso, destaca-se a existência de uma diferença significativa entre os grupos no que diz respeito a estimulação cognitiva, em que as mães que exerciam atividade remunerada apresentaram um escore superior de estimulação cognitiva para com os seus filhos.

Em função dos resultados acima, também se realizou as comparações entre os grupos com as subcategorias do instrumento. Os dados apontaram diferença significativa ($p=0,05$) na subcategoria “Nomeia experiência da criança” referente ao comportamento materno, sendo maior o escore apresentado pelas mães que trabalhavam fora. Além disso, verificou-se que, para duas subcategorias de comportamento infantil, “Explora o ambiente” e “Movimenta o corpo para demonstrar entusiasmo”, houve diferença ($p=0,083$) considerável entre os grupos, apresentando maior escore os bebês do grupo de mães que trabalhava fora. Para as demais subcategorias dos instrumentos não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos.

5. DISCUSSÃO

Participaram deste estudo mães com nível de escolaridade igual ou maior que oito anos, que exerciam ou não exerciam trabalho remunerado fora de casa. Observou-se que as participantes apresentaram similaridades entre si para além dos critérios de inclusão dessa pesquisa. Os dados referentes a idade e quantidade de filhos corroborou os dados do IBGE em relação à postergação da maternidade (BRASIL, 2014). Segundo verificou-se, a maioria das participantes foi mãe aos 30 anos ou mais, fato que ocorreu após os estudos e/ou qualificação profissional (FIORIN; OLIVEIRA; DIAS, 2014). Os dados referentes à escolaridade materna e paterna, também corroboraram a pesquisa IBGE (BRASIL, 2014) que apontava maior inserção da mulher na universidade e conseqüentemente mais mulheres com nível escolar superior, conforme observado entre as participantes. Esses dados são importantes pois estudos sugerem que o elevado nível educacional, e por consequência, elevado nível socioeconômico estão relacionados a menor exposição a riscos no desenvolvimento do bebê e maiores possibilidades no desenvolvimento, em razão dos pais possuírem maior acesso a informação, mais conhecimentos sobre o desenvolvimento do bebê e acesso aos recursos materiais (BECKER, 2014; CASSIANO et. al., 2018; COSTA; SANTOS; FURTES, 2014; HILL; WALDFOGEL; BROOKS-GUNN; HAN, 2005; HSIN; FELFE, 2014; MARTINS, 2014; SEIDL DE MOURA et al, 2004).

Em estudos recentes, Cavalcante; Lamy Filho; França, (2017) e Crowley (2014), também relacionaram melhores resultados socioeconômicos a maior disponibilidade de estímulos e materiais apropriados ao desenvolvimento da criança. Embora essa pesquisa não tenha realizado a comparação de grupos de mães com baixa e alta escolaridade, mas trabalhado com dados de uma população homogênea, pode-se inferir, a partir da literatura estudada, que fatores como alta escolaridade e nível socioeconômico elevado atuam como fatores de proteção ao desenvolvimento dos bebês envolvidos na amostra, assim como identificado no estudo de RIBEIRO, PEROSA, PADOVANI (2014a) que verificou os efeitos do trabalho materno na população mais carente de recursos.

Embora se tenha observado similaridades no perfil de ambos os grupos no que diz respeito ao nível educacional e socioeconômico, o grupo de mães que trabalha fora destacou-se em relação a maior diversidade de atividades que os pais

desenvolviam com o bebê, corroborando os estudos de Hsin e Felfe (2014), Huston e Aronson (2005) e Martins (2014). Esse fato também demonstrou que o trabalho materno aliado à alta escolaridade, mais do que apenas o nível econômico, se relacionou positivamente a quantidade de estímulos disponíveis e à variedade de atividades a que o bebê está exposto (D’AFFONSECA; CIA; BARHAM, 2014). Além disso, evidenciou-se que as atividades realizadas pelas mães que trabalham fora estiveram relacionadas a um caráter mais ativo, ou seja, essas mães dispõem esforços extras para a realização dessas atividades, o que também contribui para o estabelecimento e fortalecimento do vínculo entre mãe e bebê. Por outro lado, entre as mães que não trabalhavam houve prevalência de atividades passivas, tais como assistir TV e jogar vídeo game. Esses dados corroboram a pesquisa de Nomaguchi (2006) que apontou para menor ocorrência de atividades passivas em filhos de mães que trabalhavam fora. Para o autor, filhos de mães que trabalham passam menos tempo em casa, o que minimiza a possibilidade de gastarem o tempo assistindo televisão, por exemplo, pois geralmente estão envolvidas em outras atividades, fora de casa.

No que tange a interação, os dados demonstraram que as mães que trabalhavam fora estimulavam cognitivamente mais e nomeavam mais as experiências à criança que as mães que não trabalhavam fora. Esses dados vão na direção oposta dos achados de Ruhm (2004) e Servilha e Bussab (2014) que encontraram menores resultados na habilidade verbal de crianças quando a mãe trabalhava fora. Contudo, esses autores ressaltaram que a ocorrência de prejuízo foi identificada apenas nos casos em que as mães trabalhavam fora por longos períodos (mais que oito horas diárias). Para a presente pesquisa, cujas mães trabalhavam seis a oito horas diárias, foi possível observar que outros resultados se relacionaram ao aumento na estimulação cognitiva, como por exemplo, verificou-se maior oferta e diversidade de atividades/contextos e atividades mais estimulantes desenvolvidas pelo grupo de mães que exercia atividade remunerada, contribuindo com os achados de Benn (1986), Buehler et. al. (2014), Hsin e Felfe (2014) e Houston e Aronson (2005). Esses autores apontaram para a não existência de prejuízo no desenvolvimento da criança quando a mãe trabalha fora, mas para além disso, verificaram uma melhoria na qualidade do ambiente doméstico quando a mãe exercia atividade remunerada. Complementarmente, os estudos de Lopes et. al.

(2007) sugeriram que a mãe que reserva um tempo para responder às demandas das crianças fortalece a iniciativa, a curiosidade e a exploração.

A partir da correlação dos dados obtidos por meio da situação interativa, observou-se que quando os comportamentos ditos positivos da mãe aumentavam, os comportamentos ditos positivos dos bebês também aumentavam, o mesmo ocorreu para as subcategorias de comportamento negativo. Contudo, para o grupo de mães que exercia atividade remunerada evidenciou-se predominância de correlações positivas do comportamento materno e infantil, embora somente seis subcategorias tenham apresentado significância. Por outro lado, para o grupo de mães que não trabalhava, 13 correlações entre os comportamentos materno e infantil demonstraram significância, contudo, para esse grupo, as subcategorias de comportamentos ditos negativos ficaram evidentes, o que não ocorreu entre as mães que trabalhavam fora. Os dados da literatura têm apontado associação negativa entre o trabalho e a sensibilidade materna, indicando que quanto mais horas de trabalho a mãe exerce menor são os escores de sensibilidade (AMARAL, 2017), contrariando os dados aqui obtidos. Contudo, o autor ressalta que melhores níveis de sensibilidade podem ser encontrados quando os pais têm maior escolaridade. Contudo, no caso desta pesquisa ambos grupos de mães tinham alta escolaridade. Neste caso, verifica-se que os dados reforçam a influência positiva do trabalho na vida da mulher, principalmente no que diz respeito à maternidade, como citado anteriormente, possivelmente em razão na melhoria do ambiente doméstico e demais campos da vida da mulher.

Partindo das definições de responsividade materna estudadas por Ainsworth (1969), Wakschlag e Hans (1999), Ribas, Seidl de Moura e Ribas Junior (2003) e Alvarenga e Cerezo (2013), pode-se inferir, que o comportamento das mães que não trabalham, não correspondeu, não foi contingente ou apropriado ao comportamento apresentado pelo bebê. Para esse grupo de mães, comportamentos que concorrem com a qualidade da interação mãe-bebê, tais como: afeto negativo, desengajamento e intrusividade, estiveram mais presentes do que para as mães do outro grupo. Reprimir atitudes da criança, ignorar comportamentos e não permitir a escolha da brincadeira conotam respectivamente intrusividade, falta de atenção ao comportamento infantil e estímulo a dependência da criança por parte da mãe. Alvarenga e Piccinini (2007), Becker (2014) e Sigolo (2002) apontaram que esses comportamentos podem diminuir com o passar do tempo, contudo, isso pode não

ocorrer quando as mães estão deprimidas, fator que não foi avaliado por essa pesquisa.

Padrões de apego mais adaptativos também foram apontados como relacionados a maior responsividade materna. Bowlby (2002) apontou que as mães que fornecem uma base segura para o desenvolvimento do bebê, satisfazendo suas necessidades, cooperando, dando autonomia e sendo afetuosa, têm bebês mais cooperativos, exploradores, seguros, positivos e confortados quando na ausência da mãe. Por outro lado, a instabilidade, irritação, vulnerabilidade são associadas a padrões de apego menos adaptativos.

Diferente do encontrado por Amaral (2017), mas condizente com os achados da presente pesquisa, a literatura tem apontado que o trabalho contribui para um melhor estado emocional de mães que estão inseridas no mercado de trabalho. Isso porque o trabalho atua diretamente na satisfação profissional, na autoestima, na independência, beneficiando também a parentalidade (AUGUSTINE, 2014; FIORIN; OLIVEIRA; DIAS, 2014; KIM; WICKRAMA, 2014) que por sua vez relaciona-se à sensibilidade materna. Contudo, quando as mulheres estão inseridas em ambientes de trabalho estressor e com baixa valorização podem apresentar dificuldades no desenvolvimento de uma relação positiva também na família (FARIA; SANTOS; FUERTES, 2014; OLIVEIRA et. al. 2011). Os autores afirmaram que mães mais satisfeitas profissionalmente possuem maior probabilidade de se dedicarem mais aos seus filhos. Neste contexto, considerando, a baixa valorização do trabalho doméstico no Brasil, a literatura aponta que o trabalho de dona de casa submete à mulher ao marido como único provedor, que proporciona renda para a administração da casa, podendo limitar a independência, principalmente financeira da mulher (FIORIN; OLIVEIRA; DIAS, 2014).

Adicionalmente, acredita-se que o resultado positivo desta pesquisa relacionado ao trabalho materno e a interação mãe-bebê pode dever-se a uma composição mista no grupo de mães que exercia atividade remunerada, ou seja, compuseram a amostra mães que trabalhavam entre 30 e 40 horas semanais. Embora os dados tenham sido corroborados por parte da literatura, outros estudos, como o de Ruhm (2004), por exemplo, encontraram prejuízo no desenvolvimento cognitivo de crianças cujas mães trabalhavam mais que 40 horas nos primeiros anos do bebê. Os dados deste autor não evidenciaram prejuízos para o desenvolvimento

dos bebês quando as mães trabalhavam entre 30 e 40 horas semanais em relação às mães que não trabalhavam fora.

Huerta et. al. (2011) apontaram para associações negativas entre o trabalho materno e o desenvolvimento infantil de filhos cujos pais possuíam alto nível de educação, sugerindo que as crianças seriam mais prejudicadas por terem a oportunidade de se envolver em atividades estimulantes pelo fato de a mãe trabalhar fora e não o fazerem por estas estarem ausentes. Os dados da pesquisa atual não corroboram os dados de Huerta et. al. (2011). Os grupos de mães apresentaram nível educacional e socioeconômico muito similares e, embora o grupo de mães que não trabalha remuneradamente estivesse disponível para o bebê em “tempo integral”, este apresentou menor escore de estimulação cognitiva que o grupo de mães que exercia trabalho remunerado fora de casa. Esse dado demonstrou que estar disponível para a criança em 100% do tempo não se caracteriza como um fator determinante para maior qualidade na interação ou, neste caso, maior estimulação cognitiva. Chama a atenção o fato de o estímulo ter sido apontado mais vezes como primordial para o desenvolvimento pelas mães que não trabalhavam, contudo, na prática essa estimulação não se sobressaiu quando comparado com o grupo de mães que trabalhavam fora de casa.

Considerando o exposto, esse estudo contribui com as pesquisas sobre os efeitos do trabalho externo na maternidade e desenvolvimento infantil. Os dados apontaram para a não existência de prejuízo para os filhos quando as mães trabalham, pelo contrário, assim como encontrado na literatura, o trabalho se configura como fator que eleva a autoestima das mulheres e a satisfação pessoal e profissional o que por sua vez parece agir diretamente sobre a relação e a interação mãe-bebê. Neste trabalho observou-se que mães que trabalham estimulam cognitivamente mais seus filhos, possivelmente por estar em contato com outros estímulos e pessoas além do círculo pessoal. Esse fator ocorreu mesmo comparando mães com alto nível escolar. Indiretamente, demonstrando que embora a escolaridade e renda sejam fatores de proteção ao desenvolvimento, existem outros fatores que podem contribuir com a interação. Os dados aqui demonstrados não podem ser generalizados, considerando, entre outros fatores, o tamanho da amostra, a particularidade dos participantes, etc. Afim de contribuir com os estudos acerca dos impactos do trabalho na maternidade sugere-se que seja incluída em novos estudos a análise dos padrões de apego dos bebês, visando comparar este

com a qualidade da interação mãe-bebê de mães que trabalham ou não trabalham fora de casa. Além disso, dados sobre o estado emocional das mães poderiam contribuir, considerando que a literatura aponta que mães deprimidas e/ou ansiosas apresentam baixa qualidade na interação com seus filhos, quando comparada com mães não deprimidas/ansiosas. Pesquisadores têm demonstrado que os efeitos do trabalho na maternidade podem estar também relacionados ao estado emocional materno e ao equilíbrio dos papéis de mãe e profissional pelas mulheres do que o próprio trabalhar em si (BENN, 1986; KASSAMALI; RATTANI, 2014; SHUSTER, 1996;).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como objetivo identificar diferenças na qualidade da interação mãe-bebê de mães que trabalhavam fora e mães que não trabalhavam fora de casa. Entre as dificuldades encontradas para a realização dessa pesquisa verificou-se o difícil acesso a parcela mais alta da população, principalmente em relação as mães que não trabalhavam fora de casa. Contudo, após vencidos os entraves, os resultados corroboraram parte da literatura na medida em que apontaram a existência, ainda que pequena, de diferença na qualidade da interação de mães que trabalhavam e mães que não trabalhavam fora e seus bebês. Quando existentes, essas diferenças estiveram relacionadas a maior nível de estimulação cognitiva pelo grupo de mães que trabalhava fora. Esse dado também foi corroborado pela literatura, conforme discutido anteriormente. Sugere-se que novos estudos sejam realizados considerando uma amostra maior e mais representativa da população brasileira. Além disso, sugere-se que novos estudos sejam realizados visando comparar mães que trabalham em tempo integral, parcial e mães que não trabalham fora para verificar a existência de possíveis diferenças entre as jornadas de trabalho. Os dados aqui apresentados refletem o resultado de um pequeno grupo, de nível socioeconômico privilegiado e em condições de optar ou não por trabalhar. Novos estudos com populações de menor nível socioeconômico são necessários para verificar a existência ou não de diferença para outras parcelas da população, considerando que o nível educacional e econômico pode influenciar nos resultados obtidos.

ESTUDO 02: Mães que exercem ou não atividade remunerada: tempo de cuidado com o bebê, divisão de tarefas e rede de apoio

1. INTRODUÇÃO

Quando um bebê nasce, nascem os pais, a necessidade de reorganização e redefinição familiar, principalmente dos projetos de vida individuais (JORGE, 2011), a divisão entre os cuidados com o bebê e com a vida familiar. Contudo, podem ser adicionadas mais necessidades quando a mãe está inserida no mercado de trabalho, pois findos os meses da licença maternidade esta terá que se dividir entre os cuidados com o bebê, a família e o trabalho. A literatura aponta como a mais difícil, na conciliação de papéis, a fase que vai do nascimento até o primeiro ano de vida do bebê (TROIANO, 2007).

Dados do censo demográfico realizado no ano 2010 apontam que 60,1% das mulheres na faixa etária de 25-29 anos tinham ao menos um filho. Já na faixa etária de 30 a 34 anos o percentual de mulheres com ao menos um filho era 76% (BRASIL, 2014). Segundo os dados da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios – PNAD, em 2015, 43.7% da força de trabalho no Brasil era feminina (BRASIL, 2016). Além disso, em pesquisa recente, verificou-se que dentre os trabalhadores em tempo parcial (até 30 hs/semana) 28,2% eram mulheres, contra 14,1% de homens (BRASIL, 2018). Esses dados apontam em algumas direções: as mulheres estão tendo filhos mais tarde, possivelmente devido à necessidade de qualificação para o ingresso no mercado de trabalho; há maior inserção feminina em trabalhos em meio período do que de homens; ambos fatores parecem estar interligados à necessidade de dar conta dos múltiplos papéis: mãe, esposa e profissional.

A esse respeito, Amaral (2012) e Lopes, Dellazzana-Zanon, Boeckel (2014) verificaram que a multiplicidade de papéis assumidos pela mulher ao longo das últimas décadas foi responsável pelas mudanças nos projetos de vida e nas escolhas relacionadas à carreira e ao estudo, fatores que contribuíram para o adiamento da maternidade. Entretanto, a literatura tem apontado vantagens e desvantagens no adiamento. Dentre as vantagens Lima (2010) aponta que estão relacionadas a melhoria na condição socioeconômica da mulher e condição social e emocional mais estáveis, sendo essas, segundo o autor, características essenciais para uma boa gestação. Por outro lado, as desvantagens relacionam-se ao corpo

biológico que estaria em processo de envelhecimento, expondo a gestação a mais riscos (SOUZA; TEIXEIRA; LORETO; BARTOLOMEU, 2011).

A literatura aponta que além do aumento na renda, a escolaridade tem sido outro fator que contribui tanto para maior inserção no mercado, quanto para maior qualidade na maternidade. Segundo o censo, em 2011 o contingente de mulheres de 20 a 24 anos no ensino superior era maior que o dos homens da mesma faixa etária. Nessa faixa etária as mulheres representavam 57,1% do total de estudantes que frequentavam o ensino superior, sendo que a proporção de mulheres com nível superior concluído é 25% superior ao dos homens. No Brasil, a média de anos de estudo da mulher foi de 8 anos completos para 7.6 dos homens (BRASIL, 2014). Contudo, verifica-se que as áreas gerais de formação em que as mulheres de 25 anos ou mais estão inseridas em maior proporção são Educação, Humanidades e Artes, áreas estas responsáveis pelos menores registros médios mensais de rendimento entre as pessoas ocupadas e, menores ainda, quando a ocupação é feminina. A pesquisa destaca que não há nenhuma área de formação em que o rendimento financeiro feminino se iguale ao masculino. Esses dados demonstram que embora a participação feminina no mercado de trabalho tenha aumentado, a remuneração e o reconhecimento do mercado não se equiparam ao dos homens.

Embora os rendimentos da mulher ainda sejam menores, a inserção qualificada da mulher no mercado de trabalho possibilita o acesso a uma posição mais gratificante tanto no sentido monetário quanto no sentido da realização pessoal e profissional (GUEDES; ALVES, 2004). Os autores destacam que esses diferenciais, em muitos casos, fazem com que a mulher opte por trabalhar fora mesmo que isto implique na sua ausência do campo doméstico e da família. Além do reconhecimento pessoal e profissional, Crowley (2014) aponta benefícios proporcionado pelo trabalho aos filhos, na medida em que modela comportamentos de autossuficiência e contribui para aumentar o padrão familiar.

Se por um lado o aumento na escolaridade feminina contribui para inserção qualificada no mercado de trabalho, por outro, pesquisadores apontam que as dificuldades que as mulheres com nível superior encontram para conciliar as demandas familiares com o trabalho favorecem o afastamento do mercado, mesmo que por um tempo, para que seja possível dedicar-se à maternidade (DIAS JUNIOR; VERONA, 2016). Os autores destacam que o retorno ao trabalho, em alguns casos, gera ansiedade, culpa e outros sentimentos negativos que favorecem a busca por

atividades informais com jornadas de trabalho mais flexíveis. Achado corroborado pela pesquisa de Peruchi, Donelli e Marin (2016) que constataram que, além do aumento na ansiedade das mulheres mães de filhos pequenos, também há o aumento na crença de que elas são as únicas pessoas capazes de cuidar bem da criança. Estudos de Manente e Rodrigues (2016) apontaram para forte correlação entre o retorno ao trabalho e presença de depressão entre as mães que afirmaram não quererem retornar ao trabalho após o nascimento do filho. Entre as mulheres que relatavam segurança no retorno ao trabalho foi ressaltada a importância de uma rede de apoio do parceiro, familiares e amigos.

Os estudos citados relatam a ocorrência de certa dificuldade de algumas mulheres em reorganizar-se após o nascimento de uma criança. Pesquisa do IBGE (BRASIL, 2013) apontou adesão ao estudo de apenas 10% das mulheres que tinham ao menos um filho. Dentre as mulheres com 25 a 29 anos com um ou mais filhos, 74,1 % não trabalhavam nem estudavam quando a pesquisa foi realizada. Destas, 31,5% possuíam o ensino fundamental incompleto, 20% o ensino fundamental completo ou o médio incompleto, 39,2% o ensino médio completo e apenas 9,3% possuíam ensino superior completo.

Contudo, a creche tem sido apontada como um dos mecanismos que pode favorecer o retorno da mulher ao mercado de trabalho, sendo utilizada como ferramenta de apoio em várias famílias. A mesma pesquisa do IBGE citada anteriormente apontou que, dentre as mulheres com filhos entre zero e três anos de idade que frequentavam creche, 71,7% estavam empregadas na semana de referência da pesquisa. Entretanto, quando nenhum filho frequentava creche, apenas 43,9% trabalhava fora de casa (BRASIL, 2013). Esses dados reforçam o valor da contribuição e apoio social ou institucional obtido pela mulher, que contribui para seu retorno e permanência no mercado de trabalho.

Wall (2013) analisando artigos relacionados à maternidade e ao trabalho, verificou uma alteração na representação do trabalho feminino na literatura: em meados dos anos 80, o trabalho feminino era discutido como oportunidade para as mulheres conviverem de forma mais equitativa com os homens e, atualmente, o trabalho tem sido abordado na perspectiva do “trabalho em detrimento da família”, ou em oposição às necessidades das crianças. Os dados obtidos por Milkie, Nomaguchi e Denny (2015) apontam para a crença de que as mães são mais sensíveis às necessidades das crianças do que outros adultos e, por isso, o tempo

que esta passa com os filhos é único e insubstituível. Fato que reforça a posição encontrada por Wall (2013), pois ao sair para o trabalho a mãe estaria, de certa forma, privando à criança de seu convívio e dos benefícios advindo deste. Contudo, Craig, Powell e Smyth (2014) ressaltam que é importante identificar se, no tempo que as mães passam com os filhos, elas estão realmente engajadas nessa interação, conversando e brincando ou somente supervisionando suas ações.

Alguns estudiosos (BOSSARDI, 2011; CRAIG; POWELL; SMYTH, 2014; FARIA; SANTOS; FUERTES, 2014; GIALLO; TREYVAUD; COOKLIN; WADE, 2013; HUSTON; ARONSON, 2005; MENDONÇA; MATOS, 2015; MILKIE; NOMAGUCHI; DENNY, 2015), pautados na questão do tempo da mãe com o bebê e conciliação entre trabalho e maternidade, têm procurado compreender, entre outros pontos, se o tempo que a mãe dedica ao filho sofre influência do trabalho materno.

Em um estudo realizado nos Estados Unidos, Huston e Aronson (2005) buscaram analisar se o trabalho materno se relaciona a quantidade de tempo exclusivo que as mães passavam em interação social e cuidado com seus bebês. Os autores concluíram que as mães que trabalhavam fora passavam, por semana, cerca de uma hora a menos com seus bebês do que as mães que não trabalhavam, isso porque reduziam o tempo em tarefas domésticas, organização, lazer e atividades sociais para poder dedicar mais tempo aos seus filhos, ou seja, brincando, conversando ou segurando seus bebês e menos tempo em cuidados instrumentais. No entanto, os resultados não demonstraram nenhuma evidência de que o tempo que a mãe dedicava à criança aumentava o envolvimento do bebê com ela ou que o tempo contribuiu para o desenvolvimento social e cognitivo infantil. Contudo, as autoras destacaram que a pesquisa não obteve dados suficientes sobre o conteúdo e a qualidade das relações e interações entre mães e crianças. Entretanto, a quantidade de tempo disponível para os filhos foi um indicador de cuidados maternos positivos e qualidade no ambiente doméstico. Para Huston e Aronson (2005), o emprego pode contribuir com benefícios positivos, seja por causa da renda ou estimulação social e intelectual que a mãe oferece ao bebê.

O engajamento (interação, cuidado, afeto, provimento e responsabilidade) de mães que trabalhavam fora foi um dos pontos estudados por Bossardi (2011) e Giallo et al. (2013). No que diz respeito a jornada de trabalho dos pais, ambos estudos apontaram que esta tem influência no engajamento com o bebê, observou-se que quando a jornada de trabalho materna era menor ou em tempo parcial, o

engajamento com os filhos era maior. Bossardi (2011) ainda ressaltou que as mães dedicavam mais tempo aos cuidados básicos quando sua jornada era menor. Entre as atividades realizadas, Giallo et al. (2013) apontaram que as mais comuns eram brincadeiras dentro de casa, apontado por 50% das participantes, por outro lado brincar ao ar livre e contar histórias foram as atividades menos citadas. Ambos os estudos ressaltaram que mesmo quando a mãe trabalhava em tempo integral o cuidado e a atenção que dispensava à criança era predominante em relação aos cuidados dispensados por outros membros da família.

Faria, Santos e Fuertes (2014) realizaram revisão de literatura em que um dos temas abordados estava relacionado ao que mais influencia a vinculação pais-crianças: o tempo dedicado a interação ou o gênero dos pais. Assim como Bossardi (2011) estas autoras encontraram que as mães dedicavam mais tempo aos seus filhos do que os pais, além disso, o estudo apontou que a qualidade do tempo passado com a criança tem mais importância do que a quantidade do tempo dedicado. Ademais, as autoras ainda ressaltaram que mães que brincavam e passeavam com seus filhos tendiam a estabelecer uma relação mais segura e interação mais positiva do que mães que não o faziam.

Considerando os estudos com uma tendência à valorização da maternidade intensiva, Craig, Powell e Smyth (2014) realizaram uma pesquisa na Austrália utilizando comparação entre dados do tempo de uso daquele país de 1992 e 2006 visando identificar mudanças, ao longo do tempo, relacionados aos cuidados e comportamentos parentais. De modo geral, os autores encontraram que embora a média geral de horas que os pais dedicaram aos filhos tenha sido menor em 2006, o tempo gasto em lazer e atividades sociais praticamente não se alterou quando comparado a 1992. Com relação ao trabalho materno, os dados demonstraram que a mãe não estar inserida no mercado de trabalho não se traduzia em aumento do tempo de lazer ou atividades sociais com os filhos. O mesmo ocorreu com as mães que trabalhavam em meio período, os dados não apontaram aumento no tempo dedicado ao lazer e/ou social quando comparados aos de 1992. Para os autores, esses comportamentos parentais refletiram o esforço que os pais, mesmo com as alterações no mercado de trabalho, têm realizado para priorizar o tempo dedicado aos filhos.

Na mesma linha dos estudos relacionados à maternidade intensiva, Milkie, Nomaguchi e Denny (2015), nos Estados Unidos, analisaram se a quantidade de

tempo que as mães passavam com seus filhos, de 3 a 18 anos, relacionavam-se aos resultados comportamentais, emocionais e acadêmicos dos filhos. Os dados não apontaram associações estatisticamente significativas entre tempo materno de qualquer tipo e qualquer resultado da criança. Contudo, a educação materna, a renda familiar e a estrutura familiar, relacionaram-se a alguns resultados. Por exemplo, a educação materna esteve positivamente associada ao desempenho das crianças em leitura e matemática, e a renda familiar foi positivamente associada ao desempenho em matemática das crianças. Contudo, para os adolescentes, o tempo materno associou-se negativamente aos comportamentos de risco, e o menor tempo dedicado por mãe e pai foi associado ao maior uso de substâncias ilícitas. Os dados demonstram que a quantidade de tempo que os pais passam com os filhos tem mais impacto quando os filhos estão na adolescência do que na infância. Os autores ressaltam que o foco, neste estudo, foi o tempo de engajamento materno e não a qualidade do tempo gasto.

O tempo passado em família tem sido ressaltado como ponto de apoio tanto para os filhos como para os pais. Craig, Powell e Smyth (2014) apontam que os pais têm optado por realizar o lazer em família, abdicando-se do lazer pessoal para priorizar mais tempo com os filhos. Para os autores, o lazer compartilhado facilita o vínculo entre os membros e proporciona momentos agradáveis e divertidos para pais e filhos. Também nesta direção, metade das participantes da pesquisa realizada por Mendonça e Matos (2015), apontaram que a satisfação encontrada junto à família, principalmente na interação com os filhos é um fator que contribuía para atenuar o estresse decorrente do trabalho materno. Entretanto, neste mesmo estudo, mais da metade dos pais relataram cansaço físico e psicológico ocasionado pelo trabalho, que por sua vez competia com a disponibilidade para a interação positiva com o filho. Faria, Santos e Fuertes (2014), em revisão de literatura, encontraram que mães com trabalhos estressantes ou inseridas em jornadas de trabalho irregulares apresentavam maior dificuldade de se envolverem em relações positivas com seus filhos.

Contudo, estudos apontam que a maternidade influencia menos o trabalho que o contrário, embora seja identificada, pelas corporações, redução na disponibilidade profissional da mulher após a maternidade (QUADRELLI, 2016). Em estudo sobre experiência da maternidade relacionada ao trabalho, a autora apontou que a maternidade e a dedicação ao ambiente doméstico foram consideradas

desafiadoras e cansativas tanto para as mulheres que trabalham, como para as que não trabalham fora de casa, remuneradamente. Esse dado ocorreu mesmo entre aquelas que contavam com o auxílio das avós nas atividades. A pesquisa apontou que 91,7% das mulheres realizavam os afazeres domésticos, contra 76,4 % dos homens. Observou-se que quanto maior o nível de instrução dos homens, mais eles diziam realizar as atividades domésticas, partindo de 73% para os com menor escolaridade e atingindo 83,8% para os com nível superior completo. Araújo e Scalon (2005) já apontavam que o ingresso da mulher no mercado de trabalho não havia implicado em uma divisão igualitária dos afazeres domésticos. Os dados vão ao encontro aos achados de Quadrelli (2016), que apontou o trabalho doméstico e cuidado com os filhos ainda sob maior responsabilidade feminina do que masculina, o que dá força ao relato de desgaste e cansaço relatado pelas mães. Para Dush, Yavorsky, Schoppe-Sullivan (2018) mesmo entre casais de classes mais altas há práticas desiguais de trabalho entre homens e mulheres. Estes autores encontraram homens envolvidos em atividades de lazer ao mesmo tempo em que suas esposas estavam envolvidas em trabalhos domésticos ou com o bebê. Contudo, não se verificava alteração, no tempo de lazer das mães, se seu companheiro estava no trabalho, o que evidencia a desigualdade na divisão de tarefas e lazer ainda muito presente entre os casais.

Deste modo, a fim de explorar, entre outras questões, a visão masculina com relação a divisão de tarefas Teykal e Rocha-Coutinho (2007) realizaram uma pesquisa com cinco homens que trabalhavam e estavam num relacionamento estável. Os resultados apontaram para uma mudança discreta no padrão masculino, demonstrando sua maior participação em decorrência da ausência da mulher no espaço doméstico. De modo geral, as autoras apontaram que a participação do homem era vista como uma colaboração, não como responsabilidade. O mesmo resultado foi obtido no estudo de Jablonski (2010), que realizou um estudo com 20 casais de classe média. Porém, nesta pesquisa, os homens relataram contribuição maior do que a apontada por suas esposas. O autor declara que, considerando que as entrevistadoras eram mulheres, as respostas podem ter sido dadas de acordo com o que se considerava politicamente correto ou ainda que os homens superestimavam as atividades que realmente faziam no ambiente doméstico.

Embora as pesquisas citadas caminhem na direção da responsabilidade feminina sobre os cuidados domésticos e com a família, Oliveira e Traesel (2008) e

Borsa e Nunes (2011) apontaram que essa posição também pode refletir a resistência das próprias mulheres em abrir mão do monopólio em relação às funções ditas do lar, considerando que essas funções ainda são valorizadas entre as mulheres. Para os autores este é um campo historicamente relacionado ao poder feminino, havendo uma ambivalência de sentimentos em que ao mesmo tempo em que elas reivindicam maior participação do companheiro, também demonstram resistência no compartilhamento de papéis com os homens, desvalorizando o trabalho doméstico que eventualmente ele realiza.

Em outro estudo, realizado por Santos (2014) com 10 mulheres donas de casa, a maternidade em tempo integral foi apontada por seis das participantes como principal ocupação. A vantagem da maternidade exclusiva para essas mulheres centrou-se no fato de poderem cuidar de seus filhos, da casa e estarem sempre por perto. Esse arranjo foi preferido, mesmo tendo sido citadas dificuldades encontradas na conjugalidade decorrentes da dependência financeira e da desvalorização do trabalho doméstico, dados corroborados por Teykal e Rocha-Coutinho (2007) em relação a desvalorização do trabalho doméstico e valorização da carreira profissional e do mercado de trabalho. Sentimentos como abnegações, atividades desenvolvidas em função de outras pessoas, sentimento de vazio existencial, entre outros foram apontados pelas participantes como inerentes a sua condição do ser mulher (SANTOS, 2014). A autora concluiu que a maternidade pode tornar-se um subterfúgio para justificar as escolhas da mulher durante a vida.

A ajuda profissional para realização das tarefas domésticas e apoio de familiares no cuidado com os filhos foi apontada como fator que contribui para maior disponibilidade de mães e pais para os filhos e para o trabalho (TEYKAL; ROCHA-COUTINHO, 2007; JABLONSKI, 2010). Além disso, o suporte à mãe por parte do companheiro e familiares esteve associado a redução de sintomatologias depressivas, proporcionando efeitos positivos à díade durante e após o nascimento, do bebê, contribuindo para o bem-estar físico e emocional materno (SOUZA; SOUZA; RODRIGUES, 2013; THEME FILHA; AYERS; GAMA; LEAL, 2016). Ressalta-se como positivo maior apoio do companheiro em cuidados com o bebê. Em uma pesquisa com 30 mães primíparas com bebês entre dois e seis meses de vida, 77% das participantes relatou que o parceiro colaborava com os cuidados referentes ao bebê, os outros tipos de apoio recebidos advinham dos avôs e outros familiares (MANENTE; RODRIGUES, 2016). Pesquisando sobre trabalho e cotidiano

das mulheres, Ávila e Ferreira (2014) apontaram que 74% das participantes contavam com algum tipo de ajuda para cuidar da casa, contudo, entre as mulheres casadas, 71% afirmaram que a ajuda não provinha do marido. Entre as mulheres solteiras ou viúvas, com filhos, a principal fonte de auxílio era a avó materna.

O retorno ao trabalho tem se configurado como um momento difícil para as mães, contudo as dificuldades têm sido minimizadas quando há apoio social ou institucional. Sentimentos de tranquilidade e segurança foram relatados por enfermeiras que se tornaram mães e tiveram o apoio de familiares como fundamentais na transição entre maternidade e trabalho. Além disso, o apoio da família extensa, tios, tias e amigos, foram fortalecidos pela proximidade geográfica e afetiva (RODRIGUES; MAZZA; HIGARASHI, 2014). O apoio às mães atua como fator de proteção à maternidade e é importante uma rede que ofereça tanto auxílio com relação ao bebê quanto aos cuidados domésticos e assistência à mulher (MANENTE; RODRIGUES, 2016).

2. OBJETIVO

O objetivo desta pesquisa foi o de comparar o tempo de cuidado materno com o bebê em função de seu trabalho externo ou não, bem como conhecer a divisão de tarefas entre o casal e a rede de apoio materna.

3. MÉTODO

3.1 Aspectos éticos

O projeto deste estudo foi submetido à Plataforma Brasil conforme as condições estabelecidas pela resolução 466/2012 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP, 2012), CAAE 61211616.9.0000.5398, obtendo o parecer favorável de número 1.817.775.

3.2 Participantes

Participaram 16 díades mães-bebês, selecionadas por conveniência, sendo que oito mães exerciam atividade remunerada fora de casa e oito não a exerciam.

Todas eram mães biológicas, idade entre 27 a 36 anos, com no mínimo oito anos de escolaridade e habitavam com esposo ou companheiro adulto. A renda mínima das famílias eram no mínimo R\$ 1.020,00 *per capita*. Os bebês tinham entre 12 e 19 meses de idade sem risco de desenvolvimento relatado. A Tabela 1 apresenta mais informações a respeito das características das díades participantes.

Tabela 1 - Caracterização das díades mãe-bebê

	Mães que trabalham fora n=8	Mães que não trabalham fora n=8
Escolaridade materna		
Técnico	0	1
Superior	8	5
Superior + Pós-Graduação	0	2
Tempo de relacionamento		
2 a 5 anos	4	2
6 a 9 anos	4	5
Auxilia nos cuidados com o bebê		
Creche	3*	4
Avó	5*	0
Empregada	1	0
Número de filhos		
1	8	5
2	0	3
Sexo do bebê		
Masculino	5	7
Feminino	3	1

*criança cuidada por avó e creche

Fonte: Próprio autor

Para cinco mães, a jornada diária de trabalho externo era de seis horas, e para três era maior, chegando a 8 e 9 horas diárias. Todas as participantes estavam na primeira união, os parceiros tinham entre 30 e 37 anos e nas residências moravam apenas pai, mãe e filhos. Os dados ocupacionais da família bem como a renda podem ser visualizados na Tabela 2.

Tabela 2 - Caracterização ocupacional da família e tempo no trabalho (diário)

	Mães que trabalham fora n=8	Mães que não trabalham fora n=8
Ocupação materna		
Profissional liberal	3	0
Setor administrativo	3	0
Saúde e Educação	2	0
Não trabalha fora	0	8
Jornada diária de trabalho materno		
6 horas	5	0
> 6 horas	3	0
Ocupação paterna		
Profissional liberal	1	0
Setor Público/administrativo	3	1
Saúde e Educação	2	4
Iniciativa privada	2	3
Jornada diária de trabalho paterno		
≤ 8 horas	5	4
> 9 horas	3	4

Fonte: Próprio autor.

3.3 Local

Os dados foram coletados em uma sala de atendimento do Centro de Psicologia Aplicada (CPA) de uma universidade paulista. Apenas para duas díades, por indisponibilidade das mães deslocarem-se ao CPA, os dados foram coletados nas residências.

3.4 Instrumentos

Para caracterizar as famílias, foi utilizado o Questionário de Caracterização do Sistema Familiar Versão – Pais ou Responsável de Dessen (2009), com ênfase nos dados sociodemográficos, divisão de atividades domésticas e cuidados diários com o bebê, rede de apoio social familiar.

O tempo de cuidado/interação social com os bebês de mães que trabalhavam e não trabalhavam fora de casa foi analisado a partir do Protocolo de Atividade Diária construído para essa pesquisa com base no Instrumento “Atividades cotidianas da sua criança” construído por Kobarg (2006). Investigou-se o tempo de

dedicação exclusivo da mãe com o bebê durante um dia da semana e um dia no final de semana; se a mãe estava sozinha com o bebê nos momentos dessa interação ou não; quem estava com ela; a quantidade de horas gasta em diferentes atividades rotineiras como cozinhar, arrumar a casa, bordar, ler, etc e atividades de lazer com e sem a criança. Além disso, foi investigado com quem a mãe contava para ajudá-la a cuidar do bebê durante a semana e nos finais de semana e por quantas horas.

3.5 Procedimento de coleta de dados

As mães foram contatadas por indicação e agendou-se dia e horário para esclarecimentos sobre a realização da pesquisa. Após redimidas todas as dúvidas, as participantes assinaram o TCLE, aceitando participar da pesquisa. Em seguida foram entregues os instrumentos Questionário de Caracterização do Sistema Familiar e o Protocolo de Atividades Diárias que ficaram disponíveis para a mãe responder por aproximadamente uma semana. Algumas mães optaram pela devolução via e-mail, outras mães o fizeram pessoalmente, conforme sua disponibilidade.

3.6 Procedimento de análise dos dados

Os dados obtidos por meio do Questionário de Caracterização do Sistema Familiar Versão – Pais ou Responsável foram categorizados de acordo com as respostas obtidas e objetivos do estudo, seguindo a orientação do manual (DESSEN, 2009).

Os dados do Protocolo de Atividade Diária foram computados de forma a obter mensuração da quantidade de tempo de interação exclusiva entre mãe-bebê e categorização das atividades que ocorrem na interação da díade, ou seja, quanto tempo a mãe dedica exclusivamente ao bebê e em quais atividades dedica maior ou menor tempo. As respostas obtidas foram agrupadas em três categorias: Cuidados instrumentais (trocar fralda, banho, colocar para dormir), Alimentação (amamentação, mamadeira, almoço, jantar e lanches) e Lazer do bebê (brincadeiras em geral, música, histórias, etc.). Também foram tabulados e comparados os dados referentes às atividades que a mãe realiza durante a semana, tais como: Trabalhos

domésticos; Outras atividades (costurar, bordar, estudar, ler, escrever); Atividades de lazer sem a criança e Atividades de lazer com a criança. Para as comparações dos grupos foram utilizadas estatísticas descritivas (médias e medianas) e utilizado o teste não paramétrico Mann-Whitney (amostra não emparelhada). As análises estatísticas foram realizadas por meio do software *Statistical Package for the Social Sciences for Windows (SPSS)* e foi considerado nível de significância $p < 0,05$, contudo, considerando o tamanho pequeno da amostra, também foram discutidos os dados que apresentaram significância $p < 0,09$.

4. RESULTADOS

Os dados obtidos visam identificar se houve diferença significativa entre os grupos de mães que trabalhavam fora ou não, e a quantidade de tempo que dedicavam exclusivamente em cuidados e interação com o bebê, cuidados, divisão de tarefas domésticas e rede de apoio social.

As participantes foram questionadas sobre a quantidade de horas que passavam em interação exclusiva com o bebê, em um dia típico durante a semana e um dia característico do final de semana. Os resultados da comparação entre os grupos podem ser verificados na Tabela 3.

Tabela 3 - Comparação do tempo de atividade exclusiva da mãe (em minutos) com a criança em um dia da semana e um dia do fim de semana

	Categorias de atividade	Exerce atividade remunerada		Não exerce atividade remunerada		U	p
		Mediana	Média	Mediana	Média		
		Dia da semana					
	Cuidados instrumentais	52,5	65,6	57,5	59,4	69,0	0,9581
	Alimentação	75,0	84,4	67,5	80,6	72,0	0,7132
	Lazer do bebê	82,5	104,4	135,0	151,9	55,5	0,2076
Fim de semana							
	Cuidados instrumentais	70,0	71,9	40,0	33,1	85,0	0,0831*
	Alimentação	72,5	96,3	60,0	68,1	78,5	0,2936
	Lazer do bebê	225,0	159,4	120,0	112,5	78,0	0,3184

Teste Mann-Whitney * $p < 0,09$.

Fonte: Próprio autor.

É possível observar que as mães que trabalhavam fora dedicavam mais tempo aos cuidados instrumentais com o bebê, aos cuidados com a alimentação e

atividades de lazer que proporcionam aos filhos nos finais de semana do que as mães que não trabalhavam fora. Especialmente no que diz respeito aos cuidados instrumentais, os dados demonstram diferença significativa, ou seja, nos finais de semana, mães que trabalhavam dedicaram mais tempo a troca de fralda, banho e fazer o bebê dormir. Além disso, o período de lazer com a criança no fim de semana, para essas mães, considerando a mediana, foi o dobro do indicado pelas mães que não exerciam atividade remunerada. Contudo, durante a semana, as mães que ficavam em casa dedicavam mais tempo a essas atividades de lazer durante os cinco dias da semana do que as que trabalhavam fora. Outras diferenças podem ser verificadas, como o maior tempo dedicado as mães que trabalhavam fora em alimentar seus bebês, mesmo durante a semana, tanto em função da média quanto da mediana, mas sem diferença estatística significativa.

Na Tabela 4 podem ser visualizados os dados referentes a divisão de responsabilidades no cuidado com o bebê. Observa-se que em ambos os grupos houve maior número de respostas compatíveis com a divisão de tarefas entre pai e mãe, embora a mãe muitas vezes realizasse essas atividades sozinha. Nota-se também que nas famílias em que a mãe trabalha fora havia mais pessoas ajudando além do casal, como avó e outros familiares, contudo verificou-se que o auxílio da avó está relacionado preponderantemente às atividades de banho, alimentação e colocar a criança para dormir. Esta foi citada por ambos os grupos como sendo a pessoa com quem se pode contar para auxiliar nos cuidados com o bebê. Destaca-se que a categoria relacionada ao lazer familiar (Levar para atividade de lazer) foi apontada cinco vezes em ambos os grupos de mães como sendo uma atividade compartilhada pelo casal.

Tabela 4 - Responsabilidades com o bebê

	Mãe	Pai	Mãe e pai	Mãe, avó e empregada	Mãe, pai e empregada	Mãe, pai, avó e tia	Freq.
Mães que exercem atividade remunerada							
Alimentação e banho	2		2	1		3	8
Levar à escola	1		2				3
Ler/contar histórias	2		3		1	1	7
Levar para atividade de lazer	1		5		1	1	8
Colocar para dormir	3		2	1		2	8
Brincar	1		2		1	4	8
<i>f</i>	10	0	16	1	3	11	
Mães que não exercem atividade remunerada							
Alimentação e banho	4		3			1	8
Levar à escola	3	2					5
Ler/contar histórias	1		3	2			6
Levar para atividade de lazer	1		5			2	8
Colocar para dormir	4		4				8
Brincar			3			5	8
<i>f</i>	13	2	18	2		8	

Fonte: Próprio autor.

No grupo de mães que não exercia atividade remunerada, das cinco crianças que frequentavam à creche em período parcial, dois pais eram os únicos responsáveis por levarem o bebê ao berçário, embora a mãe ainda tenha recebido maior número de respostas para essa questão.

Na Tabela 5 encontram-se os dados da quantidade de tempo (em minutos) que as mães dos dois grupos dedicavam a outras atividades que não envolviam o cuidado exclusivo com o bebê.

Tabela 5 - Comparação da quantidade de minutos de atividades que as mães realizam durante a semana.

Atividades	Exerce atividade remunerada		Não exerce atividade remunerada		U	p
	Mediana	Média	Mediana	Média		
Trabalhos domésticos		356,3		896	42,0	
	330,0		870			0,0074*
Outras atividades no lar		469		401	71,5	
	360		300			0,7527
Ativ lazer sem o bebê		30		112,5	58,5	
	0,0		60,0			0,3446
Ativ lazer com o bebê		405,5		300	81,5	
	390,0		240			0,1722

Teste Mann-Whitney * $p < 0,09$.

Fonte: Próprio autor.

Verificou-se diferença significativa apenas no que diz respeito a “Trabalhos domésticos”, em que o grupo de mães que não trabalhava fora dedicou significativamente mais tempo à essa atividade. Embora os dados não tenham apontado outras diferenças estatisticamente significativas, o grupo de mães que exercia atividade remunerada praticamente não realizava atividades semanais de lazer sem a companhia da criança. Entretanto, mesmo que em número pequeno de horas, esse momento existia para o grupo de mães que não exercia atividade remunerada, mas que trabalhava em casa. Ademais, observou-se que essa mãe que trabalhava fora também dedicava mais tempo em atividades semanais de lazer com a criança (como almoçar fora, passeios, visitas e shopping).

Os dados da tabela 6 demonstram que os afazeres domésticos continuam em grande parte sob responsabilidade da mulher. Contudo, no grupo de mães que exerce atividade remunerada, a participação do pai nos afazeres domésticos parece ser um pouco maior e dois deles assumem com exclusividade a atividades lavar/passar ou comprar alimentos. Com relação a “Comprar alimentos”, observou-se considerável participação do pai em ambos os grupos, apesar de ser uma atividade realizada junto com a esposa. Destaca-se que no grupo de mães que não exercia atividade remunerada, “Cozinhar” demonstrou ser responsabilidade preponderante da mulher.

Tabela 06 - Responsabilidades com os afazeres domésticos

	Mãe	Pai	Avó	Empregada	Mãe e pai	Mãe e avó	Pai e avó	Mãe, pai, empregada e avó
Mães que exercem atividade remunerada								
Limpar a casa	3		1		2			2
Cozinhar	3		1		1	1	1	1
Lavar/passar	3	1			1	1		2
Comprar alimentos	1	1			5			1
Orientar empregada	3				1			
<i>f</i>	13	2	2	0	10	2	1	6
Mães que não exercem atividade remunerada								
Limpar a casa	3		1	3		1		
Cozinhar	5		1		1	1		
Lavar/passar	2		1	3		1		1
Comprar alimentos	3				5			
Orientar empregada	4				1			
<i>f</i>	18	0	3	6	7	3	0	1

Fonte: Próprio autor.

Outro aspecto interessante é que no grupo de mães, que não trabalhava fora, foi citada a ajuda da empregada doméstica em mais atividades, seja em limpar a casa ou lavar a roupa, com maior frequência. Embora a participação feminina seja predominante quando se trata da divisão dos afazeres domésticos em ambos os grupos, o grupo de mães que exercia atividade remunerada demonstrou que o suporte existente parte mais de diversos membros da família, pai, avós, tios do bebê e empregadas. Ou seja, os afazeres estão sob responsabilidades de várias pessoas, não havendo uma divisão entre as tarefas, mas sim um compartilhamento de responsabilidades, quando necessário. Já no grupo de mães que não exerciam atividade remunerada, a maior parte das respostas está distribuída entre as quatro primeiras colunas da tabela, que correspondem a responsabilidade de apenas uma pessoa pela tarefa, seja essa pessoa mãe, avó ou tia e empregada. Outro ponto a ser destacado é a ausência de atividade exclusiva do pai nas atividades domésticas neste grupo.

A Tabela 7 apresenta os dados sobre a rede de apoio para além dos cuidados com o bebê e os afazeres domésticos, bem como a sua importância na rotina da família.

Tabela 07 - Rede de apoio familiar

Rede de apoio	Mães que trabalham fora	Mães que não trabalham fora	Importância
Não familiar			
Amigos	4	2	Interação com outras crianças
Vizinhos	2	1	Importante
Empregada	0	2	-
Instituição/profissional			
Berçário	2	4	Desenvolvimento/cuidado do bebê
Médico	2	2	Acompanhamento de rotina

Fonte: Próprio autor.

Os dados apontam para maior presença dos amigos na rede de apoio não familiar entre as mães que trabalhavam fora. Enquanto no outro grupo de mães, os profissionais da rede de apoio institucional foram citados mais vezes, sendo o berçário a forma de apoio institucional utilizada por metade delas.

5. DISCUSSÃO

Participaram deste estudo mães que exerciam ou não trabalho remunerado fora de casa. Considerando o tempo de dedicação da mãe ao bebê, verificou-se que, nos finais de semana, o tempo de dedicação ao filho entre as mães que trabalhavam foi maior, em todas as categorias, do que o das mães que estavam em casa. Observou-se que a mãe que trabalha tenta compensar a sua ausência durante a semana com o tempo dedicado a criança no final de semana, enquanto neste período a mãe que não trabalha reduz seu tempo em atividades com o bebê. Por outro lado, a redução nos cuidados com os filhos nos finais de semana, para as mães que não trabalham, pode indicar a divisão dos cuidados com o pai, que aos finais de semana possui mais tempo disponível. Deste modo, é possível que o pai também “compense” sua ausência semanal nestes momentos.

Esses achados vão na direção dos estudos de Craig, Powell e Smyth (2014) e Huston e Aronson (2005) que apontam para a quase equivalência de horas gastas, nos cuidados com os filhos, entre mães que trabalham fora de casa ou não. Para os autores as mães que estão no inseridas no mercado de trabalho reduzem o tempo em tarefas de organização do lar e cuidados pessoais, para, nos finais de semana,

dedicar-se mais ao bebê, seja dando banho, alimentando ou trocando fraldas ou brincando e conversando. Os autores apontaram que a maior disponibilização de tempo para a criança pode indicar cuidados maternos mais positivos e maior qualidade no ambiente doméstico, tanto pelo aumento da renda econômica quanto pela estimulação intelectual e social da mãe ao bebê.

Além disso, observou-se que as mães que não trabalham fora realizam mais atividades de lazer sem a criança do que as mães que trabalham fora, para quem o lazer pessoal, sem o bebê, foi quase zero. Mães que trabalham fora se dedicam ao trabalho, ao filho e à família, mas não tem disponibilizado tempo para lazes individuais e do casal, como o cinema, por exemplo, apontado por elas como uma das atividades que não realizaram após o nascimento do filho, dados que vão novamente ao encontro dos achados de Craig, Powell e Smyth (2014) e Huston e Aronson (2005).

Além do tempo materno, os dados ainda demonstram participação dos pais e das avós no cuidado com o bebê. Contudo, a mãe ainda foi identificada, em algumas famílias, como única responsável pelas tarefas. Esse fato ficou mais evidente entre as mães que não trabalhavam fora, pois, metade das participantes apontaram serem as únicas responsáveis por alimentar e colocar o bebê para dormir. Os achados corroboram com os estudos de Bossardi (2011) e Faria, Santos e Fuertes (2014) que apontaram que os cuidados dispensados pelas mães ainda são maiores, em quantidade, do que os cuidados dispensados por outros membros da família. Contudo, pode-se observar um fato interessante, a avó foi bastante citada na fala de todas as participantes, principalmente entre as mães que trabalhavam, demonstrando que mesmo quando os filhos estão adultos, a mãe (hoje avó) continua no suporte ao filho e agora também ao neto, ou seja, à família extensa como um todo. Portanto, os dados sugerem que o papel de cuidado materno parece ultrapassar a construção familiar da sua geração, perpetuando o papel de cuidadora independentemente da idade dos filhos ou até mesmo do ciclo de vida a que pertence.

Dessen e Braz (2000), também encontraram que a divisão de tarefas, quando a mãe trabalha, se dá entre mãe, pai e avó, sendo a última apontada como atuante na rotina da casa, na educação e criação dos filhos por meio da transmissão de valores e regras. Além dos pais e avós, Bossardi (2011) apontou para a presença de outros membros na família no cuidado com os filhos, tios, empregadas, entre outros,

corroborando os achados desta pesquisa. A literatura (JABLONSKI, 2010; SOUZA; SOUZA; RODRIGUES, 2013; TEYKAL; ROCHA-COUTINHO, 2007; THEME FILHA; AYERS; GAMA; LEAL, 2016) tem ressaltado a importância da participação dos familiares e ajuda de profissionais para garantir maior eficácia materna no que diz respeito a divisão de tarefas no cuidado com os filhos, com a família e no trabalho. Além disso, o suporte às mães tem sido associado a redução nos sintomas depressivos e aumento no bem-estar emocional materno, importantíssimo na relação mãe-bebê. Para Silva (2010), o trabalho configura-se como principal motivo da inclusão da avó no contexto familiar. Deste modo, a sua participação na família contribui também para seu próprio bem-estar e realização, na medida em que se sente útil e transmite valores familiares.

Contudo, embora esta pesquisa tenha verificado apoio dos membros da família, quando se fala em afazeres domésticos, a atuação do parceiro não ficou evidente, demonstrando que a divisão do trabalho doméstico com ele ainda tem um longo caminho a percorrer, corroborando os achados da literatura que apontaram baixa adesão do companheiro ao trabalho doméstico (ARAÚJO; SCALON, 2005; JABLONSKI, 2010; MANENTE; RODRIGUES, 2016; TEYKAL; ROCHA-COUTINHO, 2007). Esta pesquisa apontou que limpar a casa, cozinhar, lavar e passar estava sob responsabilidade quase que exclusiva da mulher, principalmente no grupo de mulheres que não exerciam trabalho remunerado e que dedicavam aproximadamente 15 horas semanais apenas a essas atividades. A quantidade de horas apontada na pesquisa, embora significativa na comparação entre os grupos, está abaixo da média nacional (22,3 horas) de dedicação das mulheres aos afazeres domésticos (BRASIL, 2013). Entretanto, neste estudo mais da metade das participantes contava com o auxílio de uma empregada doméstica, o que parece ter contribuído para o resultado abaixo da média nacional.

Conforme apontado por Jablonski (2010) e Teykal e Rocha-Coutinho (2007), a participação da mulher no mercado de trabalho não implica em uma divisão igualitária do trabalho doméstico com o parceiro. Contudo, mesmo entre as mulheres, parece ser necessária uma mudança na concepção sob as responsabilidades do casal dentro da casa. Nota-se, a partir da fala das participantes, que na sua concepção o trabalho doméstico seria mais sua responsabilidade que do outro, o que reforça o papel da mulher como “cuidadora do lar”. Frases como “A responsabilidade do bebê também é dos dois”, “Apesar de ele

ter umas funções lá, ele ajuda eu a dividir, dá banho...”, “Ele curte, ele ajuda também”, “Eu acabo cobrando entendeu, me ajuda fazer isso, me ajuda fazer aquilo entendeu” entre outras, demonstraram que quando o homem realiza atividades domésticas ou relacionadas ao bebê, esta é vista como ajuda, não como responsabilidade compartilhada, assim como apontado por Jablonski (2010) e Teykal e Rocha-Coutinho (2007), entre outros.

A literatura aponta que esse papel de ajuda e não de corresponsabilidade pode ser reforçado pelas próprias mulheres e pela cultura na qual estão inseridas, considerando que o papel materno e de boa “esposa” que cuida do lar e da família é valorizado entre elas (BORSA; NUNES, 2011; OLIVEIRA; TRAESEL, 2008; SANTOS, 2014). Para as mães que deixaram suas profissões para dedicar-se exclusivamente à maternidade, Santos (2014) aponta que elas concebem o papel de cuidadora como inerente à sua condição de ser mulher, podendo se tornar justificativa para as escolhas que fez ou deixou de fazer em nome dos filhos e da casa.

Ademais, embora pequena, este estudo identificou participação exclusiva do pai em “levar à escola”, podendo expressar a tentativa do pai de maior participação na rotina do filho, pois ausenta-se ao menos oito horas diárias do convívio com a família. Além disso, “Comprar alimentos” foi apontado com cinco respostas de ambos os grupos de mães. Embora essas atuações masculinas possam refletir uma tentativa de alteração do padrão tradicional da divisão de tarefas, nota-se um reforçamento do papel do homem como provedor financeiro (TEYKAL; ROCHA-COUTINHO, 2007).

O resultado positivo desta pesquisa, com relação ao trabalho materno e a interação mãe-bebê, pode ser devido a uma composição mista no grupo de mães que exerce atividade remunerada, ou seja, compuseram a amostra mães que trabalhavam entre 30 e 40 horas semanais. Estudos (BOSSARDI, 2011; GIALLO; TREYVAUD; COOKLIN; WADE, 2013) apontam que quanto menor for (ou meio período) a jornada de trabalho materna, maior é o engajamento da mãe com o bebê, ou seja, a quantidade de horas que a mãe trabalha influencia no engajamento.

Estudos com a participação de mulheres que trabalhem em jornada integral ou plantões podem contribuir para esclarecer essa questão. Contudo, os resultados não evidenciaram prejuízos para mães e bebês quando as mães trabalhavam fora, pelo contrário, verificou-se que em alguns momentos o tempo que elas dedicavam à

maternidade e aos cuidados com o filho foi igual ou maior do que entre as mães que não trabalhavam. Esse dado vai ao encontro do apontado pela literatura, com mulheres de nível socioeconômico e educativo mais alto. Embora a mulher esteja cada vez mais presente no mercado de trabalho esse fator não tem reduzido o tempo que esta dedica aos filhos ao longo dos tempos.

Os achados desta pesquisa contribuem com a literatura (WALL, 2013; CRAIG; POWELL; SMYTH, 2014; MILKIE; NOMAGUCHI; DENNY, 2015) na medida em que auxilia na desmistificação da ideia de que a mãe que não exerce atividade remunerada dedica 24 horas do seu dia com a criança e por isso provê atividades mais estimuladoras e melhor desenvolvimento ao seu filhos, enquanto que a mãe que exerce atividade remunerada não teria o tempo necessário com seus bebês. Além disso, este estudo contribui com a literatura na medida em que indica quanto espaço ainda há disponível na vida doméstica e nos cuidados com o bebê para atuação masculina, de modo que essa atuação contribua para melhor divisão de tarefas entre o casal.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como objetivo identificar diferenças no tempo de cuidado que mães que trabalham fora e mães que não trabalham fora dedicam ao bebê. Além disso, buscou-se conhecer a realidade dessas mães no que diz respeito a divisão de tarefas com o companheiro e rede de apoio social. Destacou-se a baixa participação dos pais referente aos afazeres domésticos, embora com relação ao cuidado do bebê tenha-se verificado mudanças em relação ao padrão tradicional. Além disso, destacou-se a participação das avós tanto no auxílio aos cuidados com o bebê, quanto no auxílio nos afazeres domésticos, demonstrando que esta tem papel fundamental na dinâmica familiar.

Entre as dificuldades encontradas para a composição da amostra foi a dificuldade em encontrar mães disponíveis, principalmente entre as que não trabalhavam fora de casa. Os dados aqui apresentados refletem o resultado de um pequeno grupo, de nível socioeconômico privilegiado e em condições de opção por trabalhar ou não trabalhar. Os dados corroboraram a literatura na medida em que apontaram para a não existência de diferenças significativas no tempo de cuidado materno de mães que trabalham fora e seus bebês em relação às mães que não

trabalham fora. Sugere-se que novos estudos sejam realizados considerando uma amostra maior e mais representativa da população brasileira. Além disso, sugere-se que novos estudos sejam realizados visando comparar mães que trabalham em tempo integral, parcial e mães que não trabalham fora a fim de verificar possíveis diferenças relacionadas às jornadas de trabalho. Além disso, seria importante incluir dados relacionados à saúde mental materna, a fim de verificar a influência dessa variável nos resultados. Novos estudos com populações de menor nível socioeconômico são necessários para verificar a existência ou não de diferença para outras parcelas da população, considerando que o nível educacional e econômico pode influenciar nos resultados obtidos. Por fim, acredita-se que esses dados possam contribuir com a literatura na medida em que evidencia o trabalho como um dos fatores que podem contribuir para a qualidade da relação mãe bebê e cuidado materno, não como determinante de diferenças referente a essas questões.

ESTUDO 03: Análise comparativa sobre crenças a respeito da maternidade, desenvolvimento do bebê e trabalho de mães que exercem ou não atividade remunerada

1. INTRODUÇÃO

É indiscutível que, na sociedade atual, existem inúmeros fatores que influenciam as mães ou casais, a tomarem diferentes decisões em relação ao cuidado familiar ou alternativo do bebê (PICCININI; POLLI; BORTOLINI; MARTINS; LOPES, 2016). Com as mães trabalhando cada vez mais fora de casa, o nascimento do bebê gera dúvidas em mães de alta escolaridade e investimento na formação profissional a respeito do que fazer com a profissão. Porém, não há dúvida de que essa fase é muito delicada, afeta toda a estrutura familiar e exige uma grande redefinição e reorganização, principalmente dos projetos de vida individuais (JORGE, 2011). Estudos apontam que a qualidade do ambiente de trabalho e o estresse, associado a sobrecarga deste, podem ter impacto no desenvolvimento das crianças, uma vez que afetam a qualidade da interação entre mães e filhos e a qualidade do ambiente doméstico (OLIVEIRA; FARIA; SARRIERA; PICCININI; TRENTINI, 2011).

Efeitos negativos do trabalho materno no desenvolvimento infantil foram encontrados por Ruhm (2004). Em sua pesquisa, o autor apontou que o trabalho materno no primeiro ano de vida da criança esteve associado com menor habilidade verbal em crianças com idade entre três e quatro anos e prejuízos nas habilidades de leitura e matemática aos cinco e seis anos. Entretanto, o autor ressaltou que os custos cognitivos para a criança estão presentes quando as mães trabalham fora por horas excessivas nos primeiros anos da criança, o mesmo não pode ser afirmado para mães que trabalhavam em tempo parcial. Huerta et. al. (2011), em seu estudo transnacional, encontraram associações negativas entre trabalho materno precoce e o desenvolvimento infantil em famílias cujos pais possuíam altos níveis de educação. Para os autores, em razão dos pais terem maior probabilidade de se envolverem em atividades parentais estimulantes, as crianças têm maior prejuízo quando eles trabalham do que as crianças de famílias menos favorecidas financeiramente, cujos pais se envolvem em atividades menos estimulantes.

Por outro lado, foram encontradas menor incidência de hiperatividade infantil, baixo nível de ansiedade e comportamentos pró-sociais em estudos com crianças de quatro anos de mães que trabalhavam fora (NOMAGUCHI, 2006). Estudos apontam que os efeitos do emprego no desenvolvimento das crianças são muito mais significativos para famílias de mães solteiras do que para famílias com ambos os pais (GOUX; MAURIN, 2010). Segundo os autores, famílias com ambos os pais possuem maior acesso a outros tipos de cuidados não parentais e alternativas para acolhimento das crianças, seja no cuidado familiar, em creches ou escolas pré-primárias.

Pesquisadores ainda têm ressaltado a importância de se investir em educação de boa qualidade e promoção de atividade que contribuam para o desenvolvimento da criança. Os valores pessoais da mãe em relação ao trabalho também contribuem para uma relação mais positiva entre trabalho materno e desenvolvimento infantil, além das condições econômicas da família, apoio familiar e social que afetam positivamente o cuidado com os filhos e facilitam a relação trabalho e maternidade (HUERTA et al., 2011; OLIVEIRA et al., 2011).

Embora os estudos apontem vantagens e desvantagens da inserção da mulher no mercado de trabalho, parece haver um consenso na literatura de que os pais, mesmo diante dos conflitos advindos da conciliação entre trabalho e maternidade, possuem uma certa noção de como devem agir em relação ao seu filho. Ou seja, pais cuidam e educam seus filhos de acordo com aquilo que acreditam estar certo ou errado, de acordo com o que valorizam ou desvalorizam (KOBARG, 2006), agem de acordo com suas crenças, que são desenvolvidas a partir de experiências e vivências sociais e culturais. Para Ribas Jr., Seidl de Moura e Bornstein (2003) essas crenças atuam como mediadores que influenciam as práticas de cuidado e comportamentos dos pais, apresentando diversos efeitos sobre o comportamento e desenvolvimento infantil.

Considerando a importância destes fatores, Lopes, Oliveira, Vivian, Bohmgahren, Piccinini e Tugde (2007) investigaram os sentimentos maternos frente ao desenvolvimento do filho de um ano de idade. Participaram do estudo 28 mães com nível de escolaridade variado e um único filho. As mães apontaram que os filhos nessa fase estavam mais ativos e independentes. Contudo, essas novas aquisições exigiam delas adaptações, maior proximidade, presença e disponibilidade. Deste modo, essa fase foi relacionada aos sentimentos de

contentamento, mas também cansaço, ansiedade e estresse. Os autores destacaram que o aumento nas vocalizações da criança contribuíam para o aumento na interação mãe-bebê e, também, para o comportamento exploratório. Contudo, a iniciativa, a curiosidade e a exploração se fortaleceram quando a mãe reservava um tempo para responder às demandas da criança.

Observa-se a partir da literatura que as crenças e práticas de cuidados também podem ser influenciadas pela escolaridade materna. Martins, Vieira, Seidl de Moura e Macarini (2011) em pesquisa com 606 mães de capitais e do interior do Brasil encontraram que os cuidados primários eram relatados como mais frequentes pelas mães do interior que das capitais, que por sua vez valorizavam mais a estimulação. Para as autoras, a variável escolaridade contribuiu para o resultado, pois verificou-se que quanto maior a escolaridade materna mais práticas de estimulação foram relatadas. Esse dado reforçou as pesquisas de Kobarg (2006) que apontaram a mesma diferença entre mães da zona rural, que valorizavam o bem-estar físico e a disciplina, enquanto mães da zona urbana relataram maior importância para a estimulação do bebê.

Em outro estudo, que teve como objetivo de analisar crenças de diferentes cuidadores, Seidl de Moura, Pessoa, Ramos, Mendes, Fioravanti-Bastos e Dias (2014), entrevistaram 120 pessoas, sendo elas: mães, avós, babás e cuidadoras de creches, e verificaram que os cuidados infantis eram valorizados por todas as cuidadoras. Contudo, constatou-se que as mães valorizavam mais a autonomia e a relação com o bebê do que avós, babás e cuidadores da creche. Neste estudo, verificou-se que as mães tinham maior nível escolar, seguida pelas avós. As autoras concluíram que cuidadores com maior nível escolar valorizavam mais a autonomia que os com menor nível educacional, o que evidenciou o papel da escolaridade nas crenças sobre o que é mais importante para o desenvolvimento da criança.

Na pesquisa realizada com mães paquistanesas inseridas no mercado de trabalho sobre os fatores que elas acreditavam que poderia influenciar no vínculo entre as mães que trabalhavam e seus filhos de zero a dois anos, Kassamali e Rattani (2014) encontraram a crença de que o vínculo entre mãe e bebê ocorre a partir do esforço consciente da mãe em estabelecê-lo. Ou seja, caso a mãe não se disponha a dedicar tempo na formação desse vínculo, este poderia tornar-se frágil, prejudicando a relação. Além disso, as participantes relataram acreditar que a qualidade do tempo passado com a criança teria maior influência do que a

quantidade do tempo dedicado. Mesmo que para prover qualidade fosse necessário, em alguns momentos, comprometer responsabilidades ou passatempos pessoais das mães.

As concepções dos pais sobre o desenvolvimento dos seus bebês com três meses de idade foram investigadas por Nunes e Salomão (2016). Participaram desse estudo 20 pais e 20 mães, em que a maioria possuía nível escolar superior. Os resultados apontaram que seis mães e 10 pais acreditavam que o estímulo, as características do relacionamento dos pais entre si e com o bebê e a rotina eram os responsáveis por determinar algumas características nos seus filhos, como por exemplo, a criança “gostar” de conversar. Os estímulos também foram apontados pela maioria dos pais e mães como fator mais importante para o desenvolvimento infantil. Resultado similar foi encontrado por Guardiano, Passas, Corujeira, Gonçalves, Almeida e Viana (2017) em pesquisa com mães de crianças pré-escolares nascidas pré-termo. Os dados apontaram que estimulação era a dimensão mais valorizada por esses pais, seguida por apresentação da criança, vinculação e disciplina. Para Nunes e Salomão (2016), a atenção dos pais às necessidades da criança e a capacidade de perceber o que é importante para o seu pleno desenvolvimento pode refletir uma característica responsiva dos pais.

Observa-se que as crenças e sentimentos dos pais em relação a maternidade, o desenvolvimento da criança e o trabalho podem tanto contribuir quanto prejudicar a relação mãe-bebê, considerando que a mãe age de acordo com aquilo que acredita ser melhor para si e para a criança. Neste contexto, Shuster (1993) procurou investigar sentimentos de mães que trabalhavam e mães que não trabalhavam durante a primeira infância de seus filhos. Os resultados demonstraram que as mães que preferiam ficar em casa, ou foram ambivalentes sobre o retorno ao trabalho, viam-se como mais competentes, do que as mães que trabalhavam, nos cuidados com seus filhos. Por outro lado, mães que trabalhavam concebiam o cuidado como um papel compartilhado e foram mais positivas no seu desejo de trabalhar. Contudo, despertaram a preocupação dos pesquisadores as mães que acreditavam no papel exclusivo de cuidador primário do seu bebê e expressavam sentimentos de concorrência com outros prestadores de cuidados infantis; e as mães que estavam muito separadas de seus filhos e pareciam projetar suas responsabilidades maternas em outro cuidador. O autor apontou que essa dificuldade de algumas mães em aceitar e responder às exigências do cuidado de

seus filhos constituem-se como fator de risco para o desenvolvimento da sensibilidade materna. Deste modo, o autor concluiu que a qualidade da relação mãe-bebê estava mais relacionada ao estado emocional materno e ao modo que ela concebia o trabalho, que o trabalho propriamente dito.

Sentimentos ambivalentes também foram apontados pelas mães nos estudos de Lopes et al. (2007). As participantes deste estudo ao mesmo tempo que demonstravam satisfação em perceber o desenvolvimento e crescimento de seus filhos, relatavam preocupação com os cuidados que decorreriam dessa nova fase. Para, Oliveira et al. (2011) o sentimento de ambivalência percebido pelas mães frente à necessidade de se dividir entre as demandas de cuidados com os filhos e o trabalho remunerado, é mais frequente nas mães com filhos de até três anos de idade, quando as crianças demandam cuidados mais intensivos.

A literatura aponta que tanto a maternidade quanto o trabalho são importantes na vida da mulher, o trabalho na medida em que a define como indivíduo e lhe oferece oportunidade de crescimento profissional, impulsionando a sua autoestima, e a maternidade na medida em que envolve a necessidade de cuidados com um outro, fornecendo sentido biológico a sua constituição (KASSAMALI; RATTANI, 2014). Observa-se que a rede de apoio, tanto institucional, na figura das creches, quanto familiar, adquire importância neste momento. Para Crowley (2014) as ligações relacionadas a rede de apoio, as influências políticas (atitudes em relação ao feminismo) e as variáveis socioeconômicas são fatores chave na influência sobre as crenças maternas sobre o que é melhor para o desenvolvimento de seu filho.

Considerando a importância desta rede de apoio na vida da mãe e da criança, Weber, Santos, Becker e Santos, T. (2006) investigaram os sentimentos de 67 mulheres que deixavam seus filhos em creches para trabalhar. Foram observados quatro sentimentos nas falas das participantes: Culpa, ansiedade, angústia e segurança. A culpa foi o sentimento mais presente entre as mães com maior nível socioeconômico e escolar, tendo sido citada por 48% dessas mães contra 3% das mães com baixo nível escolar. As autoras apontaram que esse sentimento pode estar relacionado aos motivos que levam cada mãe ao mercado trabalho. Por exemplo, mães com alto nível socioeconômico podem trabalhar por satisfação pessoal e profissional enquanto mães com baixo nível socioeconômico trabalham para a sua sobrevivência e da família. Por outro lado, mães com menor nível socioeconômico relataram sentir mais ansiedade e angústia que as outras, sendo o

principal motivo a ansiedade frente ao cuidado que as crianças teriam, se estariam bem cuidadas, bem alimentadas e recebendo atenção que necessitavam. A segurança foi o sentimento menos citado nos dois grupos. Para as autoras os sentimentos negativos decorrem do conflito entre o que a sociedade espera que uma mãe faça e os desejos destas mães.

Diante das diferentes necessidades que as mães possuem de cuidados externos para os bebês e das características dessa necessidade que podem influenciar na crença da mãe em relação aos cuidadores, institucionais ou familiares, Piccinini et al. (2016) procuraram compreender as razões maternas para colocar ou não o filho na creche no primeiro ano de vida. Os autores destacaram que esse é um processo dinâmico, que inter-relaciona decisões sobre o trabalho, rotinas familiares, aspectos socioeconômicos, como avaliam a qualidade dos diferentes cuidados e o que priorizam para o desenvolvimento da criança. Eles concluíram que essa decisão é influenciada por razões relacionadas ao bebê, aos próprios mães/pais e à rede de apoio disponível. Os resultados indicam que tanto para as mães que optaram por colocar o bebê na creche quanto para as que não optaram, verificou-se alta frequência relacionada ao desenvolvimento do bebê. Pareceu prevalecer no discurso das mães uma visão dicotômica: a creche promove o desenvolvimento infantil, principalmente em termos sociais e cognitivos enquanto o ambiente doméstico, ou cuidados por parentes, valoriza a intimidade e facilita a construção do vínculo bebê-adulto. Os autores discutem que ambos os contextos devem e podem contemplar todas essas necessidades.

Em estudo realizado por Crowley (2014) sobre crenças maternas relacionadas ao trabalho com 3.327 mulheres de alto nível socioeconômico o autor constatou que uma a cada cinco mães acreditava na existência de um arranjo ideal, para as crianças, no que diz respeito ao cuidado em tempo integral ou o trabalho fora de casa. Verificou-se a existência da crença de que menos horas de trabalho seria ideal para os filhos, quando comparado ao trabalho em tempo integral. Contudo, a maioria das mães não foi capaz de alinhar as circunstâncias de emprego reais ao arranjo ideal pretendido.

Considerando os sentimentos e crenças maternas relacionadas a ficar em casa ou trabalhar fora, Fiorin, Oliveira e Dias (2014) realizaram um estudo com sete mulheres casadas pertencentes ao nível socioeconômico médio e idade entre 30 e 35 anos com objetivo de compreender qual o valor atribuíam ao trabalho. Os autores

observaram queixas das participantes em relação à sobrecarga de trabalho devido a responsabilização pelos afazeres do lar e da empresa. Resultados similares ocorreram no estudo de Krause (2017) com mães que haviam retornado ao trabalho após a licença maternidade. Dentre as participantes, 49,2 % relataram desejo de não retornar ao trabalho após a licença, 87,5% apontaram sentirem-se cansadas, sobrecarregadas (79,2%) e com pouco tempo (85,4%). Entre os sentimentos mais presentes nas falas dessas mulheres estiveram: a angústia, o medo, a insegurança e a tristeza, demonstrando ser essa a fase mais difícil para a mulher após o nascimento da criança.

Martins, Abreu, Figueiredo (2014) destacam que ao tornar-se pai e mãe, homens e mulheres assumem distintos papéis associados ao fazer, agir e pensar. As mulheres, segundo os autores, assumem o papel de cuidadoras dos filhos e os pais desempenham papel secundário, de apoio à mãe, assistência e sustento. Para aos autores, as mulheres acabam afastando o pai da prestação de cuidados, por julgá-lo menos competente para o cuidado. Ao assumir um papel secundário os homens legitimam a ideologia que o cuidado é um papel feminino e a si cabe somente ajudar. Contudo, quando a mãe retorna ao trabalho, ela continua a ser responsável por todo o cuidado que realizava durante a licença, mesmo após o trabalho fora de casa, externando o sentimento de sobrecarga.

A desvalorização pela sociedade do trabalho doméstico e da maternidade exclusiva foi um dos pontos discutidos no estudo de Rocha-Coutinho (2003), a autora ressaltou que exercer essas atividades não se traduz em reconhecimento. Para as mães que trabalhavam fora, a maternidade e a dedicação ao ambiente doméstico, eram consideradas como cansativos e desafiadores mesmo quando essas mães contavam com o auxílio de outras pessoas.

Em um estudo realizado com quatro casais de pais todos trabalhando fora, Pasinato e Mosmann (2016) constataram que embora identifique-se envolvimento masculino em algumas tarefas, os homens ainda enxergam com distanciamento as tarefas do lar. Por outro lado, as mulheres relatam sentirem-se sobrecarregadas após o ingresso na parentalidade, porém, o mesmo não era relatado pelos pais. As autoras ainda apontaram que os pais possivelmente não apresentaram essa sobrecarga por conseguirem manter seus lazeres, apesar da mudança na configuração familiar, sentida com mais impacto pela mulher. Para Dias Junior e Verona (2016) essa sobrecarga de trabalho e a conciliação com a maternidade

podem contribuir para a retirada da mulher do mercado de trabalho, optando por dedicar-se somente ao lar e aos filhos.

Embora a literatura aponte o retorno ao trabalho, por necessidade pessoal ou financeira, como uma fase difícil para muitas mulheres, principalmente no que diz respeito a deixar os cuidados do bebê com outras pessoas, faz-se necessário passar por essa fase. Neste contexto, Leal (2013) procurou investigar as vivências das mulheres primíparas para conciliar trabalho e maternidade e encontrou que as estratégias utilizadas foram: a desidealização do papel materno tradicional, em que a mulher estava o tempo todo com o filho; a inclusão da criança na rotina que a mãe tinha antes da maternidade; a possibilidade de fornecer melhores condições de vida para a criança e o desenvolvimento apresentado pela criança após a inserção na creche. Fiorin, Oliveira e Dias (2014), em seus estudos, destacaram outras vantagens, tais como: a independência financeira da mulher e a importância emocional do trabalho, pois este contribui para que se sintam valorizadas, ativas e produtivas.

Considerando o exposto, estudar as crenças maternas a respeito da maternidade, do desenvolvimento infantil e do trabalho torna-se importante na medida em que as crenças moldam o fazer materno em relação aos filhos e que tem significativa influência sobre desenvolvimento o desenvolvimento do filho, mas também sobre o bem-estar materno, que por sua vez influencia diretamente na relação mãe-bebê.

2. OBJETIVO

O objetivo desta pesquisa foi o de comparar crenças relacionadas a maternidade, o desenvolvimento infantil e o trabalho de dois grupos de mães, as que exerciam ou não atividade remunerada fora de casa.

3. MÉTODO

3.1 Aspectos éticos

O projeto deste estudo foi submetido à Plataforma Brasil conforme as condições estabelecidas pela resolução 466/2012 da Comissão Nacional de Ética

em Pesquisa (CONEP, 2012), CAAE 61211616.9.0000.5398, obtendo o parecer favorável de número 1.817.775.

3.2 Participantes

Participaram da pesquisa 16 díades mãe-bebê, sendo oito mães que exerciam atividade remunerada fora de casa e oito mães que não a exerciam. Todas eram mães biológicas, tinham no mínimo oito anos de escolaridade e habitavam com esposo ou companheiro adulto. A renda mínima das famílias era R\$ 1.020,00 *per capita*. Os bebês tinham entre 12 e 19 meses de idade sem risco de desenvolvimento relatado. Na Tabela 1 encontram-se dados de caracterização destas díades.

Tabela 1- Caracterização das díades mãe-bebê

	Mães que trabalham fora n=8	Mães que não trabalham fora n=8
Idade materna		
27 a 31 anos	2	4
32 a 36 anos	6	4
Escolaridade		
Técnico	0	1
Superior	8	5
Superior + Pós-Graduação	0	2
Tempo de relacionamento		
2 a 5 anos	4	2
6 a 9 anos	4	5
Auxilia nos cuidados com o bebê		
Creche	3*	4
Avó	5*	0
Empregada	1	0
Número de filhos		
1	8	5
2	0	3
Sexo do bebê		
Masculino	5	7
Feminino	3	1
Idade do bebê		
12 a 15 meses	6	5
16 a 19 meses	2	3

*criança cuidada por avó e creche. Fonte: Próprio autor.

Dentre as mães que exerciam atividade remunerada, duas tinham bebês que frequentavam berçário/creche, ambos em período integral. Dentre as mães que não trabalhavam fora, quatro tinham bebês que frequentavam berçário/creche, todos em período parcial. Todas as participantes estavam na primeira união, os parceiros tinham entre 30 e 37 anos e nas residências moravam apenas pai, mãe e filho(s). Os dados ocupacionais da família bem como a renda podem ser visualizados na Tabela 2.

Tabela 2 - Caracterização ocupacional da família e tempo no trabalho (diário)

	Mães que trabalham fora n=8	Mães que não trabalham fora n=8
Profissão materna		
Profissional liberal	3	0
Setor administrativo	3	0
Saúde e Educação	2	0
Não trabalha fora	0	8
Jornada diária de trabalho materno		
6 horas	5	0
> 6 horas	3	0
Profissão paterna		
Profissional liberal	2	3
Serviço Público	3	1
Iniciativa privada	2	2
Administração e Educação	1	2
Jornada diária de trabalho paterno		
≤ 8 horas	5	4
> 9 horas	3	4
Renda familiar		
5-6 salários	1	2
> 7 salários	7	6

Fonte: Próprio autor.

3.3 Local

Os dados foram coletados em uma sala de atendimento do Centro de Psicologia Aplicada - CPA, de uma instituição universitária do interior de São Paulo. Apenas para duas díades, por indisponibilidade das mães deslocarem-se ao CPA, os dados foram coletados nas residências.

3.4 Instrumentos

Para caracterizar as famílias foi utilizado o Questionário de Caracterização do Sistema Familiar Versão – Pais ou Responsável de Dessen (2009), que forneceu os dados sociodemográficos. Para uso do instrumento nesta pesquisa optou-se por excluir os itens não relacionados ao objetivo da pesquisa.

Para levantamento das crenças maternas em relação ao trabalho e a maternidade foi utilizado um roteiro de entrevista formulado para essa pesquisa com base nos estudos de Youngblut (1995), Huston e Aronson (2005), Holmes e Huston (2010). A entrevista foi composta por 12 questões abertas que abordaram como é para a mãe lidar com questões relacionadas ao desenvolvimento infantil, maternidade e trabalho. O roteiro completo está disponível no apêndice B.

3.5 Procedimento de coleta de dados

Após o convite e aceite das mães, via telefone ou *e-mail*, foram agendados data e horário, para maiores esclarecimentos sobre a pesquisa, assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e realização da entrevista sobre crenças maternas. Foi informado às participantes que não existiam respostas certas ou erradas, que o importante era saber a opinião delas a respeito do desenvolvimento infantil, maternidade e trabalho.

3.6 Procedimento de análise dos dados

Os dados obtidos por meio do Questionário de Caracterização do Sistema Familiar Versão – Pais ou Responsável foram categorizados de acordo com as respostas obtidas e objetivos do estudo, seguindo a orientação do manual (DESSEN, 2011).

As respostas obtidas com a aplicação do Roteiro de Entrevista – Crenças Maternas foram categorizadas conforme orientação de Dessen e Silva (2011) que indicam a utilização de quatro passos para a construção das categorias: seleção e exploração do material, codificação, agrupamento dos temas e definição e validação das categorias a partir das respostas obtidas por meio da entrevista. A partir das

respostas obtidas, procurou-se verificar possíveis diferenças quantitativas e qualitativas nas crenças das mães dos dois grupos, bem como analisar de que forma a crença que as mães possuem sobre maternidade e trabalho pode contribuir ou não para o desenvolvimento da criança. As categorias e subcategorias definidas e todas as respostas obtidas encontram-se no APÊNDICE B – Entrevista Crenças Maternas - Categorização.

4. RESULTADOS

As categorias de respostas obtidas através da análise da entrevista permitiram verificar que as mães responderam às questões quanto ao que pensavam ou acreditavam, ou seja, suas crenças estavam inseridas no ciclo de vida que estavam vivenciando. A partir das respostas obtidas, relacionadas ao que contribui para o bom desenvolvimento do bebê, elaborou-se as categorias, inseridas na Tabela 3, incluindo a frequência de cada uma delas em função dos dois grupos maternos.

Tabela 3 - Fatores que contribuem para o desenvolvimento saudável do bebê segundo as mães.

Categorias	Subcategorias	Trabalha	Não trabalha
Estímulo	Pessoas em geral	2	1
	Da mãe		2
	Dos pais	1	1
Convivência (contato/interação)	Com pessoas de todas as idades	1	-
	Com crianças	2	2
	Com a mãe	1	
	Com os pais	1	2
Atenção	Dos pais	2	1
Rotina		1	-
Carinho		2	-
Saúde		1	-
Relacionamento familiar		-	1

Fonte: Próprio autor.

Observou-se que a convivência, com pais, mãe, crianças e outras pessoas, foi apontada mais vezes pelas mães que trabalhavam fora, ou seja, estar em contato, em interação com adultos e crianças em geral parece ser mais importante

para o desenvolvimento do bebê na concepção das mães trabalham fora. Por outro lado, as mães que ficam em casa com seus filhos durante boa parte do tempo consideraram que o estímulo, em especial o da mãe, é o fator fundamental, aliado a convivência com outras crianças em com os pais.

“A interação né, dos pais, da família, conversar bastante com eles, explicando com calma” Mãe 7- MT¹

"eu vejo assim que ele ficando comigo o dia inteiro, a gente brinca, eu ensino ele fazer as coisas (...) e ele desenvolveu muito rápido (...) então eu tô sempre estimulando" Mãe 9 - MNT²

Por outro lado, as mães que não trabalhavam fora parecem se sentir mais competentes diante das dificuldades no cuidado com os filhos do que as que trabalhavam, indicando que as dificuldades parecem ser parte do dia a dia de ser mãe. Esses e outros dados encontram-se na Tabela 4.

Tabela 4 - Sentimento materno diante das dificuldades com o bebê.

Categorias	Subcategorias	Trabalha	Não trabalha
Competente	Procura solução	1	3
	Menos preocupada	1	1
	Tranquila	1	
	Sente-se mais forte		1
Impotente	Chora junto	1	
	Culpada	1	
	Frustrada	2	1
	Desesperada		1
	Se for vacina	1	1

Fonte: Próprio autor.

As mães que trabalhavam fora pareceram estar mais vulneráveis frente às dificuldades encontradas, como o choro e o mal-estar físico dos bebês. Observou-se

¹ Mãe que trabalha fora.

² Mãe que não trabalha fora.

em vários momentos das falas dessas mães a presença de sentimento de culpa e de frustração, demonstrando dificuldade em lidar com a situação.

“Às vezes é frustrante, quando ele começa chorar por alguma coisa(...) É... dolorido, é um sentimento dolorido, sabe?!” Mãe 7 – MT.

Relatos de sentimentos negativos estiveram presentes na fala das mães de ambos os grupos quando questionadas sobre como viam a situação da mãe que precisa trabalhar e para isso tem que deixar o filho na creche ou com outras pessoas. O resultado da Tabela 5 demonstrou ser esta uma questão difícil tanto para a mãe que exercia atividade remunerada e precisava se ausentar por um tempo maior, quanto pelas mães que não exerciam atividade remunerada e optaram por não retornar ao trabalho diante da dificuldade de deixar os cuidados com criança a cargo de outras pessoas durante todo o dia.

“...Por vezes você tá no serviço cê para e pensa... queria tá lá, queria tá lá, queria largar tudo pra ficar junto, né filha?!” Mãe 3 - MT

“É dolorido... ah é, eu não tive coragem, eu não consegui (...)é... difícil, deixar essas coisinhas de fora” Mãe 9 - MNT

Tabela 5 - Sentimentos maternos sobre a situação da mãe que precisa deixar seu filho na creche ou com outras pessoas para trabalhar.

Categorias	Subcategorias	Trabalha	Não trabalha
Boa	Segura/Tranquila	2	
	Saúde mental materna: meio período na escola		1
Ruim	Sofre	2	
	Insegura	1	
	Sente dó	1	1
	Triste		1
	Difícil		2
Outros	Não acha legal deixar		1
	Misto de sentimentos: arranjo ideal meio período	2	
	Não seria eficiente no trabalho		1

Fonte: Próprio autor.

Contudo, embora o sentimento fosse negativo quando pensavam que a mãe precisava deixar o filho sob cuidados externos para trabalhar, verificou-se relato de tranquilidade, na fala das mães de ambos os grupos, quando questionadas como se sentiam ao deixar seu filho sob cuidado de outra pessoa ou no berçário/creche, seja para trabalhar ou se ausentar por outros motivos.

“Agora é tranquilo porque eu confio, tanto que sei que ela está bem cuidada” Mãe 1 - MT

“É tranquilo, eu deixo ele tranquilo, porque eu sei que ali ele vai tá fazendo atividade, vai tá desenvolvendo” Mãe 15 - MNT

Os sentimentos de sofrimento e insegurança foram relatados com maior frequência quando do início da volta da mãe ao trabalho, conforme dados apresentados na Tabela 6.

Tabela 6 - Sentimentos maternos ao deixarem o bebê na creche ou com outras pessoas em dois momentos: no início da necessidade de volta ao trabalho e depois de um ou mais meses.

Categorias	Subcategorias	Trabalha	Não trabalha
No início	Difícil	2	
	Neurótica	1	
	Desesperada	1	
Agora	Tranquilo	6	6
	Apreensiva	1	1
	Culpada	1	1

Fonte: Próprio autor.

A creche foi julgada como alternativa benéfica para o desenvolvimento das crianças pela maioria das mães que trabalhava fora:

“A gente vive num mundo globalizado, numa... numa sociedade que tem muita informação, então você ficar o tempo inteiro com um filho dentro de casa, você vai tá privando ele de muita evolução” Mãe 7 – MT

Para o outro grupo, metade das mães considerou benéfica a influência da creche no desenvolvimento e a outra metade considerou maléfica, principalmente quando o bebê a frequentava em período integral. Fatores como não acompanhar o desenvolvimento do filho e falta de atenção e cuidado foram citados como fatores preponderantes para não deixar o filho na creche ou deixá-lo apenas por meio período.

“A mãe não acompanha nada né, não vê falar, não vê andar, não vê as primeiras coisas que faz, é, é tudo a outra pessoa (...)” Mãe 9 – MNT

Na Tabela 7 pode-se observar a frequência desses dados para cada grupo de mães. Nota-se que as mães que trabalhavam tenderam a achar a creche mais positiva e as que não trabalhavam a julgavam mais negativa, principalmente porque a mãe não acompanhava todo o desenvolvimento do filho.

Tabela 7 - Influência da creche ou pessoa familiar externa à família nuclear no desenvolvimento do bebê quando a mãe precisa trabalhar ou se ausentar.

Categorias	Subcategorias	Trabalha	Não trabalha
Creche (positiva)	Desenvolvimento da criança	4	4
	Após 1 ano de idade da criança	1	1
Creche (negativa)	Falta atenção e cuidado	1	1
	Mãe não acompanha o desenvolvimento		4
Familiar cuidando	Confiança	2	
Outro	Ser exemplo para o filho	1	

Fonte: Próprio autor.

Todas as mães que não trabalhavam, mas deixavam seus bebês aos cuidados de outras pessoas quando precisavam ou por meio período na creche, afirmaram que o filho demonstrava estar adaptado nesses contextos, conforme Tabela 8. Entretanto, no grupo das mães que trabalhavam, uma relatou fatores compatíveis com a não adaptação da criança à creche.

“Eu percebo que ele sente a minha falta, porque quando eu chego em casa com ele da creche, ele chora muito, não deixa eu por ele no chão, eu tenho... eu não consigo nem cozinhar, nem ir no banheiro, nada” Mãe 7 – MT

Destaca-se o fato dessa mãe também relatar, em outros momentos da entrevista, dificuldades emocionais para a conciliação entre o trabalho e a maternidade.

Tabela 8 - Status do bebê que fica na creche ou com outras pessoas quando a mãe se ausenta para trabalhar ou por outros motivos.

Categorias	Subcategorias	Trabalha	Não trabalha
Adaptado	- Sociável	3	5
	- Reclama, mas fica bem	1	3
	- Sente falta	2	
Não adaptado	- Chora	1	
Não respondeu à pergunta		1	

Fonte: Próprio autor.

Contudo, entre qualidade da interação mãe-bebê e tempo de convívio entre mãe e bebê, a qualidade foi apontada por ambos os grupos como sendo o fator mais

importante desta relação, tendo obtido maior número de resposta entre as mães que exercem atividade remunerada, conforme Tabela 9:

Tabela 9 - Status da importância da qualidade da interação x quantidade de tempo de convívio entre mãe e bebê.

Categorias	Subcategorias	Trabalha	Não trabalha
Qualidade		7	5
Qualidade e quantidade	- Tem que ter as duas coisas	1	3

Fonte: Próprio autor.

"A qualidade, 100% a qualidade. Porque eu já vi exemplos disso, de mães que trabalham fora e conseguem ter um, um pinguinho de tempo e produz naquele tempo sabe, enquanto as vezes eu não consigo produzir nessas... todas essas horas que eu fico com ele"
Mãe 16 - MNT

Além disso, seis participantes de ambos os grupos apontaram que se a mãe precisa trabalhar, prezar pela qualidade da interação é fator determinante para que ela possa contribuir com o desenvolvimento do bebê tanto quanto a mãe que não trabalha fora. Observou-se com as respostas a essas questões uma postura bastante similar das participantes:

"O tempo que a mãe puder ficar com ela, quando tiver com ela, brincar, interagir, sabe? Não ficar ligando: Ai, vou arrumar a casa, vou fazer não sei o que. Não, eu vou ficar com o meu filho agora"
Mãe 2 MT

"Por eu ficar pouco tempo com ele eu acho que eu acabo querendo me dedicar mais né, pelo fato de... pra suprir o tempo que eu não fico com ele" Mãe 5 MT

Na concepção destas participantes, a mãe que trabalha fora, ao se ausentar durante o dia, chegaria do trabalho disponível para o filho. Contudo, para duas mães que não trabalhavam fora, não haveria tempo para a mãe que trabalha contribuir igualmente com o desenvolvimento do seu bebê como a que não trabalha.

A divergência de crenças entre as participantes pode ser melhor observada a partir das respostas à questão se consideram o trabalho mais benéfico ou maléfico para a relação mãe-bebê. As mães que trabalhavam fora afirmaram que o trabalho

traz benefícios para a relação enquanto as mães que não trabalhavam fora apontaram que traz prejuízos para a relação (Tabela10).

"(...) porque ela tem que ter a vida dela sem a mãe também, ela também tem que ter o... é o que eu penso, acho que a maioria pensa né, ela tem que ter as outras interações da vida dela sem tá ligada a mãe, e isso é importante pra mim, pra ela, pra relação, eu não acho que prejudica não, o fato de eu trabalhar fora." Mãe 3 – MT

"e eu acho que é ruim sim, ficar mais tempo longe, porque é bebê, é desse tamanho assim... Que nem, eu levo ele, ele interage, ele tem a priminha, tem o priminho, ele brinca sempre com outras crianças, mas eu tô sempre junto" Mãe 12 – MNT

Tabela 10 - Benefícios x Malefícios do trabalho materno para relação mãe-bebê.

Categorias	Subcategorias	Trabalha	Não trabalha
Benefícios	Interagir com outras pessoas (mãe e criança)	4	2
	Intensifica a relação	2	
Malefícios	Não há tempo para o filho	2	2
	Criança sente falta/carência		2
	Não acompanha o desenvolvimento		2
Depende da mãe			1

Fonte: Próprio autor.

A mesma divergência de resposta ocorreu quando questionadas sobre benefícios ou prejuízos para a mãe, quando essa trabalha fora. Nessa questão, a maioria das participantes que trabalhava fora, cinco no total, apontaram o trabalho como benéfico para a mulher, conforme Tabela 11:

Tabela 11 - Benefícios x malefícios para a mulher quando ela trabalha.

Categorias	Subcategorias	Trabalha	Não trabalha
Benefícios	Gosta de trabalhar	1	
	Sentir-se útil	2	
	Saúde mental/Auto estima	2	3
Malefícios	Prefere ficar com o filho	3	1
	Ausência		3
Depende da mulher			1

Fonte: Próprio autor.

Fatores como sentir-se útil, prazer pelo trabalho e melhora na autoestima foram citados como exemplo. Essa última justificativa, também foi apontada por três

participantes que não trabalhavam fora, mas que acreditam ser bom para a mulher trabalhar.

"Eu acho que a mulher que trabalha fora, ela tem uma cabeça... ela fica, ela oxigena... eu acho que ela fica com a cabeça melhor, ela vê outras coisas, ela (...) querendo ou não, assim a sociedade e os homens não valorizam, sabe? Tipo: a mãe que fica em casa cuidando do filho, limpando casa e passando roupa. Homem não valoriza isso. E é puxado né, é sofrido..." Mãe 6 - MT

"Eu acho que é melhor, sim. Pelo reconhecimento no mercado de trabalho, pela autoestima, por tudo isso..." Mãe 11 - MNT

Destaca-se que três mães que trabalham fora afirmaram não conceber o trabalho como benéfico, mas sim como maléfico para si. Essas mães relataram insegurança por ter que deixar o filho para trabalhar, afirmando que preferiam ficar com o filho, caso pudessem optar:

"Olha eu acho que é mais maléfico, porque eu fico lá no serviço pensando nela, eu queria estar em casa, queria poder (...) eu acho que eu gostaria de tá ainda mais tempo com ela" Mãe 3 - MT

Por outro lado, quando se pensa no casal, tanto as participantes que trabalhavam quanto as que não exerciam atividade remunerada apontaram o trabalho como positivo para a relação marido e a mulher, conforme Tabela 12. Fatores como a divisão de responsabilidades/tarefas e a saúde mental materna foram citados mais vezes pelas mães que trabalham fora:

"o meu marido me ajuda em tudo, que nem hoje ele tá de folga, ele lavou roupa, cozinhou e ajeitou a casa pra mim um pouquinho. E eu chego em casa, eu não preciso falar pra ele: troca o nenê ou dá banho no nenê, ele sabe que ele tem que fazer, ele faz. Então pra gente tá sendo um... mais um passo junto, tá sendo importante pra unir mais. "
Mãe 7 – MT

Tabela 12 - Benefícios x malefícios para a relação do casal quando a mulher trabalha fora.

Categorias	Subcategorias	Trabalha	Não trabalha
Benefícios	Ter maior variedade de assuntos	-	1
	Financeiro	-	3
	Responsabilidades divididas	5	1
	Saúde mental da mulher	1	1
Malefícios	Sobrecarga de trabalho por dupla jornada	1	2
Depende do homem	Machismo	1	-

Fonte: Próprio autor.

O aspecto financeiro e a questão de “ter outros assuntos”, que não os da casa, permearam a fala das mães que não trabalhavam.

"Eu acho que tem mais benefícios, usando o meu exemplo. Porque a gente acaba que não tem assunto assim, o único assunto assim pra mim é a casa e as crianças, eu não tenho essa... eu não agrego valor financeiro, eu não tenho assim assuntos variados assim, de coisas fora, então acabo sobrecarregando ele com os mesmos assuntos, sempre as mesmas coisas, sempre os mesmos problemas" Mãe 16 - MNT

Além disso, duas participantes que não exerciam atividade remunerada julgaram como ruim o trabalho para a relação do casal, apontando como fator preponderante a sobrecarga de trabalho por dupla jornada, resposta corroborada por uma das mães que trabalhava também:

"Eu acho que é pior ainda, porque ela trabalha fora, chega em casa tem que fazer as coisas, cuidar da criança, acho que é pior ainda... Porque cê já ficando em casa fazendo as coisas só com ele já cansa demais (risos)" Mãe 12 - MNT

Questionadas sobre quais fatores poderiam contribuir para conciliação entre trabalho e maternidade as participantes que trabalhavam se dividiram entre jornada de trabalho reduzida e um tempo maior de licença maternidade, conforme dados da Tabela 13. As participantes relataram ter conhecimento de um tempo da licença maternidade maior em países desenvolvidos, elas acreditam que um período de licença com duração de pelo menos 12 meses possibilita maior contribuição das mães para o desenvolvimento dos filhos.

"Eu acho que na verdade a licença no Brasil é meio complicada, a questão da licença é complicada porque eles exigem que você amamente até os 6 meses, mas você com 4 meses você volta, então né... eu acho complicado, tem que pelo menos ser 1 ano" Mãe 4 – MT

Tabela 13 - Melhor arranjo para as participantes conciliarem maternidade e trabalho.

Categorias	Trabalha	Não trabalha
Carga horária reduzida	3	5
Maior duração da licença maternidade	3	2
Não existe	1	-
Não soube responder ou não respondeu?	1	2

Fonte: Próprio autor.

Já as mães que não trabalhavam fora julgaram que a carga horária reduzida contribuiria para o retorno da mãe ao mercado de trabalho. As participantes citaram que caso essa possibilidade fosse real na nossa sociedade, elas retornariam ao trabalho após o término da licença.

"Seria só trabalhar meio período e ficar com a criança meio período né rs, aí seria ótimo aí até eu trabalharia, mas como não dá..." Mãe 9 - MNT

A realização pessoal e profissional foi citada por três participantes de ambos os grupos como fornecedor de significado ao trabalho, destaca-se que esse apontamento ocorreu mesmo entre as mães que não estavam inseridas no mercado de trabalho no momento da entrevista, demonstrando tratar-se de um desejo. Os dados estão dispostos na Tabela 14:

Tabela 14 - Significado do trabalho para as mães.

Categorias	Subcategorias	Trabalha	Não trabalha
Realização Profissional/Pessoal		3	3
Ocupação/Distração		2	
Financeiro	Não realização	1	1
	Qualidade de vida/ saúde mental	1	
Não é prioridade			4
Outros		1	

Fonte: Próprio autor.

"Seria uma realização, então pra quem ficou assim muito tempo só estudando, se formando, eu acho que hoje seria uma realização..." Mãe 10 – MNT

"Ai eu, eu amo o que eu faço, eu eu assim eu lutei muito pra fazer o que eu fiz, eu cheguei a fazer outra faculdade e cancelei (...) eu gosto demais do que eu faço (...) não é pelo dinheiro, mas eu não gostaria de parar de trabalhar de jeito nenhum" Mãe 6 - MT

Contudo, para metade das mães que não exerciam atividade remunerada o trabalho não era uma prioridade no momento da vida.

"Acho que... perto dele não tem importância nenhuma... (risos) assim, graças a Deus meu marido trabalha e consegue... Acho que perto dele [filho] não é nada importante não." Mãe 12 – MNT

5. DISCUSSÃO

Participaram deste estudo mães que exerciam e mães que não exerciam trabalho remunerado fora de casa. Observou-se que as participantes apresentaram similaridades entre si para além dos critérios de inclusão dessa pesquisa.

Verificou-se após as análises uma tendência para maior importância do estímulo ao desenvolvimento do bebê, por parte das mães que não trabalhavam e a convivência para o outro grupo. Embora nesta pesquisa a escolaridade das mães seja similar (apenas uma mãe não tem nível escolar superior, somente técnico) pesquisas apontam para a importância da escolaridade. Kobarg (2006) concluiu em seu estudo que a estimulação foi mais valorizada pelas mães que nível escolar superior em oposição às mães que possuíam pouca escolaridade, para as quais o bem-estar físico era mais importante. Os achados reforçam a importância da escolaridade materna no desenvolvimento de bebês. Assim como pontuaram Martins et al. (2011) e Seidl de Moura et al. (2014) ela parece estar relacionada a melhores conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil, maior valorização dos estímulos e melhor organização ambiental. Contudo, os presentes dados indicam que embora importante para o desenvolvimento do bebê, a escolaridade materna somente não proporcionou resultados iguais em ambos os grupos, demonstrando

que o trabalho aliado à escolaridade produziu melhores resultados no que diz respeito à estimulação cognitiva.

Sentimento de impotência, diante das dificuldades do bebê, estiveram mais presentes na fala das mães que trabalham, elas relataram sentirem-se mais culpadas e frustradas diante de adversidades ocorridas com a criança, corroborando os achados de Shuster (1993). O autor apontou que mães que ficavam em casa sentiam mais competentes em relação aos cuidados com o bebê do que as mães que trabalhavam fora. Contudo, embora o sentimento de impotência tenha permeado mais a fala das mães que trabalhavam fora, outros estudos apontaram prejuízos para as crianças somente quando as mães trabalhavam excessivamente, não tendo sido verificada diferenças quando a mãe trabalhava em meio período (RUHM, 2004). Infere-se que esses sentimentos de impotência possam ser derivados da culpa que essas mães sentem por ter que deixar seus filhos aos cuidados de outras pessoas, mesmo quando estão doentes, por exemplo.

Observou-se nesta pesquisa que as mães que estavam satisfeitas com seu trabalho e as mães que desejavam retornar ao mercado, mas no momento não estavam trabalhando, relatavam maior segurança em deixar a criança com outras pessoas ou creche para trabalhar, que mães que trabalhavam, mas não estavam satisfeitas com o seu ofício. Estas últimas preferiam a maternidade ao trabalho. Sentimentos ambivalentes relacionados ao retorno ao trabalho foram apontados por quatro mães após mais de um ano do nascimento do bebê. Os dados foram corroborados pelos estudos de Weber et al. (2006); Lopes et al. (2007) e Faria et al. (2011), em seus estudos os autores concluíram que deixar o filho porque precisam retornar ao trabalho tem sido citado como uma fase difícil, fato também relatados para metade das mães de ambos os grupos desta pesquisa.

Embora a necessidade de deixar a criança aos cuidados de outras pessoas exista, a creche foi uma ferramenta pouco utilizada pelas mães que trabalhavam, embora metade delas tenha apontado benefícios relacionados a inclusão do bebê na creche. Dados do IBGE (BRASIL, 2013) apontam para o baixo percentual de participação da mulher no mercado de trabalho quando esta tem filhos e eles não frequentam creche. Contudo, esse fator não foi compartilhado pelas participantes desta pesquisa, por estas estarem inseridas em uma camada da sociedade na qual a existência ou não de vaga em creche não se traduz em condição para retorno ao mercado de trabalho. Por outro lado, a creche esteve mais presente entre as mães

que não trabalham fora, que a utilizam como apoio à realização de outras tarefas, ao menos por meio período. Essas mães apontaram para a importância de ter um tempo para si e para organizar a casa sem a criança. Corroborando os estudos de Leal (2013) as mães que optaram por deixar os filhos na creche relataram de forma positiva o fato de contar com profissionais especializados nos cuidados de crianças além da percepção de avanço no desenvolvimento infantil. Segundo o autor, após a licença maternidade esses fatores contribuem para o retorno ao trabalho.

Contudo, a outra metade de mães que não trabalhavam e que não deixavam o filho na creche afirmavam que o acompanhamento do desenvolvimento do filho ficava prejudicado quando a mãe trabalhava e o filho estava sob cuidado de outras pessoas, sejam profissionais ou não. Esse resultado corrobora a literatura à medida em que aponta os filhos de mães trabalhadoras como mais sujeitos aos cuidados de pessoas de fora do círculo familiar e passando mais tempo em ambientes escolares (NOMAGUCHI, 2006). No entanto não foram encontradas evidências na literatura de que haja prejuízo para o bebê nessa condição. Contrariando o exposto pela parcela de mães que acreditavam que a presença materna seja fundamental na maior parte do dia do bebê, a qualidade do tempo que mãe e bebê passam juntos foi apontada por ambos os grupos como de maior importância em detrimento da quantidade de tempo que passam juntos, esses dados vão ao encontro dos resultados encontrados por Kassamali e Ratani (2014) em que mães paquistanesas afirmaram que a qualidade do tempo dedicado ao bebê era mais importante que a quantidade, mesmo que para garantir a qualidade fosse necessário abdicar de passatempos pessoais.

Embora uma parcela das mães que não exerciam atividade remunerada tenham relacionado o trabalho a aspectos negativos do desenvolvimento do bebê e para a relação mãe-bebê, este foi apontado por ambos os grupos como positivo para a relação do casal. Corroborando os estudos de Fiorin, Oliveira e Dias (2014), os dados apontaram vantagens relacionadas a independência financeira da mulher, emocional e à divisão de tarefas como fator que contribui para a melhoria da relação do casal. Na fala dessas mães ficou evidente que por ambos cônjuges trabalharem fora os afazeres dentro de casa precisam ser divididos, pois ambos estão “cansados”. O fato de ambos se ausentarem do lar para trabalhar deveria refletir-se em uma questão de igualdade de deveres e de direito entre os pares. Contudo, a literatura aponta para um aumento na divisão de tarefas pelo casal, embora esse

movimento não seja predominante (PASINATO; MOSMANN, 2016). Por outro lado, houve apontamentos, pelas participantes no grupo de mães que não trabalhavam fora, em relação à dupla jornada de trabalho como fator negativo. De certo modo, essas mães parecem ter a concepção de que trabalhar aumentaria ainda mais a carga sobre ela, não vislumbrando para o casal um processo de divisão de deveres e direitos, mas sim um acréscimo de trabalho. Infere-se que esse pensamento pode estar pautado na concepção tradicional do papel do homem e da mulher na família, ainda muito presente na atualidade, mas em fase de transição. Estudos demonstram que esse movimento de inserção do homem na vida doméstica como corresponsável tem ocorrido de forma lenta. Batista (1984) relatou a divisão desigual de tarefas entre os membros do casal, embora para alguns essa divisão existisse. Martins, Abreu, Figueiredo (2014) e Pasinato e Mosmann (2016) reafirmaram em suas pesquisas o papel masculino apenas como coadjuvante, sendo seu papel concebido como auxílio, ajuda. Esses dados reforçam as concepções tradicionais mesmo por parte das mulheres, que de certa forma acreditam que a casa e os cuidados com ela é sua responsabilidade, e ao homem cabe a função de mantenedor.

Contudo, quando se pensa novamente no trabalho profissional, entre as principais queixas relacionadas à conciliação deste com a maternidade encontra-se a carga horária exaustiva e o curto tempo de duração da licença maternidade. A maioria dos trabalhos no Brasil exigem dedicação de 40 horas semanais ou oito horas diárias de trabalho, que foram apontadas pelas mães, principalmente as que não trabalhavam, como um entrave no cuidado do bebê e dedicação à carreira. A redução da jornada para meio período, quatro a seis horas, foi defendida pelas participantes que estavam fora do mercado de trabalho. A possibilidade de retorno ao trabalho foi vislumbrada por elas apenas nesta condição, em que poderiam dedicar-se ao trabalho sem prejudicar o tempo de dedicação ao filho. Estudos com mães que trabalham oito ou mais horas por dia são necessários para complementar a análise.

Por outro lado, um tempo mais extenso de licença maternidade também foi apontado pelas mães que exerciam atividade remunerada, pois o tempo disponibilizado atualmente, na concepção dessas mães, não seria suficiente para garantir ao bebê os cuidados necessários ao seu pleno desenvolvimento. No Brasil, de acordo com o artigo 71, da Lei 8.861 de 25 de março de 1994, a mulher tem

direito a 120 dias de licença maternidade. Para as participantes da pesquisa, esse tempo é muito inferior ao necessário, considerando que a Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda o aleitamento materno exclusivo até os seis meses de vida da criança (BRASIL, 2009), idade não coberta pela licença maternidade, ou coberta apenas para aquelas mães que trabalham em empresas que fazem parte do Programa Empresa Cidadã (Lei 11.770 de 9 de setembro de 2008), o qual possui a prerrogativa de prorrogação da licença maternidade por mais 60 dias além dos previstos pela Lei 8.861, abrangendo os seis meses necessários ao aleitamento. Uma alternativa da legislação para o aleitamento refere-se ao artigo 396 do Decreto-Lei 5.452 de 1 de maio de 1943, que possibilita a mulher dois intervalos de meia hora durante a jornada de trabalho ou redução de uma hora de trabalho ao final da jornada para que se realize o aleitamento. Contudo essa possibilidade não abarcaria a necessidade dessas mães e considerando a demanda do bebê pelo aleitamento. Esses dados corroboram o estudo de Crowley (2014) que indicou que uma a cada cinco mães acredita na existência de um arranjo ideal para conciliar trabalho e maternidade, contudo, assim como apontado pelo autor, a maioria das mães desse estudo não foi capaz de alinhar o trabalho ao arranjo que acreditam ser o ideal. Inferimos que nem todos os fatores envolvidos para implementar o arranjo ideal de conciliação entre trabalho e maternidade estejam sob controle da mulher.

Embora as mães tenham encontrado dificuldades nessa conciliação, o trabalho foi citado, pela maioria que exercia atividade remunerada, como fator de realização pessoal e profissional, autossuficiência, independência e ainda como fundamental para a autoestima e saúde mental, corroborando os dados encontrados na literatura (CROWLEY, 2014; FIORIN; OLIVEIRA; DIAS, 2014; LEAL, 2013). Essas mães ressaltaram a importância de estarem trabalhando, sentirem-se ativas, produtivas e úteis. As realizações pessoal e profissional foram apontadas por Fiorin, Oliveira e Dias (2014) como decisivas para o retorno da mulher ao trabalho. Os dados também corroboram o estudo de Kassamali e Ratani (2014) na medida em que o trabalho é visto como impulsionador a autoestima e ao crescimento profissional. Além disso, os dados apontaram que algumas mulheres optaram pelo retorno ao mercado de trabalho mesmo que isso implicasse em sentimento de culpa por deixarem seus filhos em casa ou com outras pessoas, evidenciando o valor social do trabalho para essas mulheres, em detrimento da dedicação exclusiva à atividade doméstica, pouco reconhecida socialmente (ROCHA-COUTINHO, 2003).

Para as participantes que estavam fora do mercado de trabalho no momento da entrevista, a realização pessoal e profissional também foi relatada como almejada. Entretanto, Dias Junior e Verona (2016) apontaram que algumas mulheres, frente as dificuldades encontradas para conciliar trabalho e maternidade acabam retirando do mercado para dedicar-se exclusivamente à maternidade, contudo o desejo de retornar ao trabalho existe e com ele a necessidade de realização. Durante a entrevista, algumas mães citaram a existência de casos em que mães deixam de trabalhar para satisfazer ao seu desejo de estarem mais próximos aos filhos e mais tarde dizem aos filhos “eu me sacrifiquei por você”. Azevedo (1984) em seus estudos já apontava para a cobrança materna aos filhos quando a mãe “opta” por deixar o trabalho para cuidar exclusivamente da criança. Para a autora, essa decisão deve ser tomada com cautela, para que não seja alimentado o jogo da culpa presente em muitas famílias.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como objetivo identificar crenças de mães que trabalham fora e mães que não trabalham fora de casa em relação a maternidade, desenvolvimento do bebê e trabalho. Após vencidas as dificuldades para a composição da amostra, os resultados apontaram diferenças entre as percepções maternas principalmente sobre o sentimento de competência no cuidado com o bebê quando este encontrava-se doente; no julgamento da creche como positiva ou negativa para o desenvolvimento do bebê e quanto aos benefícios ou malefícios do trabalho materno para a relação mãe-bebê. Deste modo, os resultados foram ao encontro do apontado na literatura, considerando que cada mãe argumentou em favor de sua escolha pessoal como sendo a melhor tanto para si quanto para o bebê. Sugere-se que novos estudos sejam realizados considerando uma amostra maior e representativa da população brasileira. Os dados aqui apresentados refletem o resultado de um pequeno grupo, de nível socioeconômico privilegiado e em condições de optar ou não por trabalhar. Novos estudos com populações de diferentes níveis socioeconômicos são necessários para verificar a existência ou não de diferença para essa parcela da população, considerando que o nível educacional e econômico influência nas crenças e percepções maternas sobre os diversos aspectos da sua vida. Durante as entrevistas algumas mães choraram ao relatar

como era para si deixar o filho para trabalhar, mesmo tendo passados alguns meses do início da criança na creche ou mesmo quando esta estava sob cuidados de familiares. Sugere-se que futuros estudos incluam nos objetivos identificar e relacionar a ocorrência de stress e ansiedade entre mães participantes a fim de complementar os dados obtidos.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Esse trabalho comparou dois grupos de mães, um que trabalhava fora de casa (MT) e outro que não trabalhava fora de casa (MNT). Os grupos foram comparados quanto a interação mãe-bebê, tempo de cuidado dedicado ao bebê, divisão de tarefas domésticas, rede de apoio materna e crenças sobre a maternidade, o desenvolvimento do bebê e o trabalho.

De modo geral, a pesquisa demonstrou que o trabalho se configurou como fator benéfico à maternidade. No primeiro estudo, verificou-se uma vantagem para o grupo MT no que diz respeito a estimulação cognitiva de seus filhos e a maior disponibilização de atividades que no grupo das MNT. No segundo estudo, verificou-se que MT dedicam aos filhos tanto tempo quanto o das MNT, diferindo apenas os períodos em que o tempo é dedicado: para as MT o final de semana foi o período de maior concentração do tempo com a família, enquanto que para as MNT fora de casa o período de concentração foi de segunda a sexta-feira. Além disso, destacou-se o esforço realizado pelas MT em fortalecer os laços com seu filho e sua família, realizando praticamente todas as atividades em família, abdicando do tempo de lazer individual. Os dados relacionados a divisão de tarefas foram de encontro aos da literatura na medida em que demonstrou participação dos pais nos cuidados com os filhos, mas baixa adesão ao trabalho doméstico. As MT fora também contam com uma rede de apoio mais extensa do que as MNT, tendo a avó como principal figura dessa rede.

Por fim, o terceiro estudo complementou os outros na medida em que algumas contradições ficaram evidentes: Quando questionadas sobre o que era fundamental para o desenvolvimento de seus filhos, em sua maioria, as MNT disseram que o estímulo era o fator fundamental. Contudo, no primeiro estudo verifica-se na situação de observação da díade mãe-bebê que o estímulo foi mais frequente para o grupo de MT, não o contrário. Ou seja, verifica-se uma divergência entre o que é dito que é importante e o que realmente se consegue colocar em prática. Além disso, embora as MNT afirmam valorizar o tempo com seus filhos e defendam, em certo ponto, a presença da mãe, no primeiro estudo verificou-se que os filhos de MT estão envolvidos em mais atividades do que os filhos de mães que não trabalham e, no estudo dois, observa-se que o tempo dedicado ao bebê não

difere entre os grupos. Ou seja, as MT conseguem dedicar ao seu filho tanto tempo quanto as MNT e maior diversidade de estímulos.

Sugerimos que novos estudos ampliem o número de participantes, nível socioeconômico e escolaridade, incluam análise do apego e estado emocional materno, complementando os dados e contribuindo com a literatura no estudo da relação entre trabalho e maternidade. Novos estudos que abordem a figura da avó como cuidadora substituta também se fazem necessários, na medida em que esta parece garantir cuidados adequados aos netos em razão da experiência.

Essa pesquisa, embora tenha contado com uma amostra reduzida da população, contribui para desmistificação de que o trabalho externo materno possa vir a prejudicar a maternidade ou o envolvimento da mãe com seus filhos e vice-versa. Pelo contrário, o trabalho de certa forma parece contribuir para aliviar o estresse da rotina diária, para aumentar as redes de relacionamento da mãe e sua autoestima, contribuindo para um melhor estilo parental. Outro fator que contribui na relação da mulher como trabalho é a satisfação encontrada no que faz, mães satisfeitas demonstram maior segurança nas suas escolhas tanto em relação ao bebê quanto em relação as suas escolhas pessoais e profissionais.

REFERÊNCIAS

- AINSWORTH, M. D. S. Maternal sensitivity scales. Disponível em: <http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/measures/content/ainsworth_scales.html>, 1969.
- AINSWORTH, M. D. S. et al. **Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation**. Hillsdale: Erlbaum, 1978.
- ALVARENGA, P. CERESO, M. A. Interação mãe-criança: fidedignidade da versão brasileira do sistema observacional CITMI-R. **Avaliação Psicológica**, v. 12, n.3, p. 307-316, 2013.
- ALVARENGA, P.; PICCININI, C. A. O impacto do temperamento infantil, da responsividade e das práticas educativas maternas nos problemas de externalização e na competência social da criança. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, n.2, p. 314-323, 2007.
- AROUCK, J. H. S. **Trabalho materno e desempenho educacional: uma análise para o ensino fundamental gaúcho**. Porto Alegre, 2015. Dissertação (Mestrado em Economia). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2015.
- AMARAL, A. R. P. **“Dois iguais, dois diferentes?” Diferenças e semelhanças na qualidade dos comportamentos maternos e paternos nas interações com os filhos**. 2017. 46f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Comunitária e Proteção de Crianças e Jovens em Risco). Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2017.
- AMARAL, G. A. Os desafios da inserção da mulher no mercado de trabalho. **Itinerarius Reflectionis**, v. 2, n. 13, 2012.
- ARAÚJO, C.; SCALON, C. **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2005. 304p.
- ARPINI, D. M.; ZANATTA, E.; MARCHESAN, R. Q.; FARAJ, S. P.; LEDUR, C. S.; MOZZAQUATRO, C. O. Interação mãe-bebê: Um processo de descobertas. **Interação Psicol.**, Curitiba, v. 19, n. 1, p. 1-11, 2015.
- AUGUSTINE, J. M.; Mothers' employment, education, and parenting. **Work and Occupations**, v. 41, n. 2, p. 237-270, 2014.

ÁVILA, M. B; FERREIRA, V. Trabalho produtivo e reprodutivo no cotidiano das mulheres brasileiras. In: ÁVILA, M. B; FERREIRA, V. (Org.). **Trabalho remunerado e trabalho doméstico no cotidiano das mulheres**. Instituto Patrícia Galvão – Recife: SOS Corpo, 2014. p. 13-49.

AZEVEDO, M. M. Mamãe está cobrando!. **Psicologia e Comportamento**, p. 34-39, 1984.

BARBOSA, A. L. N. H. Participação feminina no mercado de trabalho brasileiro. Nota técnica. **Ipea: Mercado de trabalho**, 57, ago., 2014. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3736/1/bmt57_nt02_participa%C3%A7%C3%A3o.pdf> Acesso em: 22 de maio de 2018.

BATISTA, S. M. Maternidade e exercício profissional. **Arq. Bras. Psic.** Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p. 45-58, 1984.

BECKER, S. M. S. **Impacto da interação mãe-criança e da experiência de creche para o desenvolvimento infantil nos dois primeiros anos de vida da criança**. 2014. 128f. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

BENN, R. K. Factors promoting secure attachment relationships between employed mothers and their sons. Chicago, **Child Development**, v. 57, p.1224-1231, 1986.

BORSA, J. C.; NUNES, M. L. T. Prevalência de problemas de comportamento em uma amostra de crianças em idade escolar da cidade de Porto Alegre. *Aletheia*, v.34, p.32-46, 2011.

BOSSARDI, C. N. **Relação do engajamento parental e conflito conjugal no investimento com os filhos**. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

BOWLBY, J. **Apego**. São Paulo: Martins Fontes, 1984. p. 520.

_____. **A secure base: Parent-child attachment and healthy human development**. New York, NY: Basic Books, 1988. p. 181.

_____. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 231.

_____. **Apego a Natureza do Vínculo: Vol. 1 Apego e Perda**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 520.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Estatísticas de gênero. Uma análise dos dados resultados do censo demográfico 2010. **Estudos e pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica**, n. 33, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv88941.pdf>> Acesso em: 02 fev. 2018

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Síntese de indicadores sociais 2013. **Uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000015471711102013171529343967.pdf>> Acesso em: 11 dez. 2017

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios**. Síntese de indicadores 2015. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>> Acesso em: 10 jan. 2018

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2017: **Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/2013-agencia-de-noticias/releases/20232-estatisticas-de-genero-responsabilidade-por-afazeres-afeta-insercao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho.html>> Acesso em: 15 mar. 2018

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde da criança: nutrição infantil: aleitamento materno e alimentação complementar**. Brasília: MS; 2009.

BRAZ AQUINO, F. S.; SALOMÃO, N. M. R. Percepções maternas acerca das habilidades sociocomunicativas de bebês. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 31, n. 2, p. 252-267, 2011.

BRAZELTON, T. B. Strengths and stresses in today's families: looking toward the future. In: GOMES-PEDRO, J. K.; NUGENT, J. G.; YOUNG; T. B. BRAZELTON (Org.) **The Infant and Family in the Twenty-First Century**. New York: Brunner Routledge, 2002. p. 23-30.

BUEHLER, C.; O'BRIEN, M.; SWARTOUT, K. M.; ZHOU, N. Maternal Employment and Parenting Through Middle Childhood: Contextualizing Factors. **Journal of Marriage and Family**, v. 76, p. 1025–1046, 2014.

CASSIANO, R. G. M.; PROVENZI, L.; LINHARES, M. B. M.; GASPARD, C. M.; MONTIROSSO, R. Maternal sociodemographic factors differentially affect the risk of behavioral problems in Brazilian and Italian preterm toddlers. **Infant Behavior and Development**, v. 50, p. 165-173, 2018.

CAVALCANTE, M. C. V.; LAMY FILHO, F.; FRANÇA, A. K. T. C. Relação mãe-filho e fatores associados: análise hierarquizada de base populacional em uma capital do Brasil-Estudo BRISA. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, n. 5, p. 1683-1693, 2017.

CRAWLEY J, LIU F. Mechanisms for the association between maternal employment and child cognitive development. **NBER Working Paper**; 13609: p.1-25, 2007.

CHORA, M. H. B. S. **Responsividade materna em bebês com sinais precoces de risco**. 2017. 100f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade de Évora, Évora, 2017.

CONDE, A; FIGUEIREDO, B. Preocupações de mães e pais, na gravidez, parto e pós-parto. **Aná. Psicológica**, Lisboa, v. 25, n. 3, p. 381-398, 2007.

COSTA, M. A.; SANTOS, P. L.; FUERTES, M. Processamento sensorial e interação diária como promotores de resiliência nas crianças de famílias com baixos rendimentos. **Interações**, n. 30, p. 8-43, 2014.

CRAIG, L.; POWELL, A.; SMYTH, C. Towards intensive parenting? Changes in the composition and determinants of mothers' and fathers' time with children 1992–2006. **The British Journal of Sociology**, v. 65, n. 3, 2014.

CROWLEY, J. E. Staying at Home or Working for Pay? Attachment to Modern Mothering Identities. **Sociological Spectrum**, Alabama, v. 34, n. 2, p. 114-135, 2014.

DALBEM, J. X.; DELL'AGLIO, D. D. Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. **Revista Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, 2005.

D’AFFONSECA, S. M.; CIA, F.; BARHAM, E. J. Trabalhadora feliz, mãe feliz? Condições de trabalho que influenciam a vida familiar. **Psicologia Argumento**, v. 32, n. 76, p. 129-138, 2014.

DESSEN, M. A. Questionário de caracterização do sistema familiar: Versão – pais ou responsável. In: WEBER, L.; DESSEN, M. A. (Org.) **Pesquisando a família: instrumentos para coleta e análise de dados**. 1. ed. (2009). 1. reimp. Curitiba: Juruá, 2011, p.115-131.

DESSEN, M. A.; BRAZ, M. P. Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. **Psicologia: Teoria e Crítica**, v. 16, n.3, p. 221-231, 2000.

DESSEN, M. A.; SILVA, S. C. Desenvolvendo sistemas de categorias com dados de entrevista. In: WEBER, L.; DESSEN, M. A. (Org.) **Pesquisando a família: instrumentos para coleta e análise de dados**. 1ª reimp. Curitiba: Juruá, 2011, p.45-59.

DIAS JUNIOR, C. S.; VERONA, A. P. Maternidade e trabalho: algumas reflexões sobre mulheres em ocupações de nível superior. **Revista Brasileira De Sociologia**, v. 4, n. 7, 2016.

DUSH, C. M. H.; YAVORSKY, J. E.; SCHOPPE-SULLIVAN, S. J. What Are Men Doing while Women Perform Extra Unpaid Labor? Leisure and Specialization at the Transitions to Parenthood. **Sex Roles**, v.78, p. 715–730, 2018.

FARIA, A.; SANTOS, P. L.; FUERTES, M. Pais e mães protegem, acarinham e brincam de formas diferentes. **Análise Psicológica**, v. 32, n. 4, p. 419-437, 2014.

FIGUEIREDO, M.; MATEUS, V.; OSÓRIO, A.; MARTINS, C. A contribuição da sensibilidade materna e paterna para o desenvolvimento cognitivo de crianças em idade pré-escolar. **Análise Psicológica**, v.32 n. 2, p. 231-242, 2014.

FIORIN, P. C.; OLIVEIRA, C. T.; DIAS, A. C. G. Percepções de mulheres sobre a relação entre trabalho e maternidade. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 15, n. 1, 2014.

GIALLO, R.; TREYVAUD, K.; COOKLIN, A.; WADE, C. Mothers’ and fathers’ involvement in home activities with their children: psychosocial factors and the role of parental self-efficacy, **Early Child Development and Care**, v. 183, n.3-4, p. 343-359, 2013.

GOUX, D.; MAURIN, E. Public school availability for two-year olds and mothers' labour supply. **Labour Economics**, [S.l.], v. 17, p. 951-962, 2010.

GUARDIANO, M.; PASSAS, M. A.; CORUJEIRA, S.; GONÇALVES, D.; ALMEIDA, P.; VIANA, V. Estimulação, disciplina, vinculação e apresentação: As crenças das mães de grandes prematuros. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 18, n. 1, p. 141-149, 2017.

GUEDES, M. C.; ALVES, J. E. D. A população feminina no mercado de trabalho entre 1970-2000: particularidades do grupo com nível universitário. In: XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, **ABEP**, Caxambú-MG, 2004.

HILL, J. L.; WALDFOGEL, J.; BROOKS-GUNN, J.; HAN, W. J.; Maternal employment and child development: a fresh look using newer methods. **Dev Psychol**, v. 41, n. 6, p. 833-850, 2005.

HSIN, A. FELFE, C. When does time matter? Maternal employment, children's time with parents, and child development. **Demography**, v. 51, n. 5, p. 1867-94, 2014.

HOLMES, E. K.; HUSTON, A. C. Understanding positive father-child interaction: Children's, fathers', and mothers' contributions. **Fathering**, v.8, n. 2, p. 203-225, 2010.

HUERTA, M. C.; ADEMA, W.; BAXTER, J.; CORAK, M.; DEDING, M.; GRAY, M. C.; HAN, W.; WALDFOGEL, J. Early maternal employment and child development in five OECD countries. **OECD Social: Employment and Migration Working Papers**, [S.l.], n. 118, OECD Publishing, 2011.

HUSTON, A. C.; ARONSON, S. R. Mothers' time with infant and time in employment as predictors of mother-child relationships and children's early development. **Child Development**, Chicago, v. 76, n. 2, p. 467- 482, 2005.

JABLONSKI, B. A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. **Psicologia Ciência e Profissão**, v.30, n. 2, p. 262-275, 2010.

JORGE, E. R. M. **Trabalho vs. Família: o envolvimento parental nas diferentes dimensões da dinâmica familiar**. 2011. 55f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Aplicada). Instituto Superior de Psicologia Aplicada, 2011.

KASSAMALI, N; RATTANI, S. A. Factors that affect attachment between the employed mother and the child, infancy to two years. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, [S.l.], v. 159. p. 6-15, 2014.

KIM, J. WICKRAMA, K. A. S. Mothers' working status and infant development: mediational processes. **Journal of Family Issues**, v.35, n. 11, p. 1473-1496, 2014.

KOBARG, A. P. **Crenças e práticas de mães sobre o desenvolvimento infantil nos contextos rural e urbano**. 2006. 132f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

KRAUSE, L. I. **Mulher, trabalho e maternidade: demandas no retorno da licença maternidade**. 2017. 74f. Dissertação. (Mestrado em Saúde da mulher, da criança e do adolescente). Universidade Católica De Pelotas, Pelotas, 2017.

LEAL, C. L. **Maternidade distanciada: Vivências de mães sobre o ajuste entre maternidade e profissão, da gestação ao retorno ao trabalho**. 2013. 51f. Monografia. (Especialização em Psicologia – Ênfase em Infância e Família). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

LIMA, L. C. Idade materna e mortalidade infantil: Efeitos nulos, biológicos ou socioeconômicos? **Revista Brasileira Estado e População**, v. 27, n.1, p. 211-226, 2010.

LOMBARDI, C. M.; COLEY, R. L. Early maternal employment and children's school readiness in contemporary families. **Dev. Psychol.**, v. 50, n. 8, p. 2071-84, 2014.

LOPES, M. N.; DELLAZZANA-ZANON, L. L.; BOECKEL, M. G. A multiplicidade de papéis da mulher contemporânea e a maternidade tardia. **Temas em Psicologia**, v. 22, n. 4, p. 917-928, 2014.

LOPES, R. C. S.; OLIVEIRA, D. S.; VIVIAN, A. G.; BOHMGHAREN, L. M. C.; PICCININI, C. A.; TUDGE, J. Sentimentos maternos frente ao desenvolvimento da criança aos 12 meses: Convivendo com as novas aquisições infantis. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 23, n. 1, p. 5-16, 2007.

MANENTE, M. V.; RODRIGUES, O. M. P. Maternidade e trabalho: Associação entre depressão pós-parto, apoio social e satisfação conjugal. **Pensando Famílias**, v. 20, n. 1, p. 99-111, 2016.

MARTINS, C.; ABREU, W. P.; FIGUEIREDO, M. Tornar-se pai e mãe: um papel socialmente construído. **Revista de Enfermagem Referência**, v. 4, n. 2, 2014.

MARTINS, G. D. F. **Metas de socialização maternas e estilos de interação mãe-bebê no primeiro e segundo ano e vida da criança**. 2014. 149f. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

MARTINS, G. D. F.; VIEIRA, M. L.; SEIDL DE MOURA, M. L.; MACARINI, S. Crenças e práticas de cuidado entre mães residentes em capitais e pequenas cidades Brasileiras. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 24, n. 4, p. 692-701, 2011.

MENDES, D. M. L. F.; PESSÔA, L. F. Comunicação afetiva nos cuidados parentais. **Psicologia em Estudo**, v. 18, n. 1, p. 15-25, 2013.

MENDONÇA, M.; MATOS, P. M. Conciliação família-trabalho vivida a dois: Um estudo qualitativo com casais com filhos pequenos. **Análise Psicológica**, v. 33, n. 3, p. 317-334, 2015.

MILKIE, M. A.; NOMAGUCHI, K. M.; DENNY, K. E. Does the amount of time mothers spend with children or adolescents matter? **Journal of Marriage and Family**, v. 77, p. 355–372, 2015.

MOZZAQUATRO, C. O.; ARPINI, D. M.; POLLI, R. G. Relação mãe-bebê e promoção de saúde no desenvolvimento infantil. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 334-351, 2015.

NAZAROV, Z.E.; RENDALL, M.S. Differences by mother's education in the effect of childcare on child obesity. **Economics Letters**, 124, p. 286–289, 2014.

NOMAGUCHI, K.M. Maternal employment, nonparental care, mother-child interactions, and child outcomes during preschool years. **Journal of Marriage and the Family**, [S.l.], v. 68, n. 5, p.1341-1369, 2006.

NUNES, L. L.; SALOMÃO, N. M. R. O bebê aos três meses: concepções de pais e mães. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 21, n.2 p. 245-255, 2016.

OLIVEIRA, C. R.; TRAESEL, E. S. Mulher, trabalho e vida familiar: A conciliação de diferentes papéis na atualidade. **Disc. Scientia**. Série: Ciências da Saúde, v. 9, n. 1, p. 149-163, 2008.

OLIVEIRA, S. C.; FARIA, E. R.; SARRIERA, J. C.; PICCININI, C. A.; TRENTINI, C. M. Maternidade e trabalho: Uma revisão da literatura. **Revista Interamericana de Psicología = Interamerican Journal of Psychology**, Peru, v. 45, n. 2, p. 271-280, 2011.

PASINATO, L.; MOSMANN, C. P. Transição para a parentalidade e a coparentalidade: casais que os filhos ingressaram na escola ao término da licença-maternidade. **Avances en Psicología Latinoamericana**, v. 34, n. 1, p. 129-142, 2016.

PERUCHI, R. C.; DONELLI, T. M. S.; MARIN, A. H. Ajustamento conjugal, relação mãe-bebê e sintomas psicofuncionais no primeiro ano de vida. **Quaderns de Psicologia**, v. 18, n. 3, p. 55-67, 2016.

PICCININI, C. A.; POLLI, R. G.; BORTOLINI, M.; MARTINS, G. D. F.; LOPES, R. C. S. Razões maternas para colocar ou não o bebê na creche. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 68, n. 3, p. 59-74, 2016.

PICCININI, C. A.; SEIDL DE MOURA, M. L.; RIBAS, A. F. P.; BOSA, C. A.; OLIVEIRA, E. A.; PINTO, E. B.; SCHERMANN, L.; CHAHON, V. L. Diferentes Perspectivas na Análise da Interação Pais-Bebê/Criança. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 14, n. 3, p. 469-485, 2001.

QUADRELLI, I. P. **Vai ter coragem? Uma descrição fenomenológica da relação entre maternidade e trabalho**. 2016. 88f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2016.

RAPOPORT, A.; PICCININI, C. A.; Maternidade e situações estressantes no primeiro ano de vida do bebê. **Psico-USF**, v. 16, n.2, p. 215-225, 2011.

RIBAS, A. F. P.; SEIDL DE MOURA, M. L.; RIBAS JUNIOR, R. C. Responsividade Materna: Levantamento Bibliográfico e Discussão Conceitual. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n.1, p. 137-145, 2003.

RIBAS JUNIOR, R. C.; SEIDL DE MOURA, M. L., BORNSTEIN, M. H. Socioeconomic status in Brazilian psychological research. **Estudos de Psicologia**, v. 8, p. 385-392, 2003.

RIBEIRO, D.G.; PEROSA, G. B.; PADOVANI, F. H. P. Fatores de risco para o desenvolvimento de crianças atendidas em Unidades de Saúde da Família, ao final

do primeiro ano de vida: aspectos sociodemográficos e de saúde mental materna. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 19, n. 1, p. 215-226, 2014a.

RIBEIRO, D.G.; PEROSA, G. B.; PADOVANI, F. H. P. Mental health, mother-child interaction and development at the end of the first year of life. **Paidéia**, v. 24, n. 59, p. 331-339, 2014b.

ROCHA-COUTINHO, M. L. Quando o executivo é uma “dama”: a mulher, a carreira e as relações familiares. In FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.), **Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas**. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 57-78.

ROCHA-COUTINHO, M. L. Variações sobre um antigo tema: a maternidade para mulheres com uma carreira profissional bem-sucedida. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2005. p. 122- 13.

ROCHA-COUTINHO, M. L. De volta ao lar: mulheres que abandonaram uma carreira profissional bem-sucedida com o nascimento dos filhos. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.) **Casal e família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia**. Rio de Janeiro: Casa do Psicólogo, 2011, p.133-148.

RODRIGUES, B. C.; MAZZA, V. A.; HIGARASHI, I. H. Rede social de apoio de enfermeiras-mães no cuidado com os filhos. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 23, n. 2, p. 460-468, 2014.

RUHM, C. J. Parental employment and child cognitive development. **The Journal of Human Resources**, [S.l.], v. 39, n. 1, p. 155-192, 2004.

SANTOS, L. S. **Donas de casa, donas da própria vida? Problematizações acerca do trabalho (in)visível e da saúde mental de mulheres (des)valorizadas**. 2014. 140f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura). Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

SCHWENGBER, D. D. S.; PICCININI, C. A. Depressão materna e interação mãe bebê no final do primeiro ano de vida. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 20, n.3, p. 233-240, 2004.

SEIDL DE MOURA, M. L.; RIBAS, A. F. P. Interações precoces mãe-bebê: a gênese de zonas de construção. **Cadernos de Psicologia**, v. 9, p. 59-74, 1998.

SEIDL DE MOURA, M. L.; RIBAS JUNIOR, R. C.; PICCININI, C. A., BASTOS, A. C. S.; MAGALHÃES, C. M. C; VIEIRA, M. L.; SALOMÃO, N. M. R.; SILVA, A. M. P. M.;

SILVA, A. K. Conhecimento sobre o desenvolvimento infantil em mães primíparas de diferentes centros urbanos do Brasil. **Estudos de Psicologia**, v. 9, n. 3, p. 421-429, 2004.

SEIDL DE MOURA, M. L.; PESSÔA, L. F.; RAMOS, D. O.; MENDES, D. M. L. F.; FIORAVANTI-BASTOS, A. C. M.; DIAS, L. B. T. Beliefs of mothers, nannies, grandmothers and daycare providers concerning childcare. **Paidéia**, v. 24, n. 59, p. 341-349, 2014.

SERRADAS, A. C. **Estudo da sensibilidade materna em díades de risco biológico, ambiental e acumulado**. 2015. 83f. Dissertação (Mestrado em Intervenção Precoce). Escola Superior de Educação de Lisboa/Instituto Politécnico de Lisboa, Lisboa, 2015.

SERVILHA, B. BUSSAB, V. S. R. Interação mãe-criança e desenvolvimento da linguagem: A influência da depressão pós-parto. **Psico**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 103-111, 2015.

SHUSTER, C. Employed first-time mothers: A typology of maternal responses to integrating parenting and employment. **Family Relations**, [S.l.], v. 42, n. 1, p. 13-20, 1993.

SIGOLO, S. R. R. L. Diretividade materna e socialização de crianças com atraso de desenvolvimento. **Paidéia**, FFCLRP-USP, Rib. Preto, 2000.

SILVA, A. P. G. **Percepções de avós cuidadoras maternas sobre a criação e educação dos netos**. 2010. 112f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

SILVA, R. S; PORTO, M. C. A Importância da Interação Mãe-Bebê. **Ensaio Cienc., Cienc. Biol. Agrar. Saúde**, v.20, n.2, p. 73-78, 2016.

SOUZA, B. M. S.; SOUZA, S. F.; RODRIGUES, R. T. S. puerpério e a mulher contemporânea: uma investigação sobre a vivência e os impactos da perda da autonomia. **Rev. SBPH**, v.16 n.1, 2013.

SOUZA, I. F.; TEIXEIRA, K. M. D.; LORETO, M. D. S.; BARTOLOMEU, T. A. Não tem jeito de eu acordar e dizer: Hoje eu não vou ser mãe! Trabalho, maternidade e

redes de apoio. **Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica**, v. 22, n. 1, p. 46-63, 2011.

TEYKAL, C. M.; ROCHA-COUTINHO, M. L. O homem atual e a inserção da mulher no mercado de trabalho. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 38, n. 3, p. 262-268, 2007.

THEME FILHA, M. M.; AYRES, S.; GAMA, S.G. N.; LEAL, M. C. Factors associated with postpartum depressive symptomatology in Brazil: The birh in Brazil national research study, 2011/2012. **Journal of Affective Disorders**, v. 194, p.159–167, 2016.

TROIANO, C. **Vida de equilibrista: dores e delícias da mãe que trabalha**. São Paulo: Cultrix, 2007. p. 200.

TRONICK, E. Z.; COHN, J. F. Infant-mother face-to-face interaction: Age and gender differences in coordination and the occurrence of miscoordination. **Child Development**, v. 6, n. 1, p. 85-92, 1989.

WAGNER, A.; PREDEBON, J.; MOSMANN, C.; VERZA, F. Compartilhar Tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 21, n. 2, p. 181-186, 2005.

WAKSCHLAG, L. S.; HANS, S. L. Relation of maternal responsiveness during infancy to the development of behavior problems in high-risk youths. **Developmental-Psychology**, v. 35, p. 569-579, 1999.

WALL, G. 'Putting Family first: Shifting discourses of motherhood and childhood in representations of mothers' employment and child care. **Women's Studies International Forum**, v. 40, p. 162–171, 2013.

WEBER, L. N. D.; SANTOS, C. S. D.; BECKER, C.; SANTOS, T. P. Filhos em creches no século XXI e os sentimentos das mães. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 24, n. 44, p. 45-54, 2006.

YOUNGBLUT, J. M. Consistency between maternal employment attitudes and employment status. **Res. Nurs. Health**, v.18 n.6, p. 501–513, 1995.

APÊNDICE A – Termo De Consentimento Livre e Esclarecido

Concordo em participar da pesquisa intitulada “**MÃES QUE EXERCEM E MÃES QUE NÃO EXERCEM TRABALHO REMUNERADO: QUALIDADE DA INTERAÇÃO COM O BEBÊ**” desenvolvida por Érica Vidal da Cunha que faz parte do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da UNESP de Bauru e é orientada pela Profa. Dra. Lígia Ébner Melchiori. O objetivo da pesquisa é conhecer a interação mãe-bebê de mães que trabalham fora de casa e mães que não exercem trabalho externo. Para isto esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Ressaltamos que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e futuras publicações garantindo o mais absoluto sigilo e confidencialidade dos seus dados e do seu filho, de modo a preservar as identidades. Se houver interesse, haverá um banco de dados, e poderá ser solicitada uma cópia do material pelo participante. A entrega será acordada entre o pesquisador e pesquisado. Os benefícios esperados é a produção de conhecimento para orientar possíveis intervenções posteriores que auxiliarão no desempenho da maternidade e no desenvolvimento de bebês. Caso você tenha mais dúvidas ou necessite mais esclarecimentos, pode nos contatar através do email: ericav_cunha@yahoo.com.br.

Eu _____

declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa realizada por Érica Vidal da Cunha, orientada pela Profa. Dra. Lígia Ébner Melchiori.

_____ Data: _____

Assinatura

Eu, *Érica Vidal da Cunha*, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

_____ Data: _____

Érica Vidal da Cunha

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Nome: Érica Vidal da Cunha – Telefone 14 98126-2358 - Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01 - Vargem Limpa CEP 17033-360 Bauru, SP

APÊNDICE B – Entrevista Crenças Maternas - Categorização

1. O que você acha que contribui para o bom desenvolvimento da criança de 1 ano?

Contribui para o bom desenvolvimento da criança de 1 ano:

Categorias	Sub-categorias	Trabalha	Não Trabalha	Verbalizações
Estímulo	Pessoas em geral	2	1	<p>“estímulo, porque tudo que você ensina ela pega” Mãe 1</p> <p>“o incentivo das pessoas que cuidam(...)esse convívio né, que tá sempre estimulando ela” Mãe 4</p> <p>“a gente tem que incentivar muito, porque senão fica só na frente da tv e de tablet...(...) o máximo que a gente consiga, fazer alguma atividade fora” Mãe 14</p>
	Da mãe		2	<p>“eu vejo assim que ele ficando comigo o dia inteiro, a gente brinca, eu ensino ele fazer as coisas (...) e ele desenvolveu muito rápido(...)então eu tô sempre estimulando” Mãe 9</p> <p>“Como eu tô em casa eu consigo agregar incentivando” Mãe 16</p>
	Dos pais	1	1	<p>“a gente não é aquele pai e mãe que fica “ai vai cair, ai ...” a gente fala “Se joga mesmo” (...)Tem que estimular e perceber as necessidades dela... (...)” Mãe 3</p> <p>“estímulo dos pais e da dedicação que os pais tem ... o apoio dos pais é fundamental (...) quanto mais esses pais estiverem presente maior é o estímulo” Mãe 10</p>
Convivência (contato/interação)	Com pessoas de todas as idades	1		<p>“eu acho que o contato com pessoas assim (...)as 8 horas né que eu trabalho, ele fica junto com mais duas crianças (...) é não só crianças, mas o contato com outras pessoas” Mãe 5</p>
	Com crianças	2	2	<p>“uma coisa que eu acho que estimula muito o desenvolvimento da criança é contato com crianças maiores” Mãe 6</p> <p>“eu acho que o contato com outras crianças, melhora muito muito muito o desenvolvimento” Mãe 11</p> <p>“E o convívio com outras crianças também é foi gritante, ele entrou pra creche, foi pra o desenvolvimento dele” Mãe 7</p> <p>“Ah a interação né... De tá brincando, de tá saindo né, vendo e interagindo com outras crianças também.” Mãe 13</p>
	Com a mãe	1		<p>“Ai, interagir com a mãe eu acho(...)porque eu brinco muito com ela, gosto de escrever com ela” Mãe 2</p>

	Com os pais	1	2	<p><i>“A interação né, dos pais, da família, conversar bastante com eles, explicando com calma” Mãe 7</i></p> <p><i>“tá sempre presente, sempre junto, acompanhar...” Mãe 12</i></p> <p><i>“a presença, atenção dos pais em todos os detalhes (...) ah eu acho que é isso, é o convívio” Mãe 15</i></p>
Atenção	Dos pais	2	1	<p><i>“a atenção tipo eu... eu acho que estimula bastante assim tipo... eu prezo muito em dar atenção pra ele, pra fazer coisas com ele” Mãe 6</i></p> <p><i>“É primeiro a atenção né dos pais, o fato de você tá junto brincando, ensinando o que pode o que não pode” Mãe 11</i></p> <p><i>“Eu acho que a atenção. Assim... o cuidado sabe, cê tá junto(...)eu chego e tento brincar com ela o máximo pra depois cuidar das coisas de casa, sabe?” Mãe 8</i></p>
Rotina		1		<i>“eu percebo que criança tem que ter rotina(...)eu acho que ela saber que ela vai tomar banhinho (...) eu acho que isso contribui pra ela se desenvolver bem, pra ela aprender” Mãe 1</i>
Carinho		2		<p><i>“carinho” Mãe 6</i></p> <p><i>“carinho, não é?!” Mãe 8</i></p>
Saúde física		1		<i>“saúde” Mãe 6</i>
Relacionamento familiar			1	<i>“É bom relacionamento com a família né” Mãe 15</i>

2. Quando seu filho está chorando ou não está bem, como você se sente no cuidado com ele?

Como se sente no cuidado com o filho quando este não está bem ou chorando:

Categories	Sub-categories	Trabalha	Não Trabalha	
------------	----------------	----------	--------------	--

				Verbalizações
Competente	Procura solução	1	3	<p>“eu fico mais com ela no colo, tento conversar, canto” Mãe 1</p> <p>“Ah eu sinto que eu tenho que fazer alguma coisa” Mãe 11</p> <p>“Quando eu sei que alguma coisa tá diferente daí eu vou tentando tudo.” Mãe 13</p> <p>“Como a gente não sabe o que que tem a gente procura tudo, eu pesquiso tudo até achar alguma coisa, mãe né... quer achar a solução pro problema” Mãe 14</p>
	Menos Preocupada	1	1	<p>“nessa idade já é mais assim, não que eu não fique preocupada (...) agora acho que eu sofro menos (...) mas assim eu fico preocupada lógico” Mãe 5</p> <p>“É difícil, só que a gente tem que procurar entender o porquê né (...) Fico muito preocupada, pensando mil e uma coisas” Mãe 15</p>
	Tranquila	1		<p>“Ah é tranquilo, agora é tranquilo, mas no começo bem é difícil” Mãe 8</p>
	Sente-se mais forte		1	<p>“me sinto mais forte porque sei que ele precisa de mim!” Mãe 9</p>
Impotente	Chora junto	1		<p>“Ai tem vez que eu choro junto (risos) né filha” Mãe 2</p>
	Culpada	1		<p>“mãe sempre se sente culpada e responsável né? (...) ficou um final de semana doente (...) nossa você tem uma sensação de culpa sempre né, culpa e responsabilidade sobre aquilo.” Mãe 6</p>
	Frustrada	2	1	<p>“mas quando tá chorando sem causa aparente ou pelo menos que você ainda não percebeu ai é tão frustrante!” Mãe 3</p> <p>“As vezes é frustrante, quando ele começa chorar por alguma coisa(...) É... dolorido, é um sentimento dolorido, sabe?!” Mãe 7</p> <p>“Ah eu fico frustrada, fico super frustrada. Porque algumas coisas a gente consegue controlar né (...) agora problemas assim doença, gripe, eu fico muito frustrada” Mãe 16</p>
	Desesperada		1	<p>“hoje eu já consigo me controlar melhor. Mas ainda assim eu fico desesperada” Mãe 10</p>
	Se for vacina	1	1	<p>“mas a parte da vacina ali, quando você vai dar vacina, por exemplo a perna começa até tremer a gente fica muito nervosa” Mãe 4</p> <p>“esses dias ele tomou vacina de gripe (...) deu uma febre (...) Eu tava assim sem saber o que fazer, tava com ele no colo, não sei, não sei</p>

				<i>nem o que fazer” Mãe 12</i>
--	--	--	--	--------------------------------

3. Como você vê a situação da mãe que trabalha fora e tem que deixar seu filho, de 1 ano de idade, na creche ou com outra pessoa que ela confie?

Como vê a situação da mãe que trabalha e tem que deixar o filho na creche ou com outra pessoa:

Categorias	Sub-categorias	Trabalha	Não Trabalha	Verbalizações
Boa	Segura/Tranquila	2		<p><i>“eu ia por numa escolinha, mas a minha sogra fez questão de ficar e eu me sinto segura porque ela tá bem cuidada” Mãe 1</i></p> <p><i>“no começo assim eu sentia assim mais a saudade né de ficar longe dele, mas eu ficava tranquila porque eu sabia que tava com a minha mãe, com a minha irmã” Mãe 5</i></p>
	Saúde mental materna: meio período na escola		1	<p><i>“ele vai meio período na escolinha, mas isso até pra... é foi bom pra ele e pra mim né, é pra minha saúde mental (...)ele vai por meio período, as vezes menos do que isso” Mãe 11</i></p>
Ruim	Sofre	2		<p><i>“Eu morro de saudade dela, eu... eu tenho vontade de largar tudo e voltar pra casa pra ficar com ela” Mãe 2</i></p> <p><i>“por vezes você tá no serviço cê para e pensa... “queria tá lá, queria tá lá, queria largar tudo pra ficar junto, né filha?!” Mãe 3</i></p>
	Insegura	1		<p><i>“apesar de todo carinho de vó e de escola que eles tem a gente fica, eu fico insegura pra falar a verdade, eu fico insegura...” Mãe 4</i></p>
	Sente dó	1	1	<p><i>“assim, eu faço uma logística pra ficar o mínimo tempo possível fora de casa, até porque ele ainda não começou na escolinha, mas eu tenho muito dó” Mãe 6</i></p> <p><i>“eu deixo de ganhar pra poder ver esse primeiro crescimento deles (...) porque eu vejo muitas outras mães que trabalham (...) e perde tudo isso, então eu fico com dó, eu só consigo sentir dó” Mãe 16</i></p>
	Triste		1	<p><i>“eu acho triste... Pra mãe principalmente, porque você que tá junto, quer ver crescer, quer acompanhar, eu acho ruim...” Mãe 12</i></p>

	Difícil		2	<p><i>“é dolorido... ah é, eu não tive coragem, eu não consegui (...)é... difícil, deixar essas coisinhas de fora” Mãe 9</i></p> <p><i>“É muito ruim também porque muitas vezes o médico dá um atestado (...)você tinha que deixar na escola, fazer inalação, fazer tudo e ir trabalhar. Então é muito difícil fazer essa escolha” Mãe 15</i></p>
Outros	Não acha legal deixar		1	<i>“eu acho quando não é financeiro é uma opção sua, você deixar os cuidados do seu filho com os outros, por mais confiança que tenha, não, eu não acho legal...” Mãe 10</i>
	Misto de sentimentos: arranjo ideal meio período	2		<p><i>“Agora ficar o dia inteiro longe (...) Ai a gente se sente culpada de não poder tá o tempo inteiro com ele, então eu acho que tinha que ter um meio termo né, um período no serviço e um período com ele.” Mãe 7</i></p> <p><i>“Assim a evolução é... chega a ser gratificante. Só que também é doloroso, cê deixar o dia inteiro na escola” Mãe 8</i></p>
	Não seria eficiente no trabalho		1	<i>“se eu fosse trabalhar no dia seguinte muitas vezes eu penso que eu não seria eficiente no trabalho por conta do cansaço, é cansativo, noites em claro, tem noite que você nem pisca o olho” Mãe 14</i>

(Continuação) Você acha que o fato da mãe trabalhar fora e deixar a criança na creche ou com outra pessoa, pode influir de forma positiva ou negativa no desenvolvimento da criança? Dê exemplos.

Criança na creche ou com outras pessoas é positivo ou negativo para o desenvolvimento:

	Sub- categorias	Trabalha	Não Trabalha	Verbalizações
Creche (positivo)	Desenvolvimento da criança	4	4	<p><i>“A forma positiva que eu vejo da diferença dele pras crianças que tã em creche é a timidez(...) as outras crianças nesse aspecto desenvolve mais na escola de ter contato com outras crianças do que o que fica com mãe” Mãe 9</i></p> <p><i>“é positivo porque convive com outras pessoas, eu acho que até mais na escola né porque tem convívio com criança da idade” Mãe 4</i></p>

			<p>“uma criança que vai pra creche com 4 meses de idade é... o estímulo que eles tem é positivo, eles podem adoecer mais, eles podem não ter o contato com o pai e com a mãe que eu acho que deveria ter, mas que com certeza eles são mais estimulados e desenvolvidos sim, com certeza” Mãe 6</p> <p>“eu já não tava conseguindo desenvolver atividades suficientes pra que ele ficasse bem, entendeu? E aí eu achei que a melhor opção era a escolinha, agora ele vai por meio período, as vezes menos do que isso” Mãe 11</p> <p>“a gente vive num mundo globalizado, numa... numa sociedade que tem muita informação, então você ficar o tempo inteiro com um filho dentro de casa, você vai tá privando ele de muita evolução” Mãe 7</p> <p>“eu vejo mais pontos positivos do que negativos (...) ela divide as coisas sem problema sabe?! Ela vai com todo mundo, é difícil ela estranhar alguém. Eu acho que isso tudo tem a ver com a escola” Mãe 8</p> <p>“eu voltando trabalhar, eu optaria por escola mesmo, eu não deixaria nem com babá nem com... E na escola tem contato com outras crianças, hoje em dia é bem diferente...” Mãe 14</p> <p>“Eu acho que positivo que a criança acaba desenvolvendo por tá em contato com outras crianças” Mãe 16</p>
	Após 1 ano	1 1	<p>“com 1 ano já quer amiguinho, já quer criança da idade dela pra brincar, agora quando é bebê não (...) com 3 meses ela tá começando enxergar as coisas, aí com 4 meses já vai tirar da mãe” Mãe 2</p> <p>“quando a criança já está independente (...) já está andando, ela já consegue se expressar muito bem, eu consigo colocar ela na escola e eu sei que lá ela vai ser bem cuidada” Mãe 10</p>
Creche (negativo)	Falta atenção e cuidado	1 1	<p>“pra uma mãe que põe a filha numa creche, que tem 1 cuidadora pra cuidar de 20 crianças, aí talvez não seja tão bom assim” Mãe 1</p> <p>“É mais negativo, eu não vejo... não 100% negativo, mas hoje eu acho que se a mãe tiver chance de se dedicar pro filho(...) do que se você tiver que trabalhar fora” Mãe 10</p>
	Mãe não acompanha o desenvolvimento	4	<p>“a mãe não acompanha nada né, não vê falar, não vê anda, não vê as primeiras coisas que faz, é é tudo a outra pessoa (...)” Mãe 9</p> <p>“positivo dela tá interagindo com outras crianças, aí na numa escolinha isso é bom, ela vai aprender mais coisas. Mas as vezes assim, cresce meio que sem mãe, sem pai, porque geralmente se a mãe trabalha o pai trabalha mais ainda” Mãe 12</p>

				<p><i>“quanta coisa a gente perde por mais simples que seja, se eles não tão com a gente (...) tudo é novo. Uma hora ele começa falar (...)tudo de repente né. Então isso aí perde, isso aí não tem volta.” Mãe 13</i></p> <p><i>“mas é, negativo é é isso de não ver o desenvolvimento, não ver o crescimento, não ver as primeiras coisas que eles passam...” Mãe 16</i></p>
Familiar	Confiança	2		<p><i>“a minha sogra fez questão de ficar e eu me sinto segura porque ela tá bem cuidada (...)eu acho que no meu caso é positivo” Mãe 1</i></p> <p><i>“se fosse uma escola eu já ficaria né, não que... eu sou totalmente a favor né, mas eu acho assim que quanto tá com a família é mais... a gente já sabe o que a criança vai aprender né, porque (...) eu conheço a criação...” Mãe 5</i></p>
Outro exemplo para o		1		<p><i>“eu acho que foi muito importante (...), no presente pro futuro eu ter voltado ao trabalho (...)eu não queria depois que na vida adulta me olhasse como desistindo, queria que ela me tivesse como exemplo né” Mãe 3</i></p>

4. Como é pra você deixar seu filho/a com outra pessoa ou na creche?

Como é para a mãe deixar o filho com outra pessoa ou na creche:

	Sub- categorias	Trabalha	Não Trabalha	Verbalizações
No início	Difícil	2		<p><i>“mesmo levando na minha sogra, sabendo que era lá, que era de confiança e tudo mais, foi um pouco estranho” Mãe 1</i></p> <p><i>“foi mais no começo assim que foi mais difícil, mas depois a gente acostuma” Mãe 5</i></p>
	Neurótica	1		<p><i>“mas no começo eu fiquei bem neurótica, eu ligava toda hora, eu mandava mensagem toda hora” Mãe 2</i></p>
	Desesperada	1		<p><i>“eu fiquei muito desesperada, eu falava assim meu Deus vão machucar ela, porque ela não engatinhava, não sentava” Mãe 3</i></p>
Agora	Tranquilo	6	6	<p><i>“agora é tranquilo porque eu confio, tanto que sei que ela está bem cuidada” Mãe 1</i></p> <p><i>“com a minha mãe ou com a minha tia eu deixo tranquila porque ele fica super bem com elas” Mãe 9</i></p>

			<p><i>“Agora tá tranquilo, mas já foi complicado” Mãe 3</i></p> <p><i>“com a minha mãe eu fico tranquila eu fico... é uma sensação até de tranquilidade” Mãe 4</i></p> <p><i>“pela alegria que ela vai pra escola, eu não tenho nem como achar ruim e depois de 1 ano e 4 meses eu tô tendo um tempo pra mim” Mãe 10</i></p> <p><i>“Ah eu acho que agora é mais tranquilo” Mãe 5</i></p> <p><i>“Hoje deixar na escolinha é mais tranquilo, e eu prefiro mil vezes deixar na escolinha do que com outra pessoa” Mãe 11</i></p> <p><i>“o fato dele estar aqui do meu lado [frequenta a creche do emprego em período integral], por eu trabalhar aqui, é muito mais fácil, então eu não tô sofrendo tanto” Mãe 7</i></p> <p><i>“é a minha mãe é eu confio... com a minha sogra eu também confio também eu não tenho problema nenhum assim” Mãe 12</i></p> <p><i>“na escola eu não tenho problema em deixar, hoje eu já confio na escola” Mãe 8</i></p> <p><i>“a escola eu me senti muito mais tranquila, eu me senti muito mais a vontade na escola do que com outras pessoas” Mãe 14</i></p> <p><i>“é tranquilo, eu deixo ele tranquilo, porque eu sei que ali ele vai tá fazendo atividade, vai tá desenvolvendo” Mãe 15</i></p>
Aprensiva	1	1	<p><i>“a gente vai ter que contratar uma moça pra ajudar porque a minha mãe não dá conta (...) então eu já tô meio assim porque, agora vai mudar de novo a rotina dela” Mãe 2</i></p> <p><i>“Assim é poucas vezes isso, porque eu não tenho família por perto né, não tenho ninguém (...)é coisa muito pequena (...) logo eu já quero voltar pra ficar com ele” Mãe 13</i></p>
Culpada	1	1	<p><i>“eu confio nela em relação a hora que eu saio, só que eu me sinto culpada quando eu saio pra trabalhar porque eu tô deixando ele” Mãe 6</i></p> <p><i>“Eu me sinto extremamente culpada, muito culpada, tento o máximo possível ou não fazer, ou esperar meu marido estar em casa pra conseguir delegar pra ele sair, ou eu deixo assim coisas muito rápidas” Mãe 16</i></p>

5. Como você acha que é para o seu filho ficar com outras pessoas ou na creche quando você precisa se ausentar ou trabalhar?

Como você acha que é para o seu filho ficar com outras pessoas ou na creche quando você precisa se ausentar ou trabalhar:

Categorias	Sub-categorias	Trabalha	Não Trabalha	Verbalizações
Adaptado	- Sociável	3	5	<p><i>“Ele por enquanto eu deixo ele não chora pra que eu fique... isso é de boa, (...) mas com as pessoas que ele é acostumado, então ele fica e ele adora” Mãe 9</i></p> <p><i>“É sensacional, porque ela é muito sociável (...) Eu vou embora ela... pro serviço, ela dá tchau, ela nunca chorou (...) Eu fico assim nossa “será que a minha filha não sente a minha falta?” Mãe 3</i></p> <p><i>“agora, nossa, ela fica... antes a gente saia escondido, agora a gente ‘tchau filha eu tô indo trabalhar’, a gente fala assim com ela, ela fica tranquilo” Mãe 10</i></p> <p><i>“Na verdade ele não liga eu acho (risos) eu vou ser sincera (...) tipo eu acho que quando eu começar levar ele na escolinha eu acho que ele vai ser super tranquilo, tipo ele não chora quando eu vou trabalhar” Mãe 6</i></p> <p><i>“Eu acho que é tranquilo. Sim, eu acho que sim.” Mãe 11</i></p> <p><i>“hoje ela fica muito bem na escola, me dá tchau, joga beijo. Ela eu acho que num, nem sente mais, é tranquilo, é super tranquilo” Mãe 8</i></p> <p><i>“É bom, é bom. Porque a gente querendo ou não acaba superprotegendo né.” Mãe 13</i></p> <p><i>“ele fica bem tranquilo sendo pessoas da família, mas aí quando chega, a mamãe chegou, na escola mesma coisa nem olha pra trás, mas quando vai buscar é a felicidade...” Mãe 14</i></p>
	- Reclama mas fica bem	1	3	<p><i>“as vezes dá “emburrinho”, quando ela vê que a gente chega (...) eu acho que ela percebe que eu vou deixa-lá (...) aí eu converso com ela, falo filha a mamãe vai trabalhar, você vai ficar aqui, vai brincar, aí minha sogra pega distrai com alguma coisa e pronto, 5 minutos já esqueceu (...)e quando eu volto ela faz uma festa, então eu percebo que ela não sofre mesmo” Mãe 1</i></p> <p><i>“É tranquilo, ele fica... agora que ele tá começando assim, tipo eu não posso falar tchau, se eu falo tchau ele faz um mamãeee assim quer ir atrás de mim, se eu saio, vou embora, ele se distrai, não tá nem aí pra mim não” Mãe 12</i></p> <p><i>“Na escolinha eu acho que ele gosta, eu acho não, tenho certeza, tanto que ele chega lá feliz, ele fica muito bem, se diverte (...) mas quando eu tenho que sair com meu marido (...) ficar nem se for 1 hora só, eu já sinto que ele não gosta muito, que já dá aquela choradinha” Mãe 15</i></p>

			<i>“Eu saio, ele fica chorando, ele fica... (...) mas (...) eles dizem que passa muito rápido que depois ele se acalma e fica tranquilo assim” Mãe 16</i>
	- Sente falta	2	<i>“Ai eu acho que, ela gosta de ficar na escolinha porque por causa dos amiguinhos, mas ela sente falta, porque depois quando eu chego é mamãe mamãe mamãe mamãe, só quer ficar grudada” Mãe 2</i> <i>“hoje quando eu deixo ela e saio, ela fica chorando, depois ela estabiliza e acalma, mas a minha mãe fala que ela vive sempre pergun... cadê mamãe (...) ela fica chamando a mamãe (...)ai quando eu chego ela já começa ficar um pouco manhosa, quer colo...” Mãe 4</i>
Não adaptado	- Chora	1	<i>“eu percebo que ele sente a minha falta, porque quando eu chego em casa com ele da creche, ele chora muito, não deixa eu por ele no chão, eu tenho... eu não consigo nem cozinhar, nem ir no banheiro, nada” Mãe 7</i>

6. Para você o que é mais importante, a qualidade da interação mãe-bebê ou a quantidade de tempo de convívio entre mãe-bebê?

Qualidade da interação mãe-bebê ou a quantidade de tempo de convívio entre mãe-bebê:

Categorias	Sub-categorias	Verbalizações	
		Trabalha	Não Trabalha
Qualidade	- Tempo com qualidade	7	5

“eu prezo mais pela qualidade, eu acho que dez minutos com ela né ali a gente tando junto, conversando é bem melhor do que ficar três horas eu cansada” Mãe 1

“É a qualidade. O tempo que cê tem se cê conseguir usar esse tempo pra fazer aquela interação, ensinar, brincar, ele ter aquela hora com a mãe (...) melhor a qualidade do tempo do que a quantidade” Mãe 9

“não adianta nada ficar o dia inteiro com ela e nem dar um minuto de atenção pra ela, ficar no celular, ficar na internet e não dar atenção pra ela” Mãe 2

“eu acho que é ter o tempo mas com qualidade né, as vezes você pode ficar uma hora ali mas se entregar, ficar brincando né, ao invés de ficar uma hora no celular, ai eu tô cansada, ai entendeu?” Mãe 4

			<p><i>“A qualidade sem dúvida, é claro que o tempo conta bastante, mas eu acho que a qualidade é significativa” Mãe 10</i></p> <p><i>“eu e ele a gente fica assim mais no fim de semana e mais no período da noite, então eu sinto saudade dele então eu quero fazer o melhor né pra ele, então eu acho que pode ser um tempo menor mas com qualidade.” Mãe 5</i></p> <p><i>“tem mãe que fica com o celular, com a criança o dia inteiro e que fica com o celular na mão e não olha pra cara criança (...)” Mãe 6</i></p> <p><i>“as vezes uma mãe que fica o dia inteiro com a criança não fica com ela, ela fica no ambiente com ela, mas ela não fica com a criança” Mãe 7</i></p> <p><i>“não adianta ficar um tempão com ele brigando, e não ter um tempo realmente só de brincar, de fazer um carinho, de abraçar...” Mãe 12</i></p> <p><i>"Eu acho que é a qualidade né. Porque na licença maternidade eu ficava o dia inteiro com ela, as vezes chega a ser até desgastante, não vou mentir, cê tá exausta e é o tempo todo só a mãe né" Mãe 8</i></p> <p><i>"A qualidade. Porque a questão de convívio, se você não fizer nada que interaja é tempo perdido, se você ligar uma tv é a mesma coisa que não tiver no ambiente, pode deixar ele lá o dia todo a criança fica, mas aí não aproveita o tempo" Mãe 14</i></p> <p><i>"A qualidade, 100% a qualidade. Porque eu já vi exemplos disso, de mães que trabalham fora e conseguem ter um, um pinguinho de tempo e produz naquele tempo sabe, enquanto as vezes eu não consigo produzir nessas todas essas horas que eu fico com ele" Mãe 16</i></p>
Qualidade e quantidade	- Tem que ter as duas coisas	1 3	<p><i>“fala assim aí eu fico presente enquanto eu tô brincando com ela. Ah mas se você fica com ela brincando 10 minutos por dia isso não é suficiente, criança precisa de atenção, de tempo e de qualidade, das duas coisas” Mãe 3</i></p> <p><i>“Eu acho que por mais que você tenha uma qualidade de interação pouco tempo não significa muita coisa. E ao mesmo tempo se você tiver um tempo muito grande de interação se você não tem uma qualidade num... é vazio...” Mãe 11</i></p> <p><i>"Acho que os dois. Mesmo o tempo e mesmo a qualidade. Acho que é os dois..." Mãe 13</i></p> <p><i>"Eu acho que tem que ter os dois, porque só ai ficar só meia hora tal, a qualidade é pouco, então eu acho que tem que ter quantidade e qualidade" Mãe 15</i></p>

7. A mãe que trabalha fora pode contribuir com o desenvolvimento de seu filho da mesma forma que a mãe que não trabalha fora? Por que?

A mãe que trabalha fora pode contribuir com o desenvolvimento de seu filho da mesma forma que a mãe que não trabalha fora:

Verbalizações	Categorias	Sub-categorias	Trabalha	Não Trabalha
<p><i>"se a mãe tiver tempo, tiver vontade, disponibilidade, eu acho que a interação, sim, a qualidade pode ser mesmo, não dá pra afirmar com certeza, de repente até dá, depende muito de cada pessoa" Mãe 1</i></p> <p><i>"Pode. Pela qualidade do tempo do que a quantidade que ela fica com a criança. O tempo que ela tem pra ficar ela participar da vida da criança eu acho que vale" Mãe 9</i></p> <p><i>"o tempo que a mãe puder ficar com ela, quando tiver com ela, brincar, interagir, sabe? Não ficar ligando ai vou arrumar a casa, vou fazer não sei o que, não, eu vou ficar com o meu filho agora" Mãe 2</i></p> <p><i>"Eu acho que talvez sim por essa parte de qualidade (...) em casa vai uma moça que faz faxina e tal então eu não preciso me preocupar com questão de casa, eu tô ali junto com ela né" Mãe 4</i></p> <p><i>"Desde que tenha qualidade sim (...) então você chega em casa e ainda consegue dar conta do seu filho, porque cê chega em casa e tem outras mil atividades pra fazer, mas se você ainda consegue dá conta, ok né! " Mãe 10</i></p> <p><i>"eu ficar pouco tempo com ele eu acho que eu acabo querendo me dedicar mais né, pelo fato de... pra suprir o tempo que eu não fico com ele" Mãe 5</i></p> <p><i>"Pode! Eu tenho amigas que trabalham e que fazem faculdade e que são super dedicadas a criança (...) eu eu eu tenho dó, porque eu acho que a criança precisa um pouco de contato com a mãe" Mãe 6</i></p> <p><i>"por mais que eu esteja em casa, eu não tô o tempo inteiro brincando com ele, eu arrumo coisas pra distrair ele pra poder fazer as minhas (...) eu acho que quem trabalhar fora consegue sim, também se dedicar, ter a mesma dedicação..." Mãe 12</i></p>	Sim	Se tiver qualidade/dedicação	6	6

			<p>"Eu acho que sim, com certeza. (...) a mãe que trabalha fora ela se cobra mais também, entendeu?(...) É eu acho que a qualidade se torna melhor, cê entendeu? Cê aproveita cada minutinho que ela tá acordada, as vezes eu falo ah ela tá dormindo muito cedo, que dá vontade de ficar mais, você não sente aquele cansaço, aquela coisa...Porque quando você fica o dia inteiro é maçante, criança dá trabalho, é o tempo todo, 100% de atenção" Mãe 8</p> <p>"Ah tem, não tem como a gente achar que a pessoa que trabalha não consegue, não, tem sim. Só que é bem mais cansativo pra mãe (...) tem que tá com o emocional mais preparado" Mãe 13</p> <p>"Sim, claro (...) por mais cansativo que seja, não deve ser fácil, mas acho que chegar em casa, ver o filho querendo atenção cê acaba, cansada, deixando de lado as outras atividades, mas se dedicando. Meia hora que acompanhe as atividades dele acho que muda completamente o dia de uma criança" Mãe 14</p> <p>"de qualquer forma a criança quando vê a mãe chegando é diferente né, eles prestam muita atenção, eles querem ficar grudado e... eu acho que se tiver qualidade nesse tempo dessa mãe com certeza consegue contribuir... igual a que tá em casa..." Mãe 16</p>
Resposta ambígua		2	<p>"Com certeza. É claro que uma mãe... o meu trabalho é diferenciado, eu trabalho só 6 horas por dia e isso é muito positivo pra nossa rela.. Uma mãe que já trabalha, judiação, 8 horas por dia na cidade de São Paulo que tempo que ela tem pra esse filho né?" Mãe 3</p> <p>"é o que eu me pergunto, foi isso que eu falei né, na verdade quem é que tá educando meu filho? Que ele fica de segunda a sexta feira das 8h da manhã as 17h da tarde, chega em casa já brinca um pouquinho, toma banho, janta, e vai dormir (...) e final de semana com a gente. Então eu não sei te responder..." Mãe 7</p>
Não	Não haverá tempo	2	<p>"Não. Pela falta de tempo. Eu acho assim, a mãe que trabalha fora, vamos supor, ela trabalha das 8h as 18h (...) duas horas por dia de interação, em um momento que ele precisa jantar, tomar banho, vai tá cansado, com sono, ou seja, vai fazer mais birra do que qualquer outra coisa, essa mãe vai tá cansada do trabalho, possivelmente, então não vai ter uma qualidade da interação, vai ter um stress, né. Duas vezes na semana e vamos colocar aí fim de semana, é melhor do que nada sem dúvida, mas não acho que contribua efetivamente pro desenvolvimento, efetivamente não." Mãe 11</p> <p>"Não. Porque tem (...) detalhes que só no dia a dia você vai conseguir ajuda-lo, desenvolvê-lo (...) e você tando fora o dia todo você não vai ter esse tempo pra fazer, e não adianta, a gente chega tarde, chega cansada, não tem essa paciência, eu vivi muito isso então eu sei, não é a mesma coisa..." Mãe 15</p>

8. Há mais benefícios ou malefícios para a relação mãe-bebê quando a mãe trabalha fora? Quais?

Há mais benefícios ou malefícios para a relação mãe-bebê quando a mãe trabalha fora

	Sub- categorias	Trabalha	Não Trabalha	Verbalizações
Benefício	Interagir com outras pessoas (mãe e criança)	4	2	<p>"eu fico com ela no período da manhã (...), eu fico com ela mesmo, aí eu sei que a tarde eu vou trabalhar, eu vou fazer o que eu gosto, eu vou tá com outras pessoas, a noite eu volto... eu então eu percebo que eu estou melhor (...) porque você ficar em casa 24 horas só em torno do bebê isso é cansativo, e a agora trabalhando você tem uma vida social, então eu acho que isso ajuda você... me ajudou na minha relação com ela" Mãe 1</p> <p>"(...) porque ela tem que ter a vida dela sem a mãe também, ela também tem que ter o... é o que eu penso, acho que a maioria pensa né, ela tem que ter as outras interações da vida dela sem tá ligada a mãe, e isso é importante pra mim, pra ela, pra relação, eu não acho que prejudica não o fato de eu trabalhar fora." Mãe 3</p> <p>"Eu acho que a mãe a partir do momento que ela tá mais arejada, com a cabeça, pensando não só no trabalho né, mas ela conseguiu sair, ela viu outras coisas além da criança (...) Ela taria assim com a cabeça mais assim tranquila, pra poder falar agora vou sentar aqui, me vestir de mãe, vou brincar aqui, chutar bola... " Mãe 10</p> <p>"Cê tá o tempo inteiro com a criança fica muito apegado né, então pra pra poder, você se desgrudar um pouco, sair um pouquinho da, cortar o cordão umbilical, como dizem... (...) eu acho que ia ser igual, porque o tempo que a gente tá junto, a gente realmente tá junto, entendeu? Então eu acho que não, eu acho que é igual, pensando..." Mãe 7</p> <p>"Não sei, não sei te dizer, eu acho que não, que não é mais maléfico que benéfico. Eu acho que a hora que eu chego eu to mais disposta pra ficar com ela..." Mãe 8</p> <p>"Na verdade acho que a mãe fica mais tranquila de sair do ambiente materno, porque é cansativo, ela chega com outro gás, é diferente de você ficar só com aquele contato o dia todo, vendo criança, cuidando de criança, acho que muda o foco acho que você dá uma renovada todos os dias, então você tem contato com outras pessoas (...) de toda a parte é o que eu mais sinto falta, ter contato com outras pessoas" Mãe 14</p>

	Intensifica a relação	2	<p>"Eu acho que não ela, talvez até meio que fortalece um pouco né de não tá com a mãe ali, porque ela me vê quer ficar o tempo todo comigo, quer brincar, quer interagir né. Então as vezes é bom ficar até um pouquinho longe da mãe, não ficar muito assim presa assim né" Mãe 4</p> <p>"Benefícios traz assim, eu acho que poderia trazer mais, caso se eu não trabalhasse o dia inteiro por exemplo né (...) Eu acho que intensifica é, ele acaba ficando com saudade, daí a hora que ele me vê assim ele quer ficar assim o tempo todo..." Mãe 5</p>
Malefício	Não há tempo para o filho	2	<p>"Ai eu acho que é mais malefício, porque ainda mais se a mãe trabalha 8 horas por dia, trabalha no comércio de sábado, não muito tempo pra ficar com a criança" Mãe 2</p> <p>"Ai eu acho que é maléfico, sendo bem sincera. Ah é por causa que a mãe fica longe do filho, eu acho que fisiologicamente precisa, a criança precisa da mãe (...)então eu acho que quando ela é separada mais cedo, por mais que tenha estímulo de creche, tenha isso e aquilo, a criança precisa da mãe. Eu acho." Mãe 6</p> <p>"e eu acho que é ruim sim, ficar mais tempo longe, porque é bebê, é desse tamanho assim... Que nem eu levo ele, ele interage, ele tem a priminha, tem o priminho, ele brinca sempre com outras crianças, mas eu tô sempre junto" Mãe 12</p> <p>"Eu acho que mais malefícios. A pouca quantidade de tempo, porque por mais qualidade que você dê ao tempo, é pouco tempo, porque... eu vejo, meu marido pelo menos chega em casa, trabalha das 7h as 19h, as crianças dormem cedo, ele tem duas horas. Cê não consegue aproveitar muito duas horas, mesmo que seja todos os dias, duas horas é muito pouco, então é ma... o maior malefício é a ausência..." Mãe 16</p>
	Criança sente falta/carência	2	<p>"Ó, eu tive uma experiência de 30 dias (...) esse tempo que eu fiquei fora ele sentiu muita falta, e ele sofreu bastante, eu chegava ele queria ficar só comigo, ele não ia nem com o pai, era só comigo (...) eu acho eles sofrem bastante, porque ele ficou muito manhoso nessa época que eu trabalhei (...) Não, não é bom" Mãe 9</p> <p>"Pra relação? Ai... a parte do benefício que eu penso é a saudade, a criança quer ficar ma... então eu acho que seria malefícios mesmo, que é a criança mais carente" Mãe 15</p>
	acompanha o desenvolvimento	2	<p>"Ai assim no meu ponto de vista mesmo eu acho que não é tão benefício ela ficar fora numa fase assim... de descoberta né, porque se ela não descobre até esse 1 ano quem ele é, as atitudes e tal... fica mais difícil né" Mãe 13</p>

				<i>"mas muitas vezes uma mãe que trabalha fora chega já na hora que o filho tá dormindo, você perde um pouco algumas fases, alguma parte do desenvolvimento então... no dia a dia, isso muito acontece com o pai, com a mãe que também trabalha muito fora, então é a onde a escola vê, a babá que vê, então você perde uma parte do crescimento." Mãe 14</i>
Depende da mãe			1	<i>"se é uma mãe que trabalha 8h horas por dia, malefícios não sei se vai ter, né (...) só não vai fazer tão bem quanto se ela pudesse optar por ficar um pouco mais de tempo. Ao mesmo tempo tem tanta mãe que é tão alienada que eu acho que é melhor a criança ficar o dia inteiro na escola do que ficar com a mãe (risos). Eu acho que é de caso pra caso." Mãe 11</i>

9. Há mais benefícios ou malefícios para a relação do casal quando a mãe trabalha fora? Quais?

Há mais benefícios ou malefícios para a relação do casal quando a mãe trabalha fora:

Benefício	Categorias		Verbalizações
	Sub-categorias	Trabalha / Não Trabalha	
Ter assunto		1	<i>"Eu acho que tem mais benefícios, usando o meu exemplo. Porque a gente acaba que não tem assunto assim, o único assunto assim pra mim é a casa e as crianças, eu não tenho essa... eu não agrego valor financeiro, eu não tenho assim assuntos variados assim, de coisas fora, então acabo sobrecarregando ele com os mesmos assuntos, sempre as mesmas coisas, sempre os mesmos problemas" Mãe 16</i>
		2	<i>"Ai aí depende da situação do casal, a condição financeira... É assim benefício seria financeiro, mas malefício seria se não tem condição tem que trabalhar né pra ajudar, depende do ponto de vista..." Mãe 13</i> <i>"eu acho que mais pra frente, quando eles tiverem numa idade maior, sem dúvida, eu preciso trabalhar fora, pro meu relacionamento seria muito melhor." Mãe 14</i>
Responsabilidades divididas	5	1	<i>"Ai penso que tem mais benefícios, porque trabalha fora né... quando chega a noite tem o que conversar, a questão financeira tem a divisão, não fica só a cargo de um... a responsabilidade do bebê também é dos dois porque os dois trabalham, então não fica ah você não trabalha então é você que tem que cuidar" Mãe 1</i>

			<p>"Olha eu acho que na minha relação com em esposo eu acho que há mais benefícios. Só que eu ousou dizer que a minha relação com ele é diferenciada, a gente... A gente tem é... responsabilidades de igual pra igual, não é ele que me ajuda, ele é tão responsável quanto eu por tudo na casa, com ela, com a cachorra, financeiramente, tudo." Mãe 3</p> <p>"Apesar dele até ter umas funções lá que ele ajuda eu dividir (...) ficando o tempo inteiro com ela você acaba meio que cansando, aí o marido chega em casa do trabalho e você acaba aí "fica voce!" Hoje a gente tá no mesmo barco, entendeu? (...) Porque se você tá em casa você tá ali na pegada, você tá com ela, aí chega o pai também cansado e você vai ficar assim na orelha dele, você não ficou com ela, fica com ela, eu já trabalhei demais, fiquei com ela o dia inteiro." Mãe 4</p> <p>"É legal a mulher tá trabalhando desde que tenha um equilíbrio, então se ficar só pra ela (...) é difícil. Mas se eu tenho uma divisão boa, que nem eu tenho (...) excelente. Acho que... seria uma parceria" Mãe 10</p> <p>"Eu acho que é mais benéfico. Ah eu acho assim que, pelo fato dos dois estarem trabalhando, eu acho que a gente se ajuda mais, é então assim eu não fico com todas as responsabilidades né, como se eu ficasse em casa o dia inteiro, eu teria mais responsabilidades pelo fato de eu não trabalhar" Mãe 5</p> <p>"o meu marido me ajuda em tudo, que nem hoje ele tá de folga ele lavou roupa, cozinhou e ajudou a casa pra mim um pouquinho. E eu chego em casa, eu não preciso falar pra ele troca o nenê ou dá banho no nenê, ele sabe que ele tem que fazer ele faz. Então pra gente tá sendo um... mais um passo junto, tá sendo importante pra unir mais." Mãe 7</p>
Saúde mental da mulher	1	1	<p>"(...) você começa a pirar dentro de casa (...) daí o marido chega você tá um... super brava, atacada, ele chega do trabalho você descarrega um monte de coisa que você tá cansada porque você tá sugada, você tá isso, você tá aquilo, eu acho que a mulher que trabalha ela passa um batom, ela prende o cabelo, ela sai ela dá uma arejada na cabeça, volta... eu acho que pra vida pessoal da mulher e pro casal, pra relação do casal, a mulher que trabalha é melhor." Mãe 6</p> <p>"... o fato de eu não ficar pensando só nele, então me tirou o foco de ficar 100% em cima dele (do bebê), o que foi bom pra ele, foi bom pra mim, foi bom pro meu casamento, então eu acho que pra uma mulher que trabalha fora é melhor pro relacionamento sim" Mãe 11</p>
Independência Financeira		1	<p>"... é bom pro casal, pra cada um ter suas atividades assim... o ruim pro casal, nessa nessa parte, a mulher fica dependente do marido (...) Quando não trabalha. Tipo hoje eu dependo dele (...) dependo do salário dele e aí assim acaba sempre tendo aquelas as discussões (...) então assim, você não ter a sua vida própria profissional é ruim. Então isso eu acho que pra muitos casais não é bom. Porque tem muita mulher hoje que não quer ser dependente." Mãe 9</p>

Malefício	Sobrecarga de trabalho por dupla jornada	1	2	<p>"Eu acho que é pior ainda, porque ela trabalha fora, chega em casa tem fazer as coisas, cuidar da criança, acho que é pior ainda... Porque cê já ficando em casa fazendo as coisas só com ele já cansa demais (risos)" Mãe 12</p> <p>"Eu acho que aí já tem mais malefícios, porque a gente chega cansada tanto quanto o marido (...) eu acabo cobrando entendeu, me ajuda fazer isso, me ajuda fazer aquilo... eu tenho que dar banho na neném. Nesse ponto sim, porque o tempo dos dois é apertado (...) agora ele quase não me ajuda em nada..." Mãe 8</p> <p>"Pra mim é malefícios também (risos). Porque assim tinha pequenos detalhes que eu não conseguiria cuidar, assim vamos supor é... uma comida mais bem feita, porque cê quer fazer aquilo correndo cê tá cansado mesmo (...) acho que é a questão de você ter um tempo pra cuidar mesmo da sua família e do seu lar" Mãe 15</p>
		1		<p>"Depende do homem, tem homem que é muito machista quer que a mulher cuide da casa e quando a mulher trabalha fora não é a mesma coisa, ela não consegue cuidar da casa igual uma pessoa que fica todo dia em casa" Mãe 2</p>
Depende do homem	Machismo	1		

10. Há mais benefícios ou malefícios para a mãe que trabalha fora de casa? Quais?

Há mais benefícios ou malefícios para a mãe que trabalha fora de casa:

Benefício	Categorias		Verbalizações
	Sub-categorias		
Benefício	Gosta de trabalhar	Trabalha	<p>"Eu acho que é mais benéfico, eu acho que trabalhar é bom (...) eu tô falando eu, o meu trabalho, que é uma coisa que eu gosto, uma carga horária leve, pra mim é bom, tanto na minha vida conjugal, como como mãe, eu percebo que é muito melhor, do que quando eu ficava só com ela" Mãe 1</p> <p>"Ó, não é fácil você, uma pessoa que trabalhou a vida inteira fora ficar em casa 1 ano. Não foi fácil, não foi fácil, mas é... tinha hora que eu me sentia inútil, que eu falava nossa, eu tô dormindo tipo duas horas da tarde porque a (...) tá dormindo" Mãe 2</p>
	Sentir-se útil	Não Trabalha	

			<p>" Eu acho que é mais benéfico, porque eu sou uma pessoa que eu não consigo ficar em casa assim (...) eu gosto de tá sempre fazendo alguma coisa então..." Mãe 5</p>
	Saúde mental/Auto estima	2	<p>"Olha eu acho que tende a ser bem benéfico, porque a mãe vai se sentir mais realizada né, desde que ela contribua com a casa, ela vai conseguir dar o melhor pro filho eu acho que... tende a ser, tem benefício." Mãe 10</p> <p>"eu acho que a mulher que trabalha fora, ela tem uma cabe[ça]... ela fica, ela oxige[na]... eu acho que ela fica com a cabeça melhor, ela vê outras coisas, ela (...) querendo ou não, assim a sociedade e os homens não valorizam, sabe? Tipo a mãe que fica em casa cuidando do filho, limpando casa e passando roupa. Homem não valoriza isso. E é puxado né, é sofrido..." Mãe 6</p> <p>"Eu acho que é melhor, sim. Pelo reconhecimento no mercado de trabalho, pela autoestima, por tudo isso..." Mãe 11</p> <p>"Eu acho que é benéfico. Por exemplo, na minha licença eu quase pirei entendeu de ficar o dia inteiro trancada, eu sempre trabalhei, sempre estudei, sempre fui independente, sempre tive o meu dinheiro sabe e você ficar em casa sem contato com ninguém, só com a criança é muito cansativo, a mente vai atrofiando." Mãe 8</p> <p>"é o momento que ela tem dela, por mais que não seja pra ela, é o momento dela, ela tá com a cabeça, o foco é diferente, dá uma aliviada, uma respirada, sair do momento materno umas horas do dia, acho que faz diferença sim." Mãe 14</p>
Malefício	Prefere ficar com o filho	3	<p>"Olha eu acho que é mais maléfico, porque eu fico lá no serviço pensando nela, eu queria estar em casa, queria poder (...) eu acho que eu gostaria de tá ainda mais tempo com ela" Mãe 3</p> <p>"Ai... se fosse pra escolher eu escolheria ficar com ela, é óbvio né. Eu acho que em nesse sentido insegurança, a cabeça tá lá no que tá acontecendo." Mãe 4</p> <p>"Mais maléfico. Porque eu gostaria de estar participando mais na, na nessa questão do dia a dia da educação né, de ensinar o certo e o errado, de mostrar os caminhos, de ele aprender a lidar com as frustrações dele, de tudo isso né?" Mãe 7</p> <p>"quando eu não tinha ele eu sentia muita falta assim de tá trabalhando, tá conversando com pessoas, tá fora né... Mas hoje eu já vejo que assim não sei se eu vou conseguir lidar com a situação de trabalhar mesmo sabendo que vai ter que ter o tempinho dele na escola" Mãe 13</p>

	Ausência		3	<p>"Ah pra ela o benefício é esse ponto dela ser independente ter, de poder fazer suas coisas, mas é... a parte ruim é ficar tanto tempo longe da criança e perder tanta coisa boa, dessa fase da criança" Mãe 9</p> <p>"eu sentia aquela frustração né, eu não tô cuidando bem, aquela cobrança, me autocobrava muito, aí meus filhos, eu não tô perto, aí amanhã, depois eles tão grandes eu vou cobrar eles de uma coisa que eu mal tive tempo de ensinar então..." Mãe 15</p> <p>"que trabalhe, mas que tenha uma carga horário menor, mas eu acho que é muito mais malefício do que benefício, pra mãe, no sentimento de mãe, que trabalha fora..." Mãe 16</p>
Depende da mulher			1	<p>"Olha, aí depende... Porque tem mulher que não guenta ficar dentro de casa, fala que tem que trabalhar... Eu já não penso assim, bom o tanto de coisa que eu tenho que fazer em casa, eu não fico parada um minuto então eu acho que não faz diferença..." Mãe 12</p>

11. Você julga que exista um arranjo ideal para relação trabalho e maternidade. O que é ideal para você?

Você julga que exista um arranjo ideal para relação trabalho e maternidade:

Categorias	Sub-categorias	Trabalha	Não Trabalha	Verbalizações
Carga horária reduzida	Reduzida	3	5	<p>"ela devia trabalhar de 6 a 4 horas, tem que ser o mínimo assim, uma coisa que não seja muito desgastante (...) pra poder dar conta de casa, de filho, de marido, ao contrário do homem que não tem tanta atribuição" Mãe 1</p> <p>"Seria só trabalhar meio período e ficar com a criança meio período né rs, aí seria ótimo aí até eu trabalharia, mas como não dá..." Mãe 9</p> <p>"Meio período. Meio período." Mãe 6</p> <p>"Eu acho que cada um tem a sua, por enquanto eu acho que meio período com ele... tá sendo bom pra ambas as partes, tô ficando com ele, tô acompanhando o desenvolvimento" Mãe 11</p> <p>"Eu acho que trabalhar meio período era ideal. Porque eu acho muito triste deixar ele o dia inteiro na escolinha, ou metade na escolinha, metade na casa da avó." Mãe 12</p>

			<p>"O ideal pra mim era uma jornada de trabalho menor, sabe. Que eu continuasse ainda com a minha vida profissional ativa, porém com mais tempo pra ela, pra casa entendeu, pro marido" Mãe 8</p> <p>"Assim, eu deixo ele de manhã na escola, e aí venho pra cá faço, também trabalho aqui em casa né (...) se for uma carga horária sei lá de 4 horas diárias assim dá pra trabalhar tranquilo, isso meio período..." Mãe 15</p> <p>"O ideal é esse meio período, você ter um período total da criança com a mãe, principalmente nessa idade assim um período inteiro sabe" Mãe 16</p>
<p>Maiores duração da licença maternidade</p>		<p>3</p> <p>2</p>	<p>Ou uma licença maternidade maior, porque é só 4 meses né, aí 5 meses pra juntar com férias eu acho que devia seguir alguns países que hoje já tem um ano de licença maternidade" Mãe 9</p> <p>"Ai pelo menos 6 meses, obrigatório pelo menos 6 meses. De licença maternidade. É pelo menos 6 meses, e assim contanto a partir do dia que a criança nasceu..." Mãe 2</p> <p>"Eu acho que na verdade a licença no Brasil é meio complicada, a questão da licença é complicada porque eles exigem que você amamente até os 6 meses mas você com 4 meses você volta, então né eu acho complicado, tem que pelo menos ser 1 ano" Mãe 4</p> <p>"Olha, depois que ela tiver independente, andando, falando, ou mais próximo da fala, conseguindo se expressar muito bem, eu acho que é extremamente benéfico trabalhar fora sim, ter essa relação, pelo menos que seja meio período ou que seja um período integral, mas que consiga dinamizar com a criança" Mãe 10</p> <p>"Mas o ideal seria os 2 anos assim como em outros países, ou pro pai ou pra mãe, no caso pra mãe seria excelente. Porque daí ele já tá falando, tá andando bem..." Mãe 7</p>
<p>Não soube responder</p>		<p>1</p> <p>2</p>	<p>"Eu acho que a rotina ajudou bastante, me ajuda, porque aí todo dia ele dorme naquele horário, assim desde o começo eu fui estabelecendo horário de banho, horário de sono, e eu acho que se eu não tivesse feito isso quando eu voltasse a trabalhar não ia dar conta não" Mãe 5</p> <p>"Não sei te dizer por não trabalhar, a tem que ter a escolinha e os horários né, rotina..." Mãe 13</p> <p>"eu acho que dá, dá pra conciliar, eu não sei, eu não cheguei a ter muita... muito a essa parte, não que seja muito fácil, mas dá pra conciliar" Mãe 14</p>

Não existe				<i>Não existe. Porque cada pessoa é única, cada interação de duas pessoas vai ser única. É... Tem muitas variáveis aí nessa história, não existe um arranjo perfeito eu acho. " Mãe 3</i>
------------	--	--	--	---

12. O que significa/representa o trabalho na sua vida neste momento?

O que significa/representa o trabalho na vida da mãe no momento:

Categorias	Sub-categorias	Verbalizações		
		Trabalha	Não Trabalha	
Realização Profissional/Pessoal		3	3	<i>"O meu trabalho faz parte da minha vida, é algo que eu gosto muito de fazer então eu faço com muito prazer e ajuda muito assim é... tanto do ponto de vista financeiro né, do ponto de vista social também, intelectual..." Mãe 1</i>
				<i>"Eu acho que agora eu consigo associar que faz parte assim, pra mim agora tranquilo, tranquilo..." Mãe 4</i>
				<i>"Seria uma realização, então pra quem ficou assim muito tempo só estudando, se formando, eu acho que hoje seria uma realização..." Mãe 10</i>
				<i>"Ai eu, eu amo o que eu faço, eu eu assim eu lutei muito pra fazer o que eu fiz, eu cheguei a fazer outra faculdade e cancelei (...) eu gosto demais do que eu faço (...) não é pelo dinheiro, mas eu não gostaria de parar de trabalhar de jeito nenhum" Mãe 6</i>
				<i>"Realização pessoal. Realização pessoal é... eu acho que no sentido profissional mesmo (...) uma realização pessoal muito grande, me faz muito bem, me faz me senti mulher, não só mãe." Mãe 11</i>
				<i>"Eu acho muito importante, acho que todo mundo... é um tempo pra você, seu dinheiro, sua qualificação, seu reconhecimento..." Mãe 14</i>
Ocupação/Distração		2		<i>"Nesse momento é uma distração, porque quando eu tô lá é o meu serviço eu ocupo a minha cabeça, passa o tempo..." Mãe 2</i>
				<i>"Ah eu gosto de trabalhar assim de trabalhar, eu sempre gostei, então eu acho que eu não conseguiria assim ficar sem trabalhar né (...) Eu acho que pra mim é, ocupa assim a minha cabeça né" Mãe 5</i>
Financeiro	Não realização	1	1	<i>"Olha representa só o meu ganha pão, até porque a área que eu tô não é uma área que me instiga..." Mãe 3</i>
				<i>"Hoje pra mim acabou sendo só financeiro, só agregar valor financeiro, porque eu tenho uma faculdade, sou especialista, fiz especialidade (...) acabei não exercendo mais, acabei perdendo o interesse pela profissão, então hoje qualquer coisa que eu vir a fazer</i>

			<i>vai ser só pelo benefício financeiro..." Mãe 16</i>
	Qualidade de vida/ saúde mental	1	<i>"tudo isso contribui o meu trabalho né, pra nossa condição de hoje. Financeira e mental, proporcionando a gente viajar, ter lazer, poder comprar as coisas, eu acho que é isso..." Mãe 8</i>
Não é prioridade			<p><i>"sendo mãe, eu acho que o trabalho ou a questão financeira hoje ficou bem menor do que todo o tempo que eu passo com ele, então hoje eu não daria importância ..." Mãe 9</i></p> <p><i>"Acho que... perto dele não tem importância nenhuma... (risos) assim graças a Deus meu marido trabalha e consegue... Acho que perto dele não é nada importante não." Mãe 12</i></p> <p><i>"no momento eu não consigo ver trabalhar como prioridade, mas antes quando eu tinha esse tempo livre aí sim eu via que era necessário mais acho que mais pra ocupar o tempo e pela necessidade financeira..." Mãe 13</i></p> <p><i>"Pra mim hoje o trabalho tá em segundo plano, em primeiro plano seria eles mesmo, a família, minha casa, meus filhos ..." Mãe 15</i></p>
Outros		1	<i>"é importante você ter a sua independência, não só financeira, mas psicológica também né, do que cê tá sempre dependendo de alguém. Mas essa questão de... de ter me tornado mãe é... mexeu um pouquinho com esse pensamento, porque as vezes eu penso em parar de trabalhar pra ficar com ele." Mãe 7</i>

APÊNDICE C - Protocolo De Atividades Diárias

1- Marque na tabela os momentos em que você costuma estar **exclusivamente com sua criança**, sejam eles de cuidados (banho, troca de fralda, fazer dormir, etc) ou brincando, acariciando, vendo livros, cantando, dançando, etc. Escolha um dia da semana (segunda à sexta-feira) e um dia do final de semana (sábado ou domingo; ou folga do trabalho). Descreva a atividade e o tempo dedicado a ela. Procure ser bem preciso no tempo, marcando os minutos de duração da atividade.

2- Pensando nos períodos em que geralmente você está com a criança, você está:

Sozinha com a criança..... () Sim () Não

Há outros adultos presentes.....() Sim () Não

Se sim, quais? _____

Há outras crianças presentes() Sim () Não

Se sim, quais? _____

3- Avalie o quanto você se dedica às seguintes atividades. Coloque no parêntese o número de horas aproximadas na semana e dias da semana em que costumam ser realizadas (por exemplo: 2h por dia de 2ª a 6ª. feira ou 3 hs no domingo).

• Trabalhos domésticos, como cozinhar, arrumar a casa, etc.

(_____)

• Outras atividades realizadas em casa como costurar, bordar, estudar, ler, escrever, trabalhar no computador (_____)

• Atividades de lazer semanais sem a criança: sair com amigos, almoçar/jantar fora, ir ao cinema, festas, etc. (_____)

• Atividades de lazer semanais com a criança: almoçar/jantar fora, passear praças, passear shopping, casa dos avós ou de amigos, etc.

(_____)

4- Com quem você pode contar para te ajudar no cuidado com seu filho/a durante a semana? Quantas horas semanais aproximadamente?

1) _____

2) _____

3) _____

4) _____

5- Com quem você pode contar para te ajudar no cuidado com seu filho/a nos finais de semana? Quantas horas aproximadamente?

1) _____

2) _____

3) _____

4) _____

ANEXO A - Questionário De Caracterização Do Sistema Familiar Versão – Pais Ou Responsável

(DESSEN, 2009)

I IDENTIFICAÇÃO

1. Criança: _____ Família: nº _____
2. Data de Nascimento: ___/___/_____
3. Residência: () Área urbana () Área rural
4. Questionário respondido por: () mãe
5. Aplicador: _____ Data: ___/___/_____.
Início: _____h_____m. Término: _____h_____m

II DADOS DEMOGRÁFICOS

6. Iniciais da mãe: _____
7. Estado Civil Atual:
 - a) () casada () vive junto
 - b) () 1º companheiro () 2º companheiro () 3º companheiro () 4º companheiro ou +
 - c) Há quanto tempo você vive com o seu marido/companheiro atual?
(anos e meses) _____
 - d) Há quanto tempo você se separou do pai biológico da criança?
(anos e meses) _____
 - e) Quantos filhos você tem? _____
 - f) Quantos filhos você tem com o atual companheiro? _____

8. Idade (anos, meses):

Mãe biológica: _____

Pai biológico: _____ Padrasto: _____

9. Escolaridade:

a) Mãe

Completo: () Ensino Fundamental () Médio () Superior

Incompleto: () Ensino Fundamental () Médio () Superior

() outros _____

a) Pai ou padrasto:

Completo: () Ensino Fundamental () Médio () Superior

Incompleto: () Ensino Fundamental () Médio () Superior

() outros _____

10. Religião

a) Qual a religião predominante em sua família?

() Católica () Evangélica () Espírita () Outras

b) Quem frequenta?

() Casal e filhos () somente o casal () somente os filhos

c) frequência a cultos:

() semanalmente () quinzenalmente () mensalmente

() esporadicamente (pelo menos uma vez por ano)

() não frequentam

11. Ocupação atual:

a) Especifique:

Da mãe	
--------	--

Do pai	
--------	--

b) Mãe:

Há quanto tempo trabalha neste emprego? _____

Horas que trabalha por dia: _____

Quantos dias na semana:

() 2ª à 6ª () 2º à sábado () 2ª à domingo () trabalho por escala

c) Pai ou padrasto:

Há quanto tempo neste emprego? _____

Horas que trabalha por dia: _____

Quantos dias na semana:

() 2ª à 6ª () 2º à sábado () 2ª à domingo () trabalho por escala

12. Renda Familiar mensal com base no salário mínimo (R\$ 880,00):

a) Mãe: 1 - 2 () 3-4 () 5-6 () + de 7 ()

b) Pai ou padrasto: 1 - 2 () 3-4 () 5-6 () + de 7 ()

13. Moradia:

13.1 Tipo de moradia:

() Casa () Apartamento

13.2 Situação da moradia:

() Própria () Alugada

a) Como você julga a condição de sua moradia?

Precária () Boa () Muito boa () Ótima ()

a) Quem mora na casa além do casal e filho/s? Há quanto tempo (anos, meses)?

14. Constelação Familiar

a) Número de pessoas na família: _____

b) Crianças residentes: _____

c) Qual a idade e sexo dos filhos? Qual a escolaridade? Onde estudam?

Filhos	Idade	Sexo (F) (M)	Escolaridade	Instituição: (1) Pública (2) Privada	Período: (1) Integral (2) Parcial
Primogênito					
Segundo					
Terceiro					
Quarto					
Outros					

III – CARACTERIZAÇÃO DO SISTEMA FAMILIAR

15. Quanto às atividades de lazer da família

15.1. Local?

Local	Atividades
Dentro de casa	

Na vizinhança	
Residência de parentes/amigos	
Locais públicos	

15.2. Tipos de Atividades?

ATIVIDADES SOCIAIS	FREQUÊNCIA				
	Nunca	Menos que uma vez por mês	1 a 3 vezes ao mês	1 vez por semana	Diariamente
Religiosas					
Grupos de estudo/assistência à comunidade					
Missas/Cultos em geral					
Eventos sociais/festas					
Encontros sociais com amigos/familiares					
Visitas					
Comemoração em geral					
Encontros em locais públicos/alimentação					
Culturais					
Festas típicas					
Cinema/teatro					
Visitas a centros culturais					
Não participa de atividade de lazer					

15.3. Com quem a família compartilha as atividades de lazer?

- Todos os membros da família
 Toda família com avós (que residem no mesmo local)
 Apenas mãe e filhos
 Toda família com parentes em geral
 Apenas pai e filhos
 Toda família com amigos

16.4. Quando as atividades de lazer são realizadas?

- Durante os finais de semana Durante a semana

15.5. Qual a importância das atividades de lazer para a sua família?

16. Rotina da família:

17.1 Divisão das tarefas domésticas: Atribuições

Que pessoas fazem as atividades abaixo:

17.1.1. Quanto aos cuidados dispensados ao filho alvo da pesquisa:

	Mãe	Pai	Avós	Empregada	Outro
a) Alimentação/banho	<input type="checkbox"/>				
b) Levar à escola	<input type="checkbox"/>				
c) Ler/contar histórias	<input type="checkbox"/>				
d) Levar às atividades de lazer	<input type="checkbox"/>				
e) Colocar a criança para dormir	<input type="checkbox"/>				
f) Brincar	<input type="checkbox"/>				
g) Outros (especificar)	<input type="checkbox"/>				
h) Há alguma outra pessoa que ajuda a cuidar da criança semanalmente?					

16.1 Cuidados dispensados com os afazeres domésticos:

	Mãe	Pai	Irmãos	Avó	Empregada	Outro
a) Limpar a casa	<input type="checkbox"/>					
b) Cozinhar	<input type="checkbox"/>					
c) Lavar/passar a roupa	<input type="checkbox"/>					
d) Comprar alimentos	<input type="checkbox"/>					
e) Orientar a empregada nas tarefas domésticas	<input type="checkbox"/>					
f) Outras (especificar)	<input type="checkbox"/>					

16.1.1 Apenas no caso de a família contar com ajuda de empregada doméstica

a) Há quanto tempo tem uma empregada doméstica?

b) Período no trabalho? tempo integral parcial diarista

c) Qual o envolvimento da empregada doméstica na vida da família?

16.2. Características da rede social de apoio da família.

OBS: Colocar a ordem de importância nos quadradinhos correspondentes e responder a questão sobre o tipo de participação e envolvimento na vida familiar, caso seja de interesse da pesquisa.

 MEMBROS FAMILIARES

esposa marido

1º filho 2º filho 3º filho +4 _____

Por parte da mãe: avô avó tio tia outros

Por parte do pai: avô avó tio tia outros

Qual a participação de cada uma das pessoas listadas na vida da família?

 REDE SOCIAL NÃO FAMILIAR

amigos vizinhos empregada babá outros

Qual a participação de cada uma das pessoas listadas na vida da família?

Descreve ou faz perguntas sobre brinquedos/objetos									
Mostra à criança como utilizar um brinquedo									
Estimula a linguagem da criança e suas verbalizações									
Nomeia as experiências da criança									
<i>Afeto positivo</i>									
Mantém contato visual enquanto interage									
Fala em tom de voz afetuoso									
Sorri e/ou dá gargalhada									
Abraça, beija ou mostra outras expressões físicas de afeto									
Entusiasma-se como o que a criança está fazendo									
<i>Afeto negativo</i>									
Apresenta expressões faciais negativas									
Fala em tom de voz seco									
Reprime atitudes da criança									
Ameaça									
Grita									
<i>Desengajamento</i>									
Não acompanha visualmente a atividade da criança									
Não responde às vocalizações, sorrisos ou outros comportamentos da criança									
Ignora coisas interessantes que a criança faz									
Apresenta objetos à criança sem convidá-la à interação									
<i>Intrusividade</i>									
Não permite que a criança faça escolhas ou selecione atividades/brinquedos									
Insiste que a criança faça alguma coisa sem estar interessada									
Modifica a atividade quando a criança apresenta interesse									
Invade o espaço da criança									
Oferece uma barreira à interação									

ANEXO C – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS DE BAURU
- JÚLIO DE MESQUITA FILHO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: MÃES QUE EXERCEM TRABALHO REMUNERADO OU NÃO: QUALIDADE DA INTERAÇÃO COM O BEBÊ

Pesquisador: ÉRICA CUNHA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 61211616.9.0000.5398

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.817.775

Apresentação do Projeto:

O projeto atende as exigências acadêmicas e, em especial, as demandas éticas apresentadas pela resolução 466/12 do CNS.

Objetivo da Pesquisa:

Conforme consta no projeto, seu objetivo geral consiste em procurar identificar se há diferenças qualitativas na interação mãe-bebê em função do trabalho externo

materno ou não e de suas crenças ligadas à temática maternidade e trabalho. Como objetivos secundários ou específicos contam: - Caracterizar as famílias participantes; - Identificar o tempo de cuidado/interação social

com seus bebês exclusivo com os bebês de mães que trabalham e não trabalham fora de casa. - Caracterizar a interação diádica entre mãe-bebê

de mães que trabalham e não trabalham fora de casa;- Caracterizar o tipo de vínculo de apego mães-bebês; - Identificar crenças maternas em relação ao trabalho e à maternidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Adequado.

Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01

Bairro: CENTRO

CEP: 17.033-360

UF: SP

Município: BAURU

Telefone: (14)3103-6087

Fax: (14)3103-6087

E-mail: arimaia@fc.unesp.br

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS DE BAURU
- JÚLIO DE MESQUITA FILHO



Continuação do Parecer: 1.817.775

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Relevante e muito bem planejada, com fundamentação teórica adequada.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Adequado, demonstrando clareza no oferecimento das informações e linguagem acessível aos responsáveis (mães) dos bebês participantes da pesquisa.

Recomendações:

Nenhuma.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado!

Considerações Finais a critério do CEP:

O projeto em pauta se encontra elaborado em acordo com os parâmetros éticos presentes na resolução 466/12 tanto em sua dimensão metodológica como em respeito aos direitos dos sujeitos envolvidos na investigação.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_796488.pdf	03/10/2016 14:58:56		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	03/10/2016 14:55:07	ÉRICA CUNHA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa_Comite_de_Etica.docx	03/10/2016 14:54:48	ÉRICA CUNHA	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	03/10/2016 14:44:43	ÉRICA CUNHA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01
Bairro: CENTRO CEP: 17.033-360
UF: SP Município: BAURU
Telefone: (14)3103-8087 Fax: (14)3103-8087 E-mail: arimaia@fc.unesp.br

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS DE BAURU
- JÚLIO DE MESQUITA FILHO



Continuação do Parecer: 1.817.775

BAURU, 10 de Novembro de 2016

Assinado por:
Alessandro Moura Zagatto
(Coordenador)

Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01
Bairro: CENTRO CEP: 17.033-360
UF: SP Município: BAURU
Telefone: (14)3103-8087 Fax: (14)3103-8087 E-mail: arimaia@fc.unesp.br